



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CENTRO DE HUMANIDADES

UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**RELIGIÃO E POLÍTICA FESTEJAM JUNTOS O SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS NA PARAÍBA**

Francisco Jomário Pereira

Orientadora: Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima

CAMPINA GRANDE

2014

FRANCISCO JOMÁRIO PEREIRA

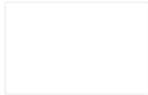
**RELIGIÃO E POLÍTICA FESTEJAM JUNTOS O SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS NA PARAÍBA**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais da Universidade
Federal de Campina Grande (PPGCS-
UFCG), como requisito para
obtenção do título de Mestre em
Ciências Sociais.**

Orientadora: Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima

Campina Grande

2014



FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

P436r Pereira, Francisco Jomário.
 Religião e política festejam juntos o sagrado coração de Jesus na Paraíba
 / Francisco Jomário Pereira. – Campina Grande, 2014.
 139 f.: il. color.

 Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de
Campina Grande, Centro de Humanidades, 2014.

 "Orientação: Prof. Dr.ª Elizabeth Christina de Andrade Lima".
 Referências.

 1. Política. 2. Religião. 3. Festa. 4. Sagrado Coração de Jesus.
I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 316.7(813.3)(043)

BANCA EXAMINADORA

Dissertação apresentada em 31 de março de 2014

PROFa. Dra. ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA (ORIENTADORA)
(Universidade Federal de Campina Grande- PPGCS- UFCG)

PROFa. Dra. MARINALVA VILA
(Examinadora externa) (Universidade Federal de Campina Grande- PPGH- UFCG)

PROFo. Dra LEMUEL DOURADO GUERRA (Examinador interno)(Universidade Federal de Campina Grande- PPGCS- UFCG)

DEDICATÓRIA

A minha mãe, meu chão, meu motivo de ser, meu tudo.

Aos meus irmãos, Janesso, Jeison e Jefeson.

EPÍGRAFE

A festa enfim não pode ser mais apenas analisada como um ritual para ser vivido ou sentido, ela é instituída para ser também, e sobretudo, vista. Vista pelas lentes da indústria do turismo, da mídia, dos grupos políticos locais e nacionais, dos detentores do poder econômico, dos grupos religiosos da criação cultural, do festeiro participe da festa, etc.

(Elizabeth Christina de Andrade Lima. 2002)

Agradecimentos

“O mundo pertence aqueles que acreditam na beleza de seus sonhos”

Eleanor Roosevelt

Foi acreditando em meus sonhos que aos dezoito anos me mudei de “mala e cuia” para Campina Grande, sete anos se passaram desde então, assim, tenho construído minha vida baseada em sonhos, que são plantados diuturnamente nessa terra fértil, por isso meus agradecimentos são muitos.

Não poderia começar de outra forma que não fosse agradecendo a Deus, causa primeira de todas as coisas, e a minha mãe Maria, que me cobre com seu manto de amor e proteção. Com este trabalho encerro uma etapa em minha vida que se iniciou em 2007 quando da minha vinda para Campina Grande, por isso agradeço a essa cidade maravilhosa que me deu e continua dando tudo que eu tenho.

Devo agradecer a todos aqueles que começaram comigo essa jornada, a turma de feras de 2007.2 do curso de Ciências Sociais, muitos trilham o mesmo caminho que eu na turma de mestrado de 2012, que todos possam ter perseverança nos caminhos escolhidos, agradeço a instituição UFCG, ela foi minha casa, me deu comida e abrigo durante quatro anos, ajudando na minha construção, não só enquanto pesquisador, mas enquanto cidadão digno e pleno. Aos amigos da secretaria, Danny e Rinaldo, que por dois anos me aguentaram, vocês não só cumpriam suas tarefas, mas ajudavam indo além, não posso esquecer do meu amigo Ruy Everson, um anjo do nosso departamento, Armani com suas brincadeiras sem graça.

Aos professores, eles me moldarão e estimularão, a todos aqueles que, de modo direto ou indireto contribuíram para a minha formação na graduação, e agora na pós, Lemuel, Rodrigo, Gonzalo, Benedita, com ela dei meus primeiros passos no mundo da pesquisa, Maria da Conceição (Lolâ), Ronaldo e Ângela Metri, a você o meu eterno agradecimento pelas aulas sobre Durkheim,

graças ao seu modo particular de lecionar que, consegui lembrar das suas falas sobre o autor, e assim escreve-las na prova de seleção.

Aos professores Lolâ que participou da qualificação do projeto, Lemuel e Marinalva que participaram da qualificação, e que agora concluem esse trabalho comigo.

Entre todos os professores que tive, uma me cativou, não só pelo seu modo de ensinar, mas principalmente pelo sorriso aberto, generosidade e humildade com que repassa o que sabe, a ela me agarrei, e não pretendo soltar, professora Elisabeth, tão querida por todos que é conhecida simplesmente como Bebete, acessível, paciente, capaz, mas principalmente, humana, graças a você consegui concluir essa etapa em minha vida, não só me deu aporte teórico ou metodológico, mas principalmente emocional, pois suas palavras de confiança não só estimulam como confortam no momento certo. Meu eterno obrigado. Me desculpe pelos transtornos e indisciplina, mas o carinho e respeito que lhe tenho são imensos.

Chega a parte mais difícil de agradecer, aqueles que já não estão mais entre nós, ao meu avô Santino, que se foi cedo, mas deixou marcas de dignidade e honestidade que o tempo jamais apagará, a minha vó Chiquinha, não era doce, mas era justa, me ensinou o respeito, me ensinou que a vida não é só flores, mas que podemos plantar canteiros, e assim colhe-las no momento certo.

Aos avós vivos, Dona Elena e seu Chico Targino, meu abraço fraternal.

As mulheres da minha vida, minhas tias materna, Tia Preta, Tia Branca, Tia Carminha, Tia Neta, minhas tias paterna, Tia Olivia, Tia Nega, e principalmente Tia Fátima, essas mulheres me surpreenderam com suas palavras e atitudes, e que hoje me inspiram, mulheres fortes e sertanejas.

Meu amor eterno, minha luz guia, minha mãe, mais uma Maria desse mundo, a você todos os meus agradecimentos, se alguém tem sorte nesse mundo, esse alguém sou eu, pois fui contemplado por sua mão firme e palavra amiga, fui agraciado por sua competência em me ensinar o que é a vida. Obrigado simplesmente por existir, pois seu exemplo por si basta. “Maria, Maria

é um dom, uma certa magia, uma força que nos alerta, uma mulher que merece viver e amar, como outra qualquer do planeta”.

Ao meu pai, mesmo distante e ausente, me ensinou talvez a lição mais valiosa, a enxada é mais pesada que a caneta.

Aos meus amigos irmãos, razão das minhas alegrias, Rodeildo, Paulo, Ragde, em especial a Bruno, que com dedicação e atenção ajudou durante esse percurso.

Aos amigos especiais e de primeira hora, Katarina, Anderson, Juliana, Filipe e Luana. Fizeram e continuam fazendo parte dessa história louca e divertida.

Aos meus irmãos, todos Franciscos, Janesso, Jeison e Jefeson.

As amigas, com quem converso e me divirto, onde tiro grande parte da minha inspiração, Kátia, Jaqueline, Tatiana, Kamilla, Luana e Kelianny (18 anos de amizade) minhas irmãs e cúmplices.

As amigadas construídas na Universidade, Catyelle, Jéssica Sobreira, Érika e Gládia tão parecidas comigo...

Aos primos e primas mais chegados, mesmo com a distância, Roberta, Rafael, Sabrina, Karin, Rosana, Willams, e todos os demais...

Aos amigos e colegas da Escola Cônego João Marques, Ana Maria, Márcio, Euda, Gersio, Marília, Penha, Jake, Zoraia, Amanda. As meus alunos, que me ensinam uma lição por dia. Agradeço especialmente a direção e as funcionárias da secretaria, Nina em especial, pois facilitaram a minha vida profissional e acadêmica, compreendendo as minhas necessidades.

Não posso esquecer os amores que vieram e que se foram, também me ensinaram algo, o amor e respeito ao próximo.

E por fim a Santa Cruz, minha cidade natal, que me proporcionou o campo para estudo, agradeço pelo berço, e tranquilidade em poder nascer e crescer em paz.

Resumo

Esta dissertação possui como objetivo analisar a relação entre uma festa religiosa e política, mais precisamente a festa do Sagrado Coração de Jesus na cidade de Santa Cruz, interior da Paraíba. Buscamos analisar e compreender se a festa em questão era apropriada pelos políticos locais e quais as estratégias que os mesmo utilizavam para circular dentro do espaço sagrado e profano. A nossa análise teve como fio condutor o leilão que ocorre durante a festa, analisamos dois momentos distintos desse fenômeno social respectivamente nos anos de 2012 e 2013, para então compreender como as movimentações se davam no momento específico dos leilões. Para compreender todo esse processo, entrevistamos e posteriormente analisamos as falas de políticos locais e cidadãos Santa-cruzenses. Todo nosso esforço esteve pautado na técnica da observação participante e em questionários semi-estruturados. O reencontro com a festa do Sagrado Coração de Jesus, nos possibilitou a ampliação do olhar e da compreensão dos significados de Festa, religião e política, pelo véis da cultura.

Palavras- chave: Festa. Religião. Política. Sagrado Coração de Jesus.

Abstract

This thesis has aimed to analyze the relationship between a religious and political party , specifically the feast of the Sacred Heart of Jesus in the city of Santa Cruz , interior of Paraíba . We analyze and understand whether the party in question was appropriated by local politicians and what strategies the same used to move within the sacred space and profane. Our analysis was to thread the auction that takes place during the party , we analyze two distinct social phenomenon that in the years 2012 and 2013 respectively moments , and then understand how the drives were provided on specific time of the auction. To understand this process , we interviewed and subsequently analyzed the speeches of local politicians and citizens - Santa cruzenses . All our effort was guided by the technique of participant observation and semi -structured questionnaires . The reunion with the feast of the Sacred Heart of Jesus , enabled us to look at and expanding the understanding of the meanings of Party, religion and politics at v́eis culture .

Keywords: Party. Religion. Politics. Sacred Heart of Jesus.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	13
I	FESTA: INCURSÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICA.....	18
I.I	A terra do sagrado coração de Jesus.....	18
I.II	A escolha do campo	19
I.III	A pesquisa de campo	21
I.IV	Algumas incursões sobre o significado da festa no Brasil	27
II	FESTA E DEVOÇÃO	42
II.I	Caminhando com os devotos.....	42
II. II	O Início das noitadas da festa.....	49
I.III	A presença dos políticos locais na festa	57
III	FESTA, RECIPROCIDADE E ESPETÁCULO- OS USOS POLÍTICOS DA FESTA	64
III.I	As trocas simbólicas	72
III.II	O significado da política.....	86
III.III	A política como um “balcão de negócios”.....	93
IV	A DISPUTA POR FRANGOS E PODER	99
IV.I	Chega o grande dia, o grande leilão.	99
IV.II	O rito e suas características	102
IV.III	Os significados simbólicos do leilão.....	109
IV.IV	O leilão no ano de 2012.....	120
IV.V	O leiloeiro e sua função de animador.....	123
IV.VI	Considerações finais.....	135
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	139

Lista de imagens

Imagem 01: Saída da procissão de motos e de carros no contorno na entrada da cidade. 2012	44
Imagem 02: Bandeira do Sagrado Coração de Jesus.....	45
Imagem 03: Início da Procissão.	46
Imagem 04: Abertura solene da festa e coroação de Nossa Senhora.	48
Imagem 05: Interior da Igreja, 2012.....	51
Imagem 06: Realização da Missa.....	52
Imagem 07: Entrada da imagem do padroeiro na igreja matriz	53
Imagem 08: Organização das mesas e cadeiras para a festa. 2012.....	56
Imagem 09: Vista lateral esquerda da Igreja Matriz na noite de abertura da Festa. 2012.....	62
Imagem 10: Pe. D'jacy Brasileiro e sua cruz de latas.....	66
Imagem 11: Ao centro da foto vemos o candidato a prefeito pela oposição....	81
Imagem 12: O frango é embrulhado em papel alumínio e decorado com tomate e azeitonas.....	99
Imagem13: Preparação dos frangos.....	100
Imagem 14: Venda de bolos, salgados e frangos. 2012.....	101
Figura 15: Visão panorâmica. 2012.....	101
Imagem 16: Publico ocupa o espaço da festa do Sagrado Coração de Jesus	103
Imagem 17: Observamos na imagem, a volta da venda e consumo da bebida alcoólica, no ano de 2012.....	109
Imagem 19: Mesa composta por candidata à vereadora e sua família, ao centro podemos ver o seu esposo, a o lado esquerdo do mesmo, os seus filhos, juntamente com convidados.....	112
Imagem 19: Observamos da esquerda para a direita: Severino Gomes, ex-candidato a prefeito e atual secretário de agricultura de Santa Cruz, Vereador Aldjones Abrantes, em seguida o filho do atual secretário da agricultura, Hélio Gomes, nome cotado ao cargo de vice- prefeito nas eleições de 2016, e por fim, o atual prefeito Raimundo Antunes, na época, candidato a reeleição.....	118
Imagem 21: O leiloeiro inicia o leilão.....	123
Imagem 22: Vereador Marquinhos e candidato a reeleição ao centro da foto, acompanhado de sua esposa e do candidato a prefeito pela oposição.	130

INTRODUÇÃO

O PESQUISADOR E SUA PESQUISA

Toda pesquisa que procura adequar-se ao rigor científico tem que possuir no corpus de sua construção uma hipótese, objetivos, metodologia, teorias e as considerações finais, a nossa não foge a regra, apenas tentamos fazê-la de um modo mais suave, em que apresentamos e descrevemos nosso objeto de pesquisa, que foi construído ao longo de mais de três anos, em um processo de lapidação. O que pretendemos apresentar é um fenômeno, fato social, bem localizado e delimitado, sem pretensões generalistas ou universalistas, pretendemos destacar muito mais a experiência vivida em campo durante três anos em que fomos reconstruídos enquanto pesquisador e cidadão santacruzense. As análises aqui contidas nos permitiram repensar o nosso lugar de nascimento e onde passamos parte de nossa vida, fomos pesquisadores e ao mesmo tempo postos como pesquisado, realidade constante presente no texto.

Santa Cruz é uma cidade que ao longo do ano parece ser relativamente pacata, se transformando nos períodos eleitorais; as brigas e discussões se acirram, os ânimos se exaltam, a festa fica mais colorida, geralmente as cores dos partidos que disputam o pleito, tudo parece até mais bonito, ao menos mais alegre, essa é a impressão que sempre nos foi passada. Aqui resignificamos parte da história que carrego comigo, de uma festa que ao longo dos anos, foi adquirindo novos significados, novas apropriações por parte da Igreja, dos agentes culturais, dos políticos locais. Como cidadão, observamos essas mudanças, mas agora sob o olhar, a “lupa” do pesquisador, tentamos entender, significar tais mudanças e continuidades de uma festa que ainda é a grande atividade da cidade. O principal momento de religiosidade profana e sagrada.

Ao sair da cidade, e depois voltando para as férias, percebemos mudanças no modo de se fazer a festa; até mesmo o modo de se divertir havia mudado, começamos então a questionar, tentamos entender o que passou “na cabeça” do padre para que ele retirasse a maior fonte de renda da Igreja durante todo o ano, praticamente o que sustenta o padre e as ações da Igreja são os leilões, e a venda de bebidas durante as festas de padroeiro. Em conversas informais começamos a perguntar, nenhuma resposta nos era dada, enfim, de volta a Universidade, dando continuidade a nossa formação, nos deparamos com um texto que aparentemente nos respondia parcialmente as inquietações quanto a festa do Sagrado Coração de Jesus. Marcos Lanna nos ajudou bastante a pensar em uma hipótese plausível e Elizabeth Lima a lapidar as ideias e hipóteses, e assim, chegamos a elas.

Partimos da hipótese de que a festa do padroeiro da cidade de Santa Cruz e as atividades concernentes à festa Católica servem de canal de fortalecimento e perpetuação do poder local por parte dos políticos e seus prepostos. Sabemos que muitos trabalhos e pesquisas já foram realizados com a temática festa, mas nenhuma até o presente momento em Santa Cruz. Aprendemos com a Antropologia que cada sociedade e comunidade podem ser um universo completamente diferente e possível de investigações, assim, vimos na festa do Coração de Jesus a possibilidade de analisar, de modo etnográfico, a participação dos políticos locais.

Nossa primeira discussão metodológica foi enfrentada durante o processo de seleção, fomos duramente criticados, o projeto não era claro quanto ao nosso objeto de pesquisa, questionou-se se iríamos pesquisar o padre responsável pelas mudanças observadas na festa, ou se analisaríamos a festa do padroeiro, resolvemos apostar na festa, tendo em vista que o padre só se destacou graças às mudanças realizadas na festa de padroeiro. Assim mudamos pela primeira vez.

Então, decididos que em Santa Cruz existia um fenômeno social de interesse das Ciências Sociais, partimos com o objetivo de analisar a Festa do Sagrado Coração de Jesus e sua apropriação por parte dos políticos locais. Fato que ao longo da dissertação tentaremos comprovar. Para fortalecer os

procedimentos teóricos e metodológicos, definimos os nossos objetivos específicos, que durante a realização da pesquisa foram se transformando, e se adaptando ao contexto.

Nossos objetivos foram: Etnografar a Festa do Sagrado Coração de Jesus, especialmente a realização de leilões nos pavilhões da festa; Detectar, através de relatos orais e documentos diversos, as mudanças ocorridas na festa ao longo de sua existência; Analisar a relação entre festa e política, tão presentes na festa do Sagrado Coração de Jesus; Além de investigar as formas e as estratégias que os políticos utilizam para circularem durante a festa e construírem seu capital político, conseqüentemente, sua permanência no poder local.

De modo a sistematizar as teorias com o campo de estudo, dividimos nossa dissertação em quatro capítulos.

DISPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo realizamos uma incursão teórico-metodológica; situamos o leitor no espaço e tempo delimitado pela pesquisa. Abordamos não só a teoria, mas principalmente as dificuldades encontradas em relacionar os dados coletados em campo com as categorias teóricas utilizadas. A nossa ênfase e o nosso objetivo não é realizar uma incursão pelas teorias que tratam do tema em tela, mas selecionar e problematizar a sua pertinência com nosso objeto de estudo.

No segundo capítulo, focamos o papel social da religião católica, que tem a figura do padre como um disciplinador, para tal, utilizamos o exemplo da procissão em homenagem ao santo padroeiro. Percorremos um pequeno percurso histórico mostrando o surgimento do Apostolado da Oração, lembrando a importância que esse grupo religioso possui no interior da igreja católica, e de seu papel durante a festa do Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz. Analisamos também a presença dos políticos locais em todas as atividades da festa, seja em seus momentos profano, seja sagrado.

Apresentamos as noites da festa, levando a compreensão de que quanto mais próximo da noite do leilão, mais políticos se fazem presentes nas celebrações eucarísticas, vale salientar que a importância da festa é sempre intercalada, aumenta ou diminui conforme se aproxima a eleição.

No nosso terceiro capítulo intitulado “Festa, Reciprocidade e Espetáculo – os usos políticos da festa” passamos a analisar mais claramente a posição dos políticos na festa e de como a ligação entre Igreja e política perdura há muitos anos, não sendo exclusividade da cidade de Santa Cruz essa ligação quase que simbiótica. Mostramos como os políticos se movimentam durante o leilão, e quais estratégias podem e devem ser usadas na tentativa de construir seu capital político e social. Construimos nesse capítulo um pequeno perfil do então pároco da cidade, Djacy Brasileiro e buscamos analisar como as mudanças realizadas por ele na festa proporcionaram novas estratégias de circulação dos políticos durante a mesma. Com as mudanças realizadas pelo padre, pudemos analisar como é de extrema importância a realização dos leilões para a distribuição de bens simbólicos, chegando a compreensão de que o leilão é o coração da festa de padroeiro, assim, durante nossa incursão a campo, observamos mais mudanças, começando com a troca do pároco, e como afirmamos na dissertação, novo padre, nova velha forma de se fazer a festa, o leilão voltou. Com a volta do leilão conseguimos observar como a prática política é feita durante a festa, ficou mais claro que o leilão é o fio condutor da ação política.

Outra observação é realizada ainda neste capítulo, defendemos que a velha prática política persiste; a utilização da política como um balcão de negócios, fato que fica claro nos depoimentos colhidos, principalmente quando conseguimos observar essa prática ocorrendo na preparação da festa religiosa. Por fim, conseguimos coletar informações que nos mostra que para ser considerado um bom administrador, ou prefeito, não é necessário ser um bom administrador, compreendemos que às vezes prefeito bom é prefeito que faz festas.

Por fim, no nosso quarto e último capítulo, analisamos o leilão como fenômeno social, analisamos os lances feitos pelos frangos, analisamos as

falas e prováveis justificativas pelo valor dado. Observamos a separação do trabalho, a divisão sexual no qual homens tem a missão de preparar e organizar o espaço para a realização da festa, enquanto as mulheres preparam os frangos, que serão leiloados ou servidos em pequenas porções e outros quitutes que serão servidos nas barracas da festa.

Analisamos a festa como um rito; um rito que engloba a sociedade e cultura locais. Conseguimos compreender que o leilão tem valor não só pelo fato de quanto nele se gasta, mas quanto se consegue comprar e distribuir entre os seus, assim conseguimos ver a dádiva sendo distribuída e redistribuída tendo o leiloeiro como ordenador desse espaço simbólico. Chegamos ao fim da nossa pesquisa de dissertação compreendendo que a festa é um rito que segue sua lógica própria, lógica que muitas vezes muda de ano para ano, de festa para festa. Por fim, percebemos que a festa do Sagrado Coração de Jesus é uma vitrine para os políticos locais, é o momento como dizem os nativos, “para aparecer”, “se apresentarem como postulantes a um cargo público” é como se fosse necessário à benção do povo e do Sagrado Coração de Jesus para poder ocupar um cargo público.

Por último, em nossas considerações finais, construímos algumas reflexões sobre os principais resultados a que chegamos, bem como apresentamos as principais ideias tratadas ao longo da dissertação. Por fim, esperamos que este texto sirva a curiosidade acadêmica incitando nos seus leitores o desejo de trabalharem com temática tão rica e atual, mesmo em tempos de “sociedade do espetáculo”, a política ainda se faz nos momentos ordinários e extraordinários.

I. FESTA: INCURSÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICA

I.I. A TERRA DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS

A cidade de Santa Cruz¹ não nasceu com esse nome e muito menos cidade, reza a história contada de “boca em boca”, e datada nos registros do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE 2010, que a atual cidade de Santa Cruz já se chamou Taboleiro Formoso e nasceu como um posto fiscal² do Estado da Paraíba, em 1918, administrado por João Antônio de Oliveira. Até então Taboleiro Formoso pertencia ao município de Sousa – PB. Três anos depois, o filho de João Antônio, Nestor Antunes de Oliveira, construiu uma latada³ onde passou a existir uma feira que contava com a participação de moradores da região.

Com o crescente número de participantes da feira passou a existir ali o Povoado, sendo que, em 1922, uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus foi erguida, sendo celebrada nela a primeira missa em 26 de novembro do mesmo ano. No ano seguinte, Nestor fez a doação de uma quadra ao Sagrado Coração de Jesus. Na ocasião, o núcleo passou a chamar-se Santa Cruz. A seguir, foi construído o Mercado Público. Com o progresso, principalmente econômico, em 1949, o Povoado foi elevado à categoria de Distrito pertencente ao município de Sousa sendo elevado à categoria de município com a denominação de Santa Cruz, pela lei estadual nº 2707, de 29 de dezembro de 1961, desmembrado de Sousa.

A Festa dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade de Santa Cruz, no alto sertão paraibano, possui uma tradição de 95 anos de história. A festa em devoção ao Sagrado Coração de Jesus nasceu 52 anos

¹. A população de Santa Cruz está estimada em 6.471 habitantes. Destes, 4.709 eleitores estavam aptos a votar nas eleições de 2012.

². A cidade de Santa Cruz faz divisa com a cidade de Alexandria no estado do Rio Grande do Norte, por isso a existência de um posto fiscal.

³. Construção feita rusticamente com palha de coqueiro ou outra palmeira. Tem por função proteger do sol.

antes de Santa Cruz se tornar cidade. A festa pertencia à paróquia de Jesus do Milagre Eucarístico da cidade de Sousa, vindo a se tornar paróquia em 15 de janeiro de 1963 ganhando assim autonomia religiosa⁴.

A paróquia do Sagrado Coração de Jesus concentra ainda várias capelas e santos padroeiros, cada comunidade rural e sítio possui um santo protetor, na sede do município encontramos o padroeiro da cidade, e uma capela dedicada a São Francisco, assim ao todo temos no distrito de São Pedro como padroeiro o santo de mesmo nome; o sítio Santana, padroeira Santa Ana; a comunidade do Tigre que tem por padroeiro São Sebastião e Casinha do Homem, Senhor do Bonfim. Esses são os padroeiros de maior destaque e relevância tratando-se da festa em si. São as comunidades que festejam anualmente seus santos protetores. Ainda, existem dois sítios de menor porte que a festa acabou por ser esporádica, pois depende muito da organização da comunidade.

I.II. A ESCOLHA DO CAMPO

A escolha e delimitação do campo de pesquisa não foi aleatória, temos interesse pelo tema Festas; segundo, pelo fato de sermos, como já informado, natural da cidade de Santa Cruz; e, terceiro pelo fato de ter observado a existência de pesquisas direcionadas para as regiões mais populosas e tidas como importantes do nosso Estado; muitas vezes ou se estuda a capital, João Pessoa e seus arredores, ou se estuda Campina Grande e as cidades circunvizinhas. Desejamos sair dessa rota. Queríamos adentrar ao sertão e assim retribuirmos, de algum modo, a tudo que a cidade de Santa Cruz nos deu ao longo dos anos lá vividos. Até chegarmos aqui percorremos um longo caminho. Tudo começou em 2009 ao cursar a disciplina Antropologia Brasileira. No decorrer da disciplina em certo momento apresentamos um seminário com o eixo temático política. Nos foi dado o texto “Festa e Política”, do antropólogo

⁴. A primeira missa foi celebrada pelo padre José Neves, sendo o primeiro pároco residente Pe. José Lamberton seguido por Pe. Carmil, Pe. João Andriola, Pe. Dagmar, Frei José Maria, Pe. Djacy, sendo o atual pároco Pe. José Roberto.

Marcos Lanna, que até hoje nos tem servido de referencial teórico indispensável para pensar a relação da festa do Sagrado Coração de Jesus com a política local em Santa Cruz.

Esse primeiro contato com o tema veio logo em seguida a uma viagem de férias à Santa Cruz. Lá chegando, estava acontecendo a festa do padroeiro Sagrado Coração de Jesus. Observamos poucas pessoas participando. A música não alegrava tanto. De bebida, apenas refrigerante. Não haviam leilões, somente um bingo e os pratinhos vendidos com pequenas porções de frango assado, para pouquíssimas mesas. Observamos ainda que o prefeito da cidade havia ficado em pé, até que chegaram com um banco da igreja e foi onde ele sentou durante o curto espaço de tempo que permaneceu no local. Então questionamos quanto ao por que da festa ter aparentemente perdido todo o seu esplendor e grandeza, se comparado a realização da festa em anos anteriores.

De volta a Campina Grande e a nossa rotina de aulas, lendo o texto e discutindo em sala durante nossa apresentação do referido seminário, começamos a pensar nos exemplos que há pouco tempo havíamos presenciado. Passamos a construir algumas reflexões e entender que podemos explicar algumas mudanças em uma sociedade pelo viés da festa, além de compreendermos como as relações de sociabilidade se dão no decorrer da mesma. Isso nos deixou bastante animado. Indagamos: talvez agora entendamos o por que do prefeito ter ficado em pé e quase nenhuma assistência tenha sido dada a ele durante a festa. Esse fato nos chamou mais a atenção porque os políticos sempre eram tratados com um certo respeito, deferência, especialmente o prefeito que até certo ponto patrocina a festa. A atenção despendida a ele foi ínfima, quase zero. Anteriormente com os leilões era diferente; antes eles gastavam mais dinheiro. E agora? Gastam como todo mundo gasta, comprando os pratinhos de frango? A importância de um político neste cenário seria igual a de um cidadão “comum”?

Marcos Lanna nos forneceu questões e dúvidas. Respostas mesmo só com a realização dessa pesquisa. Assim com o auxílio da nossa orientadora, professora Elizabeth Lima, tive acesso ao livro “A Dívida Divina”, originado de

pesquisa realizada pelo mesmo autor estudando a troca e patronagem no nordeste brasileiro que aguçou ainda mais a minha vontade de pesquisar e analisar a Festa do Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz.

A escolha e delimitação do campo não se deu apenas por interesse pessoal, mas pelo fato da festa, ora estudada, oferecer indícios de que os fenômenos sociais da festa e da política estavam unidos por situações específicas, e que mereceriam ser explicadas para podermos entender como a construção e reprodução do poder local ocorrem numa festa tida como Sagrada.

Para compreendermos a relação entre festa e política lemos os seguintes autores: Lima (2002), Lanna (1995), Queiroz (1994), DaMatta (1983), Canclini (1983), Ortiz (1980), Duvignaud (1983) e Magnani (1998).

Marcos Lanna (1999) já nos mostrava a importância das festas desde os primeiros brasileiros, para o autor, além de ter papel cultural e social de extrema importância, as festas em especial no Nordeste brasileiro, que teriam por finalidade a religação entre o seu povo e o santo padroeiro protetor serviria para a aparição pública de políticos e disputas entre os mesmos – ainda que de um modo velado – pelos votos dos eleitores.

I.III. A PESQUISA DE CAMPO

Nossa pesquisa de campo foi desenvolvida nos anos de 2012 e 2013. A observação participante foi o método de coleta de dados escolhido para registrar e fornecer as informações para tentarmos responder as nossas inquietações.

Na construção do tema pesquisado algo de início nos incomodou e surgiu em nós a seguinte indagação: como estudar o que “já conhecíamos?”, ou julgávamos conhecer? Como olhar diferente a festa que sempre participamos? Como entrevistar os nossos vizinhos, amigos e políticos com os quais sempre convivemos? Mesmo não residindo há seis anos em Santa Cruz,

e apesar do distanciamento físico e o costume de só nos dirigirmos à cidade esporadicamente, durante as férias e festas, para visitarmos nossos familiares que lá ainda residem, os laços de familiaridade não foram rompidos.

Nos vimos literalmente na necessidade de fazer o exercício metodológico proposto por Roberto da Matta (1978): “transformar o familiar em exótico”, exercício tão necessário para manter o distanciamento e o estranhamento com aquilo que nos parece tão familiar e já conhecido. E fomos forçados a reconhecer e admitir as grandes dificuldades que experienciamos para realizar, ou mesmo para darmos os primeiros passos na realização da presente pesquisa. As minhas pré-noções em alguns momentos de observação no campo de pesquisa, e até mesmo na realização das primeiras entrevistas exploratórias foram mais fortes. O despreparo com o método de entrevistas nos fez perder um certo tempo precioso, quando se pratica pesquisa e se tem um tempo determinado para apresentar os seus resultados.

No ano de 2012 a festa teve seu início no dia 31 de maio e se estendeu até o dia 08 de junho. Chegamos no dia 30 de maio, retornando a Campina Grande no dia 09 de junho. Durante nove dias participamos das missas em celebração da festa e realizamos entrevistas. Durante essa primeira incursão, não só observamos a festa, como realizamos as primeiras entrevistas, ao todo foram 20, posteriormente, transcritas e analisadas. Com o início das análises do material coligido constatamos a falta de informações, um “algo a mais” que não aparecia durante as transcrições; ou seja, a presença do pesquisador, a curiosidade pela pesquisa não estava suficientemente aguçada, era como se tudo já estivesse dado e muito claro. O erro foi detectado, sendo necessário à volta a campo, assim pudemos realizar novas entrevistas, e refazer outras, principalmente com aquelas pessoas que percebemos serem mais abertas a discussão, e receptivas a perguntas mais incisivas.

Voltando ao campo em janeiro de 2013 realizamos 13 entrevistas, sendo que nove foram refeitas, e as demais foram realizadas pela primeira vez. Em sua maioria mulheres, entre 20 e 50 anos, organizadoras e participantes da festa. A escolha se deu de início por afinidade e maior abertura em conversar com elas, outro fator importante é que em sua grande maioria, a festa é

organizada e servida por mulheres, elas circulam durante toda a festa servindo as mesas, sendo assim estão em constante contato com os festeiros. Por sua vez, os homens entrevistados foram o prefeito, dois vereadores, o assessor da câmara municipal e um jornalista da cidade.

Durante o percurso da pesquisa nos deparamos com problemas metodológicos, tendo em vista que nos propomos a analisar uma festa, na cidade em que nascemos e nos criamos. O campo estava em nós, e muitas das vezes, não conseguíamos vê-lo com estranhamento, tudo parecia “normal”, tudo estava em “ordem”.

Outra dificuldade que surgiu foi à proximidade com os entrevistados; em muitas situações eles simplesmente nos diziam: “você sabe o que eu estou dizendo”, “você sabe como é Santa Cruz”; Por termos ouvido tantas vezes essa mesma fala, acabamos acreditando, pensando que as nossas pré-noções fossem suficientes para desenvolver um trabalho que se propunha científico;

A característica mais marcante do trabalho de campo antropológico como forma de conduta é que ele não permite qualquer separação significativa das esferas ocupacionais e extra-ocupacionais da vida. Ao contrário, ele obriga a essa fusão. Devemos encontrar amigos entre informantes e informante entre os amigos; devemos encarar as ideias, atitudes e valores como outros tantos fatos culturais e continuar a agir de acordo com aqueles que definem os nossos compromissos pessoais; devemos ver a sociedade como um objeto e experimentá-la como sujeito. Tudo o que dizemos, tudo o que fazemos e até o simples cenário físico têm ao mesmo tempo que formar a substância de nossa vida pessoal e servir de grão para o nosso moinho analítico. No seu ambiente, o antropólogo vai comodamente ao seu escritório para exercer um ofício, como todo mundo. Em campo, ele tem que aprender a viver e pensar ao mesmo tempo. (GEERTZ, 2001, p. 45).

Levando em consideração o dito por Geertz, encontramos entre meus amigos, informantes, na sua maioria mulheres. Talvez por ter nossa cidade natal como *locus* de pesquisa, e termos amigos como informantes, tenhamos naturalizado demais a situação, talvez tenha ocorrido pelo fato de acreditar tenramente nas teorias estudadas, esquecendo que o processo de análise e investigação não se dá no passo de enquadrar uma teoria, uma hipótese em

um mundo pré-figurado. Parafraseando Geertz, não colocamos de imediato o nosso moinho analítico para funcionar.

Toda nossa experiência em campo foi pautada na celebre atitude de “olhar, ouvir e escrever”⁵, olhamos o que já havia visto muitas e muitas vezes, ouvimos as mesmas histórias repetidas (ou não), mas agora com outra interpretação, outra significação.

Como já explicitado, por vários anos participamos dos festejos em devoção ao Sagrado Coração de Jesus, voltando a participar mais efetivamente, desta feita, por interesses de pesquisa. Então, podemos afirmar que olhamos e vimos a festa com diversos olhares, sempre acompanhando as mudanças ora observadas. Olhares que só nos foram permitidos graças à metodologia qualitativa da observação participante, que nos ajudaram a compreender as ações dos participantes, que são dotadas de subjetividade. Minayo (2008) foi e continua sendo de extrema ajuda durante o percurso do olhar e ouvir e interpretar; e este percurso pode ser pensado como

um processo pelo qual o pesquisador se coloca como observador de uma situação social, com a finalidade de realizar uma investigação científica. O observador, no caso, fica em relação direta com seus interlocutores no espaço social da pesquisa na medida do possível, participando da vida social deles, no seu cenário cultural, mas com a finalidade de colher dados e compreender o contexto da pesquisa. Por isso, o observador faz parte do contexto sob sua observação e, sem dúvida, modifica esse contexto, pois interfere nele, assim como é pessoalmente modificado. (MINAYO, 2008, p. 70)

Mas apenas olhar e ouvir por si não responde nossas inquietações, principalmente quando se é tão próximo do objeto estudado, tornando-se em alguns momentos o próprio objeto de estudo, foi necessário o afastamento psicológico, e o exercício de estranhamento:

Isso significa que a apreensão no primeiro processo é realizada primordialmente por uma via intelectual (a transformação do exótico em familiar é realizada fundamentalmente por meio de apreensões cognitivas) ao passo que, no segundo caso, é necessário um desligamento emocional, já que a familiaridade

⁵. Consultar Roberto Cardoso de Oliveira, O Trabalho do Antropólogo. 2006.

de costume não foi obtida via intelecto, mas via coerção socializadora e, assim, veio do estômago para a cabeça. Em ambos os casos, porém, a mediação é realizada por um corpo de princípios guias (as chamadas teorias antropológicas) e conduzidas num labirinto de conflitos dramáticos que servem como pano de fundo para as anedotas antropológicas e para acentuar o toque romântico da nossa disciplina. (DaMatta, 1978, p. 06)

DaMatta nos mostra como devemos agir em campo, mas deixa o espaço aberto para a compreensão que o campo não pode ser simplesmente encaixado nas teorias, deixa claro que durante todo o processo de pesquisa, o observador/pesquisador está jogando, jogamos com as teorias, buscando nelas aquelas que mais conseguiriam iluminar, elucidar os nossos dados de campo.

Outro autor que faz referência a necessidade do afastamento é Max Weber; este nos alerta para a necessidade do afastamento, da neutralidade, da diferenciação entre pré-noções, ou seja, construir o objeto, e estudá-lo sem juízo de valor, algo que creio ser impossível, pois a paixão existe, e as pré-noções por mais que deixadas de lado, permanecerão em nossa mente.

Weber propõe a noção de tipos ideais justamente para poder nortear as investigações, demonstrando que não existe uma realidade totalmente limpa de juízos de valor; é apenas uma abstração necessária para poder compreender de fato, o percurso que deve ser feito no intento de se chegar à objetividade da realidade social. Assim Pierucci nos ajudou: “o interesse último da Ciência Social para um ser humano reside em sua contribuição para a luta do indivíduo comum em busca de clareza”. (PIERUCCI, 2003, p. 37), o autor nos ajuda a compreender a impossibilidade de se afastar todas as pré-noções. Beserra (2012, p. 19) assevera: “O pesquisador (cientista) faz uma Ciência orientada por valores, mas ser objetivo é o exercício que permite que os pesquisadores alcancem a neutralidade”.

A necessidade de manter o distanciamento reforça a necessidade da vigilância epistemológica, para não recair em erros conceituais e metodológicos já citados. Para tanto, fez necessário à leitura do *Ofício do Sociólogo* (2007), onde aprendemos que:

À tentação sempre renascente de transformar os preceitos do método em receitas de cozinha científica ou engenhocas de laboratório, só podemos opor o treino constante na vigilância epistemológica que, subordinando a utilização das técnicas e conceitos a uma interrogação sobre as condições e limites de sua validade, proíbe as facilidades de uma aplicação automática de procedimentos já experimentados e ensina que toda operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser pensada tanto em si mesma quanto em função do caso em particular. (BOURDIEU, 2007, p. 14).

Tomando como norteador a vigilância epistemológica, estruturamos nossa pesquisa não só na observação, mas em entrevistas semi-estruturadas⁶ onde gravamos o áudio para posteriormente, transcrevê-las. Vale salientar que nossa primeira incursão a campo se deu durante a festa do Sagrado Coração de Jesus, de 31 de maio a 10 de junho de 2012, onde entrevistamos no final da estadia 20 pessoas. Durante os dias da festa, observamos, fotografamos e gravamos o áudio do leilão. Foi um reencontro diferente, pois a nossa visão da festa estava norteada com conceitos teóricos, foi como ter visto a festa pela primeira vez.

Ao voltarmos do campo e procedermos às transcrições, constatamos, como já salientado acima, que o nosso despreparo com a técnica de entrevistas fez com que perdêssemos um tempo precioso, sendo necessário à volta a campo para realizar nova leva de entrevistas, o mesmo aconteceu de 07 a 15 de janeiro de 2013. Refizemos nove entrevistas, acrescentando mais quatro novos informantes. Ao todo somamos mais de dez horas em áudio. Supomos que ao inquirir novamente os informantes anteriormente entrevistados poderíamos render bons frutos, o que de fato se mostrou verídico, muito do que fora dito anteriormente foi reforçado, mostrando inclusive a repercussão da festa, pois a mesma tinha voltado aos antigos moldes.

A técnica de pesquisa da entrevista se mostrou satisfatória, tendo em vista que conseguimos extrair dados que passaram a reforçar a nossa hipótese inicial, qual seja, a de que a festa e os leilões serviam para uso político.

⁶ Todos os nossos informantes receberam pseudônimos, escolhemos para identificá-los, nomes de cidades da Paraíba. Buscamos assim, protegê-los de qualquer retaliação política, tendo em vista que muitos são adversários políticos.

A entrevista como coleta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, coletar dados objetivos e subjetivos. Os dados objetivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjetivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois que eles se relacionam com os valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados (BONI & QUARESMA, 2010, p. 72).

Por usarmos a entrevista com roteiro semi-estruturado nos foi possível ampliar ou adaptar as perguntas conforme as necessidades encontradas em campo, tendo em vista que trabalhamos com pessoas com histórias de vida diferentes, com diferentes perspectivas políticas; assim, Barbosa Filho (1994, p. 137) nos ajuda quando afirma que a entrevista, e “o seu conteúdo deverá constituir-se de um conjunto de indicadores relacionados, logicamente, com o problema central da investigação”. Devemos nos ater ao problema central da investigação, mas não podemos esquecer que a leitura fria do que é dito não pode ocorrer. Temos sempre que levar em consideração o lugar social do informante.

I.IV. ALGUMAS INCURSÕES SOBRE O SIGNIFICADO DA FESTA NO BRASIL

Nosso país é rico em diversas expressões culturais; temos a música, a dança, folguedos e manifestações populares por todo o Brasil. Juntando tudo isso, temos grandes festas, na verdade várias; temos o carnaval, uma das principais manifestações populares; temos as festas juninas, principal e talvez o mais forte traço cultural do nordeste brasileiro; as festas em devoção aos santos reis em janeiro, e todas as outras “festas de santos” do Brasil. Temos ainda as chamadas festas cívicas, festas de caráter nacional, que servem para comemorar, por exemplo, o dia da Independência do Brasil, 07 de setembro e o dia em que se comemora a proclamação da República, 15 de novembro. Podemos afirmar que o Brasil é o País das festas, pois cada estado, cidade e comunidade reúnem motivos para comemorar, para unir a família, amigos para comer e beber ao embalo de músicas, danças e muita animação.

Por uma (festa) que desaparece, reforçam-se dez, quantas novas festas surgem um pouco por toda parte! As mesmas? Ou semelhantes? Não completamente. E, se desaparecem algumas particularidades, criam-se outras e estabelece-se nova diversificação. (SANCHIS, 1983, p. 16)

A festa é um constante ir e vir, ela muda, se transmuta, desintegra e reintegra o cidadão no cotidiano, ao mesmo tempo em que, não se caracteriza como parte do cotidiano, ao mesmo tempo em que organiza e é esse cotidiano, a festa é ambígua, tal qual os motivos do festejar. Léa Freitas Perez (2011, p. 105) chama a atenção para a importância de se festejar:

As festas foram, e continuam sendo, fundamentais na estruturação de nosso tecido societário, de nossas pautas de relacionamento, de nosso estilo de vida, de nossa sensibilidade estética. Garantiram o sucesso mesmo da colonização, estruturando e solidificando regras de orientação e de organização da vida coletiva. Ocuparam um lugar privilegiado na edificação das estruturas de poder e de mando nos trópicos. Enfim, graças às festas, o Brasil se fez Brasil.

Ao buscarmos uma teoria que nos ajude a explicar o por que de festejar, nos acostamos a noção de festa proposta pelo francês Émile Durkheim (1985), que em seus estudos sobre religião, nos apresenta a relação entre o sagrado e o profano, entre a religião e a festa, e, neste sentido, a função desta, para ele:

Toda festa, mesmo que seja puramente laica por suas origens, tem certos caracteres da cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, ela tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar, assim, um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, 1985, p. 547)

Podemos observar nesse conceito elementos específicos, tais como a proximidade com o religioso ou sagrado, essa característica faria parte da

ordem, tendo em mente que o sagrado⁷ tende a instituir regras, organizar o caos. Podemos notar que o profano aparece junto ao desregramento, ao momento da efervescência, que para o referido autor, não deixaria de ter parentesco com o estado religioso, já que não existe um profano sem um sagrado.

A festa como movimento cultural apresenta sempre uma característica marcante, sua capacidade de se reinventar e recriar, buscando desse modo, preservar a sua existência. Não podemos dizer de fato se existe apenas uma única raiz cultural para o nosso país, muito se fala da origem portuguesa de nossas festividades, uns generalizam ainda mais, falam de uma origem europeia, claro que não podemos negar tais raízes, mas não podemos deixar de afirmar que, tais festividades vindas de Portugal, ou de outros países europeus encontraram aqui no Brasil forte resistência a “domesticação” e aceitabilidade por parte dos que aqui viviam.

Observamos ao longo da história da formação colonial brasileira o uso das festas religiosas como modo de integrar o índio e o escravo negro ao catolicismo romano. Analisando, podemos afirmar que, dessa tentativa de integração indígena e escrava por meio das festas, aliado a uma série de dificuldades⁸ favoreceu o surgimento do nosso catolicismo brasileiro. Catolicismo repleto de festividades, santos e de formas diferentes de adoração.

Na mesma perspectiva Rita Amaral nos leva a refletir sobre a utilização das festas brasileiras desde o tempo da colonização como um modo de controle social que existe antes mesmo do Brasil se tornar Estado livre e soberano;

Desde a colonização do Brasil, as festas católicas serviram como um dos “modos de ação” do Estado Português. As festas conquistavam os indígenas para a catequese e tornavam

⁷. Usamos como referência de sagrado, a tradição Católica Apostólica Romana, na qual existe o combate persistente as crenças populares e que podemos observar o constante embate ideológico a respeito do catolicismo rústico, ou como costumamos chamar, catolicismo brasileiro.

⁸. A adaptação se deu espontaneamente, e se expressou numa reorganização e reinterpretação do acervo de catolicismo tradicional trazido pelos colonizadores portugueses de um lado e, de outro lado, de catolicismo oficial trazido pelos poucos sacerdotes que aqui aportaram. Neste processo, elementos novos surgiram; elementos antigos ou pertencentes a religião oficial sofreram transformações; dogmas e liturgia foram deformados por necessidades locais ou pela imaginação de líderes religiosos inteiramente falhos de qualquer instrução. (QUEIROZ, 2003)

suportáveis aos portugueses e demais estrangeiros as agruras da experiência de enfrentamento da natureza desconhecida e selvagem, com gente, clima e animais estranhos [...]. A igreja católica imperava politicamente e as procissões e festas de santos eram praticamente intermináveis. Pode-se dizer que a construção da sociabilidade brasileira foi marcada por festas e festividades de cunho religioso (AMARAL, 2003, p. 188)

As festas são recriações da comunidade, existem mudanças no modo de se fazer a festa, principalmente as religiosas, que irão levar em consideração as ordens do pároco e sua inclinação ideológica. Ao analisarmos o pensamento de Carlos Rodrigues Brandão, podemos observar que a Festa do Divino muda, principalmente graças a saída da população do campo para a cidade, incorporando assim elementos da rua, além de aspectos do sagrado e do profano. Neste sentido, afirma que:

Não é errado, portanto, dizer-se que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão. Bailes e forrós, pagodes antigos e danças de catira ou jungo concorrem com as apresentações mais modernas de “shows sertanejos” e rodeios, com escolhas de Rainha da festa (BRANDÃO, 1989, p.13).

Podemos citar algumas festas que se reinventam como estratégia de sobrevivência, os carnavais⁹ por exemplo, não só aquele tipo de carnaval que acontece nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mas também o de Recife e Olinda em Pernambuco, e até mesmo o de Campina Grande, na Paraíba, onde os carnavais são feitos e vividos de modos diferentes.

Na busca de uma definição do que seja a festa, nos deparamos com o conceito de Léa Freitas Perez (2011). Chamou-nos a atenção, inicialmente pelo fato de abordar a festa como um momento que escapa do cotidiano:

A festa é, antes de mais nada e acima de tudo, um ato coletivo *extra-ordinário, extra-temporal e extra-lógico*. Significa dizer que a condição da festa é dada pela confluência de três elementos fundamentais, interdependentes um do outro, que se *con-fundem* uns com os outros, a saber: um grupo em

⁹. Roberto DaMatta em: “Carnavais, Malandros e Heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro”, nos mostra a efervescência do carnaval brasileiro e todos os fenômenos sociais que o mesmo possui, e como o Brasil se constitui um país de várias festividades.

estado de exaltação (leia-se fusão coletiva e efervescência) que consagra sua reunião a alguém ou a uma coisa (toda festa é sacrifício) e, que, assim procedendo, liberta-se das amarras da temporalidade linear e da lógica da utilidade e do cálculo, pois a festa é uma sucessão de instantes fugidios, presididos pela lógica do excesso, do dispêndio, da exacerbação, da dilapidação. Em resumo: a festa instaura e constitui um outro mundo, uma outra forma de experienciar a vida social, marcada pelo lúdico, pela exaltação dos sentidos e das emoções – com um forte acento hedonista e agonístico – e, mesmo, em grande medida, pelo não-social. É pela *con-junção* dessas três características constitutivas da festa que podemos defini-la como paroxismo, dado que ela é fundamentalmente transgressora e instauradora de uma forma de socialização, na qual o acento é dado pelo estar-junto, pelo fato mesmo da relação. (PEREZ, 2011, p. 02)

Ao observar a festa do Sagrado Coração de Jesus constatamos, ao modo da autora acima citada, que igualmente a festa dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, também se caracteriza como um evento extra-cotidiano, porque ela rompe com o cotidiano, permitindo a sociabilidade do divertir-se, do festejar, do estar junto. Em outras palavras, todo o período dedicado as festividades do Sagrado Coração de Jesus geram uma ruptura do cotidiano da cidade, embora a ordem e a definição de papéis permaneçam no espaço da festa, como nos ensina ORTIZ (1980) ao fazer menção a suposta inversão sem precedentes da ordem no período do carnaval, o autor nos ensina que:

Uma primeira constatação banal que se impõe, mas que é frequentemente esquecida, é que os festejos carnavalescos se dão dentro da ordem existente. Durante o período de festa, o Estado ou nação não deixa de existir para ceder lugar a qualquer outro tipo de ordem que seja. Pelo contrário, secreta-se, dentro do espaço tradicional, um espaço extraordinário no qual se desenrola a lubricidade carnavalesca. Uma relação de dominação entre campos diferentes se instaura, porém. São os aparelhos de Estado, as autoridades, quem determinam e modelam as regras que regem a delimitação do universo carnavalesco. (ORTIZ, 1980, p.33)

Uma última observação do autor diz respeito ao modelo dicotômico das categorias sagrado e profano. Defende ele que em sociedades, como é o caso brasileiro, em que os processos de dominação ocupam cada vez mais o cenário de uma realidade política, não há mais como considerar, por exemplo,

o carnaval apenas como um processo de inversão e como oposição entre o espaço sagrado e o espaço profano. Para o autor,

(...) O processo de dominação entre espaços diferentes adquire, portanto, uma dimensão política. Os mecanismos de manutenção da ordem não se fundamentam, pois, somente numa concepção de conhecimento que opõe sagrado-profano, eles são legítimos na medida em que recobrem uma realidade política. (ORTIZ, 1980, p.42)

A festa do Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz é constituída de modo que passe a integrar no dia-a-dia daqueles que preparam e executam a festa; do mesmo modo a população vivencia durante nove noites, novenas em devoção ao santo uma experiência de ruptura com o cotidiano ordinário da cidade. Podemos afirmar tal fato ao observarmos que na cidade de Santa Cruz, existe um ciclo de festas de padroeiros, em janeiro acontece a festa em devoção a São Sebastião, em fevereiro em devoção ao Senhor do Bonfim, em maio temos a festa em devoção a Santa Ana, junho a do Sagrado Coração de Jesus, em outubro vem a devoção a São Francisco. Lembremos que cada festa tem uma importância diferenciada para a Igreja, para os festeiros, para os políticos.

Poderemos observar ao longo do texto aqui apresentado que a festa não acontece apenas em um dia, a festa é preparada ao longo de um ano, começando com a definição de noites de festa social, passando pela arrecadação de doações e demais ofertas. É um fenômeno social onde as pessoas sentem e vivenciam durante muito tempo, não apenas antes ou durante a festa, mas também depois de sua realização. Tal fato demonstra a sua importância para a cidade e de como ela, dado a sua efervescência, quebra o cotidiano ordinário, é o momento do extraordinário, por excelência. Nestes termos, ao modo de Léa Freitas, podemos caracterizar esta festa como momento extra-cotidiano.

Roger Caillois (1989) por sua vez, nos oferece um interessante formulação sobre a festa, ela seria, entre outras coisas, também o momento de circulação, e acrescentaríamos, de exposição, de riquezas, de distribuição prestigiosa do poder econômico;

Em sua forma plena, com efeito, a festa deve ser definida como paroxismo da sociedade, que ela purifica e renova ao mesmo tempo. Ela é o seu ponto culminante não só do ponto de vista religioso, mas também do ponto de vista econômico. É o instante da circulação das riquezas, o dos mercados mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das reservas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a retempera em seu ser. (CAILLOIS, 1989, p. 130-131).

Observamos que na festa do Sagrado Coração de Jesus muitos festeiros, cidadãos e, principalmente os políticos locais, juntam uma certa quantia em dinheiro para gastar na festa, esse dinheiro passa a ser uma reserva considerada, não apenas pelo valor em si, mas, sobretudo, pelo valor simbólico que representa. Concordamos com o autor quando o mesmo afirma que parece como o fenômeno total, tese que iremos defender durante a dissertação.

Elizabeth Lima (2002) adota a concepção de festa onde se pensa o momento festivo como extra-cotidiano, em sua pesquisa realizada em Campina Grande – PB, onde etnografa a festa conhecida com o título de o “Maior São João do Mundo”. O diferencial apresentado pela autora está no fato de que ela mostra o extra-cotidiano, reconfigurado em um novo cotidiano no qual o festejo encontra-se inserido:

A festa do Maior São João do Mundo propicia a redefinição do cotidiano ordinário. Uma nova noção de tempo é construída quando se prenuncia “o tempo da festa”. A cidade fica um burburinho de movimentos incessantes de preparação para o evento junino. Novas territorialidades são cartografadas quando os espaços do Parque do Povo são enfeitados para receber o São João. Espaço e tempo são redimensionados para novas e diferentes escalas. Está aberta a temporada dos festejos juninos, noticia um Jornal local, balbuciam os campinenses ávidos por diversão. (LIMA, 2002, p. 252)

Neste sentido, a festa permite a criação de novas temporalidades e territorialidades convivendo com o cotidiano da sociedade e cultura locais. Ou seja, há uma situação de concomitância, na qual a festa permite a experiência do festejar em um tempo e em uma espacialidade definida. Uma realidade, a do mundo ordinário, não nega ou ofusca a outra, a do mundo extra-ordinário, permitido pela festa.

Dentre os autores estudados, nos deparamos com Nestor Canclini (1983), onde, a festa prolonga a tal ponto a existência do cotidiano, que reproduz no seu desenrolar as contradições da própria sociedade. Neste sentido, ele compreende que a festa:

(...) não pode ser o lugar da subversão e da livre expressão igualitária, ou só consegue sê-lo de maneira fragmentada. Porque não é apenas um momento de unificação coletiva: as diferenças sociais e econômicas nela se repetem. (CANCLINI, 1983, p.55)

Ao formular para que serve a festa, defende ainda o citado autor:

Para manter a ordem, para restaurá-la para que os homens se situem numa nova ordem, para consolidar as relações afetivas comunitárias e o pertencimento à comunidade. (CANCLINI, 1983, p.129)

Podemos afirmar que a festa do Sagrado Coração de Jesus permite vários modos de participação, diferenciando-se conforme o poder aquisitivo do participante. É nesse exato momento que podemos observar as diferenças citadas por Canclini. São diferenças econômicas que reproduzem o social, perpassando principalmente pelo simbólico leilão de frangos. O conceito de Canclini é o que mais se aproxima da nossa observação de campo, tendo em vista que a festa do Sagrado Coração de Jesus, reproduz uma lógica, mesmo que em escala micro, de um mercado, onde vence o leilão, quem paga mais.

Analisando as perspectivas apresentadas, cabe a seguinte indagação: o que representa a festa do Sagrado Coração de Jesus para os cidadãos católicos de Santa Cruz? Uma de nossas informantes assim nos explicou:

Para o povo, momento de encontros, de namoros, de sair de casa, de ver gente, de orar mais, de se chagar mais a Deus, de comer, de beber, dos políticos fazerem sua mídia. (Santa Helena, entrevistada em, 08/01/2013).

É uma festa de tradição e automaticamente, volto a bater nessa tecla, é uma forma de aproximar o povo. (Cubati, entrevistado em 09/01/2013)

É a questão do, do encontro, de um momento diferente, em que as pessoas vão sair de suas casas, já que não tem muito o que se oferecer na cidade, a festa, em si, tem aquele objetivo de reunir às pessoas. (Sousa, entrevistada em 13/01/2013)

A festa é um ato público não pertence a esfera do particular e individual, na verdade ela “nos tira de casa”, nos leva para a rua. A rua, esse lugar tido como público assume referências domésticas, tendo em vista que a grande maioria das senhoras responsáveis pela comida, são mães e esposas dos festeiros, elas saem de suas cozinhas, seus fogões e adotam outras cozinhas e outros fogões.

Percebemos que o significado ou a compreensão do que é e para que serve a festa esta relacionado claramente com a ideia do que seja definido como cotidiano e recriação da comunidade. É o momento de rever conceitos e atitudes, isso no tocante ao lado religioso, e é momento de se divertir, beber e confraternizar com os amigos, comer certos pratos que são de fácil acesso, tal como os salgadinhos, vendidos em qualquer padaria ou fiteiro.

O diferencial fica a cargo do frango que é preparado de um modo diferenciado, onde é servido como prato mais disputado durante o leilão, come-se em público em frente a uma igreja. Observamos a apropriação do espaço público pelo privado, basta observar como as mesas são formadas durante a festa, são famílias reagrupadas por afinidades políticas, de amizade, vizinhança e compadrio. Podemos relacionar esse fato ao que nos ensina Lima (2002) ao comentar uma das obras de Roberto DaMatta;

Em “A Casa e a Rua” (1985), o referido autor analisa o modelo de oposição entre a casa e a rua e defende que, no caso brasileiro, a noção de ordenação social passa necessariamente

pelo espaço da casa, e que tal fato inviabiliza uma noção mais clara do que seja o espaço da rua. Em consequência, não existe no Brasil uma definição concreta em termos de vivência do que venha a ser o espaço público, pois os códigos, as regras e as etiquetas sociais passam necessariamente pela lógica do privado, em outras palavras, pelo espaço da casa.

Observamos essa lógica no momento da festa, quando o espaço público é apropriado pelo privado, as famílias simplesmente se instalam nas mesas, trazendo o seu “lar” para a rua, crianças correm, comem e bebem como se estivessem em casa, do mesmo modo os mais velhos se comportam, bebem, conversam alto, fecham negócios.

A lógica é festejar, mas difere as intenções de participar da festa, difere do católico para o não católico, do político, do jovem do idoso, as lógicas individuais se agregam a lógica coletiva formando assim festas dentro da Festa. A festa é neste sentido, multiplicidades. Assim nos ensinou um de nossos informantes:

Eu vejo como um momento assim, de participação social que todo mundo comparece, assim como existe as outras festas, como por exemplo, a festa do ano novo, eu vejo dessa forma, um momento de aproximação e de presença social, eu vejo dessa forma. (Santa Cruz, em 09/01/2013)

O Brasil, País de maioria católica, praticantes ou não da liturgia diária, os católicos não se furtam a realizar uma festa dedicada aos santos católicos, já que talvez seja uma das poucas oportunidades anuais de se mostrar o devoto e o católico “praticante”, Carlos Rodrigues Brandão (1985, p, 137) afirma que:

Por todo o território brasileiro incontáveis festas católicas populares a santos padroeiros são regidas por rezas de novenas (nove dias de orações coletivas), festejos com leilões e danças no terreno da igreja ou capela e, finalmente, um ou dois dias de grandes festas no fim-de-semana ao padroeiro.

O hábito de se festejar o santo padroeiro tende a ser passado de geração a geração, tendo a família grande importância nesse ato, assim, cremos que a tradição da festa é passada de “pai para filho” também como forma de educar, Brandão (1985) nos mostra o que aqui poderíamos chamar de primórdios das festas religiosas no Brasil à época da Colônia;

Entre a miséria e a opressão, este foi sempre um País de muitas festas e quase todas tinham ou têm o que ver com o catolicismo português. Rituais que os colonizadores trazem junto com as muitas cruzes e imagens de santos, e de que servem tanto para uso próprio, quanto para a conversão forçada de indígenas e africanos, disseminam-se por toda a parte no campo e nas cidades. Ali se canta, dramatiza e dança festivamente. Não foram poucos os viajantes europeus que durante os quatro séculos da Colônia viram com espanto e escreveram sobre festas ruidosas dentro dos templos. Festas que misturavam negros e brancos, leigos e padres. (BRANDÃO, 1985, p. 134)

A festa serviu de um propósito no Brasil Colônia, como mostra o autor, teve por finalidade catequizar e dominar os negros e índios, mantendo assim uma ordem social existente, dominantes e dominados em seus espaços sociais. Lembrando que tal ação obteve sucesso pela possibilidade de se introduzir os ritos romanizados, os ritos, danças e músicas das etnias que foram cooptadas a religião católica.

Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) nos ensina e chama a nossa atenção para o fator de agregação¹⁰ das festas de padroeiros no catolicismo rústico brasileiro. Reforça a ideia de pertencimento e busca reestruturar o *ethos* do grupo:

Todos os que habitam o mesmo bairro rural sentem a obrigação de festejar o patrono. A convergência do grupo todo para a capela, a reunião e a prática e comum tornam-lhes palpável a noção de que pertencem a um mesmo grupo social [...] além da solidariedade familiar existe a solidariedade do grupo de vizinhança, que se exprime na ajuda mútua de seus membros e que se exterioriza na maneira concreta e visível na organização das festas religiosas. (QUEIROZ, 1973, p. 110)

¹⁰. A autora nos informa que a Folia tem também por função provocar uma reunião, mas em pequena escala, formada pela família e pelos vizinhos mais chegados.

Brandão, (1989) em seus estudos sobre religião e ritual nos leva a refletir com o caso da cidade de Itapira, interior do estado de São Paulo, em que a devoção a Santos Católicos e a festa em seu louvor por vezes acabava por fundar cidades e movimentar o campo religioso, econômico e político;

Entre os inúmeros locais caipiras de devoção católica – casas, grutas, cruzeiros, capelas, curvas de estrada – um deles tendia a ser o mais procurado, a exigir a festa anual mais concorrida, sob o patrocínio dos moradores de mais posses e a se tornar, com o passar dos anos o núcleo primitivo do lugar urbano da sociedade de fazendeiros capitalistas, assim como o espaço principal do culto católico, o da igreja matriz. (BRANDÃO, 1985, p. 30)

As festas religiosas na cidade de Itabira, segundo o citado autor, serviam como mantenedoras de uma ordem social que estava a se instalar, e para tal, contavam com o apoio da Igreja como forma de retribuição por tudo a ela doado;

De sua parte, a elite agrária esperava que o padre vigário fosse o agente sempre ordeiro de uma Igreja em festa, capas de criar, com inesquecíveis rituais religiosos de rua (procissões, cortejos) ou de igreja (missas, novenas, Te-Deuns), momentos solenes e solenizadores da nova ordem. (BRANDÃO, 1985, p.38)

As festas religiosas tais como a do Sagrado Coração de Jesus nos proporciona diversos acontecimentos, como a devoção a um santo, como no caso aqui apresentado, ou como afirma Carlos Rodrigues Brandão:

O catolicismo recriou seus ritos dos festejos de rua, uma espantosa variedade que se presta aos mais variados fins conjugados [...] E não é raro que as mesmas missas, cortejos e danças de praça sirvam para louvar um padroeiro comunitário,

festejar uma boa colheita, a derrota do inimigo, a súplica pela chuva. (BRANDÃO, 1989, p.15)

Brandão nos alerta para o caráter social de criação e recriação da comunidade lembra- nos da possível relação existente entre Igreja Católica e Política, e quais os novos arranjos entre ambas após as modificações na Festa. Tais observações gerais nos remeteram a realidade da festa dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, já que a mesma comporta diversos fatos sociais:

Não é nada difícil observar o quanto à medida que se seculariza a sociedade brasileira – isto é, transfere valores, símbolos e poderes de uma esfera propriamente religiosa para outras esferas de códigos e linguagens – as comemorações rituais de origens e nacionalidades transitam também [...] O que vemos na rua agora é uma acelerada multiplicação de grandes e pequenos festejos, onde uma ou algumas categorias peculiares de pessoas e grupos sociais se festejam a si mesmo através do que são. (BRANDÃO, 1989, p. 15)

Do ponto de vista do poder, não podemos esquecer também que as festas, sob forma de entradas reais na cidade e de coroações, as festas do príncipe, entre outras, atuavam como formas de espetáculo e de educação popular. Como bem nota Alfred Simon, não somente os grandes se dão em espetáculo ao povo, como a própria cidade se dá em espetáculo, sob forma de desfile triunfal, da procissão religiosa e da mascarada popular. Todas essas atitudes não passariam segundo a autora, de “expressões salientes da ritualização espetacular do exercício do poder”. (PEREZ, 2011, p.25)

Creemos que em determinado momento, a festa do Sagrado Coração de Jesus, assume uma especificidade, ela é vista pelo olhos do poder, ou seja, um lugar/momento onde pode-se construir relações que irão desembocar no ganho de poder, seja ele político ou social.

As festas servem para re(pensar) a sociedade como um fenômeno político, cultural, religioso, ou seja, permeia a sociedade como um todo, a festa está sempre sendo re(inventada); é uma estrutura complexa que na

perspectiva antropológica serve para ir do caos a ordem; ela está na estrutura e é estruturante, é como se fosse um momento de recriação, ou seja ela serve também para estruturar a sociedade. Essas ações se dão de modo simbólico, assim como nos alerta Christine Chaves (2003):

As festas são uma importante tradição, repleta de significados para a população que as vivifica. Carregadas de significados, com enraizamento social profundo e um histórico vínculo político, as festas proporcionam uma leitura das mudanças operadas nas relações e valores políticos. (CHAVES, 2003, p. 26)

Ao longo do nosso trabalho dissertativo, apresentaremos dados que tentam comprovar a relação entre o simbólico, o sagrado e o profano. Demonstrando que essa relação acontece por algumas vias, seja entre o fiel e a Igreja Católica, que tende a ser a intermediária entre o fiel e o santo, em relação ao político local e o provável eleitor e até mesmo político e santo padroeiro/igreja. Podemos pensar o fiel/eleitor como um santo padroeiro que precisa ser agradado;

A relação entre santo e devotos é de reciprocidade, ou melhor, de *do ut des*: dou a fim de receber alguma coisa em troca. Para ter sucesso na vida, o indivíduo precisa conhecer como o santo gosta de ser tratado, quais as suas preferências rituais, quais as coisas que detesta. Em contrapartida, o fiel espera a reciprocidade que não poderá deixar de vir, sob forma de graça concedida. Caso contrário, tomará providências para “obrigar” o santo a pagar o que deve. (QUEIROZ, 1973, p. 113)

Percebemos a incontestável relação simbiótica entre Festa e Religião, entre o Sagrado e o Profano, como alhures nos ensinou Durkheim. Nas atuais festas brasileiras e especificamente na do Sagrado Coração de Jesus essa relação se encontra presente, uma é pensada a partir da outra, de maneira que ousamos afirmar, que uma não existe sem a outra, até mesmo as chamadas Festas Cívicas, possui algo de sagrado, de religioso, mesmo que possua um calendário totalmente marcado e atravessado pelo profano.

No capítulo que se segue, apresentamos de modo mais detalhado as análises a respeito do sagrado e profano na festa do Sagrado Coração de Jesus.

II. FESTA E DEVOÇÃO

II.I. CAMINHANDO COM OS DEVOTOS

A festa em devoção ao Sagrado Coração de Jesus em Santa Cruz tem início com a realização de uma procissão. Tal atividade abre os festejos ao santo protetor e também, fecha-o com a realização de uma outra procissão. Ano após ano a procissão muda, às vezes acontecendo de forma mais modesta, no que diz respeito a sua organização geral e outras de forma mais glamorosa. Lembramo-nos que aproximadamente há quinze anos, a procissão saía da residência de uma família, previamente escolhida, para serem patronos da festa, em direção à Igreja Matriz, tal história nos foi contada por uma de nossas depoentes:

O Apostolado da Oração, antigamente até a gente mesmo fazia, eu mesmo fiz várias comissões, consegui muita coisa, no primeiro ano de casada mesmo quem fez a festa fomos nós, eu e meu esposo, que Pe. Dagmar quem pediu, quem enfrentou foi nós a festa todinha, nessa época quem fez a festa foi eu e Francisco, porque ele pediu, entregou a festa a nós, e foi muito boa graças a Deus, a gente andou muito, pediu muita comissão, foi muito boa. (Entrevista realizada com Sabugi, em 13/01/2013)

Dessa forma, cabia ao casal escolhido como patrono da festa a responsabilidade de arrecadar fundos para a mesma. Pelo trabalho desenvolvido, este recebia a honra do hasteamento da bandeira do Sagrado Coração de Jesus, na solenidade de abertura, bem como a queima de fogos na abertura e no encerramento do evento.

Observamos que a honra de ser patrono da festa do Sagrado Coração de Jesus é dada a quem dispõe de bens econômicos para custear eventuais gastos com a festa, tais como: os fogos da abertura e encerramento, ofertas para o leilão, o patrocínio de uma das “bonecas da festa”. Assim, o poder aquisitivo, unido a posição social parecem ser uma pré-condição para a escolha

do patrono da festa. No entanto, atualmente, já não se escolhe mais um casal para ficar responsável pela festa, a procissão também ganha um novo itinerário e o pároco local tomou para si a obrigação de organizar a festa, com a ajuda de leigos ligados à Igreja.

O que se observa com tais mudanças, é um processo de disciplinarização do evento festivo. O padre, ao organizar a festa, passa a definir o que é permitido, o que é proibido na festa, e cria novas regras para sua realização, como veremos ao longo desta dissertação.

Toda a festa esta dividida em um antes, que seria o momento de recolher as doações para o santo, é um momento quase que individual realizado pelos coletores de donativos, esses pedem frangos, bodes, bois e outras ofertas em nome do santo. O durante, momento no qual nos deteremos em todo o transcorrer do texto, pois é momento em que podemos observar mais claramente as relações sociais que se desenrolam durante a festa. Esse durante engloba não só a preparação de todas as comidas que serão vendidas na festa, incluindo aí a preparação dos frangos para serem assados, principal alimento a ser comercializado e a arrumação do pátio para a festa; este é outro momento ritual extremamente interessante, podemos afirmar que esse momento é mais uma festa.

A procissão seria uma forma de levar o sagrado a toda cidade, assim observamos em Santa Cruz que procissão se inicia na entrada da cidade, seguindo pela principal rua, culminando na Igreja Matriz, no centro do município. Este é o momento em que o santo percorre a cidade levando sua bênção. Não se observa outra procissão com tamanha distância e preparo, sendo as demais, para outros santos, realizada em torno da praça que fica em frente a igreja. O atual percurso da procissão do Sagrado Coração de Jesus foi instituído a partir de 2012, mas desde tempos mais antigos, outros santos não eram conduzidos em procissões tão longas e com tantos fiéis.

Diferente do estudo empreendido por Carlos Alberto Steil, onde verificou que a procissão no Santuário de Bom Jesus da Lapa na Bahia¹¹, possibilitava uma certa igualdade que lembra a *communitas* de Turner, em Santa Cruz- PB,

¹¹. O Sertão das Romarias. Carlos Alberto Steil. 1996.

observamos o reforço disciplinar, e até a estratificação de gênero e social, tendo em vista que mulheres, crianças e velhos vão a pé, enquanto que os homens participam da procissão de moto ou carro.

Nos anos de 2012 e 2013, no qual realizamos nosso Trabalho de Campo, com a coleta de dados e a observação participante, a procissão se iniciou na entrada da cidade saindo do local conhecido como contorno¹² seguindo em direção a prefeitura municipal onde os carros e motos encontraram-se com a população que seguirá a pé juntamente com o resto da cortejo até em frente à igreja para dar início à celebração eucarística.

Podemos observar na foto a baixo o inicio da procissão que se inicia apenas com motos e carros, homens nas motos e carros, poucos levam suas esposas, as mesmas se encontram em frente a prefeitura, e seguirão a pé. A procissão em Santa Cruz tem por finalidade romanizar o catolicismo popular, observamos tal intento ao nos depararmos com um grupo religioso, que goza de prestígio dentro da igreja, o Apostolado da Oração.



Imagem 01: Saída da procissão de motos e de carros no contorno na entrada da cidade. 2012.
Arquivo do Pe. Roberto

O Apostolado da Oração surge na França em 1844, tendo como incentivador o padre Francisco Xavier Gautrelet, sendo sua existência

¹². Contorno localizado no trevo onde fica a entrada para a cidade e a estrada que passa por fora da cidade.

aprovada pelo Bispo de Le Pay, em seguida, o Papa Pio IX (1849) concede as primeiras indulgências aos participantes do grupo.



Imagem 02: Bandeira do Sagrado Coração de Jesus. 2012.
Acervo pessoal

O Apostolado só passa a ser conhecido mundialmente, a partir de 1861, quando o grande divulgador Pe. Henrique Ramière dá ao grupo sua forma definitiva, no mesmo ano ele publica o livro, O Apostolado da Oração, Santa Liga de Corações Cristãos Unidos ao Coração de Jesus, em seguida, começou uma publicação mensal intitulada Mensageiro do Coração de Jesus, chegando a outros países em seguida: Itália em 1864, Áustria em 1865, Estados Unidos e Espanha em 1866, chegando ao Brasil em 30 de junho de 1867, no Recife na igreja de Santa Cruz, tendo o Pe. Bento Schembri como fundador e primeiro diretor no país.

Observamos que a ordem do cortejo segue uma lógica hierárquica: primeiro temos o apostolado da oração seguindo à frente de todos com a bandeira do Sagrado Coração de Jesus, o grupo religioso é composto, na maioria, por mulheres, percebemos a presença apenas de um homem, que seguia o apostolado. O grupo possui prestígio dentro da igreja; este grupo é responsável por todas as comidas feitas e vendidas durante a festa.

Em seguida, vem à banda marcial “12 de Julho” executando o hino do padroeiro, logo após, distribui-se a população em geral, depois, a imagem em carro aberto, protegida por dois coroinhas, seguida por todos os outros veículos motorizados.

Um fato que nos chamou a atenção durante a procissão, foi a posição em que estava estacionado o carro do prefeito, conhecido como Doutor Raimundo, tal posição permitia que ele fosse visto por todos os que percorriam a procissão. Tal cuidado se configura como uma excelente estratégia de visibilidade. É o prefeito competindo com o santo para “ser visto”.

A procissão teve início exatamente às 18:30h, do ponto de encontro da imagem com os fiéis até a igreja matriz a distância percorrida foi cerca de um quilômetro, percurso feito a pé até a igreja que demorou mais ou menos 15 minutos. Lentamente, todos os presentes puderam observar a imagem do Sagrado Coração de Jesus e a procissão que seguiu com fogos, músicas e orações.



Imagem 03: Início da Procissão. 2012. Arquivo Pessoal.

A imagem retrata o lugar central da igreja. Primeiro o grupo autorizado pelo Papa, com quase dois séculos de existência, o Apostolado da Oração representa a esperança da existência de uma igreja romanizada, livre do catolicismo popular que muito é praticado no Brasil, o Padre reproduz tal devoção organizando a procissão da seguinte maneira: primeiro, a Igreja Apostólica Romana, em seguida a banda marcial que apenas toca um hino, o do Sagrado Coração de Jesus, logo após a população em oração, contritos, e por fim, a imagem do Sagrado Coração de Jesus seguido por diversos

automóveis em fila única. Em 2013, não houve alteração na procissão, continuou o mesmo horário, e a mesma ordem hierárquica. A única diferença foi a ausência do prefeito que fora reeleito e algumas outras autoridades políticas, tais como alguns vereadores locais.

O cortejo a pé foi quase todo composto por mulheres e crianças, os homens que seguiam na sua maioria estavam motorizados, os homens que seguiam caminhando eram senhores de idade já avançada. Pouco se nota a presença de adolescentes, mas na Igreja já presenciamos uma quantidade maior de fiéis esperando a chegada da imagem e dos fiéis.

Em todos os momentos da festa do Sagrado Coração de Jesus, percebemos a presença de políticos, não seria diferente no cortejo da procissão, mas observamos que os mesmos não caminhavam entre a população, estavam nos carros ou em frente à igreja esperando o cortejo passar.

Em nossa pesquisa de campo observamos um fato curioso no que diz respeito à presença das autoridades políticas locais na festa; por exemplo, na festa do Sagrado Coração de Jesus no ano de 2012 o prefeito se fez presente e participou de vários momentos da mesma; ele seguiu de carro a procissão sendo o primeiro carro civil da procissão, participou da missa de abertura, sentou-se juntamente com sua esposa, em um banco bem localizado no centro da Igreja, e se fez presente ao leilão, ao lado de seus correligionários políticos. Já na festa realizada no ano seguinte, em 2013, o prefeito já não seguiu a procissão, não participou da abertura da festa, muito menos foi registrada a sua presença na noite do leilão, e em nenhuma outra noite, acreditamos que por não ser um ano político, o prefeito “relaxou” em sua participação, certamente não o faria se precisasse agradar ao eleitor, se metamorfoseando em um festeiro.

Outro fato interessante que nos chamou a atenção é que a bandeira do santo foi conduzida por duas senhoras, sendo uma delas a principal articuladora política da oposição e presidente do Partido Socialista Brasileiro – PSB local. É oportuno lembrarmos que em junho de 2012 estávamos às vésperas da eleição municipal, em 2013 aquela não veio conduzindo a

bandeira, mas junta das demais mulheres do apostolado, pois é uma das integrantes do grupo; diferentemente de 2012, ela veio na procissão bem ao fundo, uma das últimas. Do mesmo modo, como já informamos acima, em 2013 não detectamos a presença de político algum durante a procissão, mas observamos alguns já na igreja quando da chegada do cortejo.

Tal qual a procissão, a celebração da missa durante toda a novena serviria para – no sentido mais estrito da palavra *religere* – religar o homem com Deus, podemos perceber na comunhão durante a missa esse ato. Este seria o momento mais sagrado, aparentemente contrário aos momentos que se seguem após a missa, ou seja, a festa, com músicas tidas como “do mundo”, acompanhadas por bebidas alcoólicas e a disputa por um frango assado.

No ano de 2013 a paróquia completou 50 anos de existência. Por se tratar de uma ocasião solene, o bispo diocesano, Dom José Gonzalo Alonso, celebrou a abertura da festa.



Imagem 04: Abertura solene da festa e coroação de Nossa Senhora, 2013.
Acervo Pessoal

A festa realizada no ano de 2013 seguiu uma programação diferenciada do ano anterior, aconteceram nove noites de festa, sendo sete noites com programação artística e cultural após a missa, tal mudança, foi uma iniciativa do padre José Roberto, em comemoração aos cinquenta anos de existência da Paróquia. No entanto, privilegiamos, nesta dissertação, a descrição e análise da festa realizada no ano de 2012, já que a mesma foi realizada às vésperas da eleição municipal, no entanto, não nos furtamos de estabelecer

comparações com a festa que ocorreu em 2013, pois entre elas percebemos diferenças interessantes.

A primeira noite de festa o Sagrado Coração de Jesus divide a atenção dos Católicos, pois nela se dá a coroação de Nossa Senhora, no dia 31 de maio¹³. O atual pároco da cidade decidiu instituir como data para a festa sempre o segundo final de semana do mês de junho já que tradicionalmente o dia do Sagrado Coração de Jesus é uma data móvel, podendo ser celebrado em junho ou agosto como era feito anteriormente, quando o pároco da cidade era o Pe. D'jacy Brasileiro. Nestes termos, o Pe. Roberto uniu as duas maiores devoções dos santacruzenses, no dia 31 de maio, quando acontece a coroação solene de Nossa Senhora, bem como o hasteamento da bandeira do Sagrado Coração de Jesus.

II.II. O INÍCIO DAS NOITADAS DE FESTA

A carreata teve início na entrada da cidade e se dirigiu até a prefeitura, local onde os fiéis, a pé, esperavam, para se organizarem e saírem em procissão até a Igreja matriz. Aguardavam a chegada da carreata, a banda marcial da cidade, “12 de Julho”; as crianças do PET – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil; os membros do apostolado da oração e os fiéis em geral. À medida que a carreata se aproximava da Prefeitura começava-se a ouvir o barulho da queima de fogos que brilhavam no céu.

Quando a carreata chegou ao seu destino final foi possível notar a disposição dos carros e motos. As motos vinham à frente e, em seguida, os carros. No primeiro carro aberto vinha a imagem do Sagrado Coração de Jesus, em um andor decorado com flores brancas e vermelhas; em seguida,

¹³. A tradição de coroar Nossa senhora no dia 31 de maio é quase tão antiga quanto a festa do SCJ, durante todo o mês de maio ocorrem novenas na cidade, aos domingos na igreja e durante a semana em bairros e casas previamente escolhidas pelo padre e a pastoral do dízimo, pois é uma forma de prestigiar aqueles que contribuem com o dízimo mensalmente, sendo que no fim do mês um dízimista é sorteado para coroar nossa Senhora, antes da chegada do Pe. Roberto, em agosto de 2011 o dia 31 era dedicado exclusivamente a solenidade de coroação, data tão importante quanto o *Corpus Christi*.

um carro com caixas de som tocando músicas católicas, no primeiro carro civil podiam ser vistos o prefeito e sua esposa, seguido pelos demais carros.

Encerrado o encontro entre os carros e os fiéis que na prefeitura esperavam pelo andor do Sagrado Coração de Jesus, o padre que vinha junto com a carreata, inicia a organização da procissão. A procissão segue uma linha aparentemente hierárquica no qual o pelotão da frente é formado pelos representantes do apostolado da oração, seguida pela banda marcial e, logo depois, a população em geral, seguida pelos carros; assim foi até a chegada na Igreja Matriz onde do lado de fora encontrava-se a imagem de Nossa Senhora, em um andor muito bem ornamentado com tons de azul e branco, “cores da santa”. Até então, as portas da igreja estavam fechadas para esconder toda uma ornamentação em tons de branco e vermelho.

O andor com a imagem de Nossa Senhora estava fora da igreja para ser coroada, esse ano quem teve a “honra” de coroar a imagem foi uma senhora de idade, que ganhou o direito por meio de um sorteio entre os dizimistas da paróquia, antes, era de costume a imagem ser coroada por uma menina ou uma jovem. Como já informado, os fiéis permaneceram fora da igreja esperando a coroação da imagem, e assim se procedeu, palmas e mais palmas, fogos e mais fogos de artifício iluminaram o céu, junto a cânticos para a coroação.

Ocorrida a coroação e, simbolicamente encerrando-se o mês mariano, o padre convocou a presidente do apostolado da oração para fazer o hasteamento da bandeira, o qual se realizou com a execução do hino do Sagrado Coração de Jesus pela banda marcial “12 de Julho”, junto ao pipocar de fogos de artifício. Prosseguindo, o padre Beto oficialmente fez a abertura das festividades ao Sagrado Coração de Jesus. E todos entraram na Igreja para o início do novenário.



Imagem 05: Interior da Igreja, 2012. Acervo Pessoal

O que nos chamou a atenção, foi que mesmo a decoração estando toda em vermelho e branco, não se ouviu comentários sobre um possível favoritismo quanto ao Partido dos Trabalhadores – PT, partido do atual prefeito e a época candidato a reeleição, talvez esse fato tenha ocorrido por ser o decorador de outra cidade, e que dentro da igreja algo do tipo não seria possível, o espaço é visto como sagrado, e as cores do santo não teria nada haver com a do partido do candidato, ou até mesmo por se observar que entre as flores vermelhas, flores laranjas, cores do partido de oposição, o Partido Socialista Brasileiro-PSB. Já fora, em relação as mesas da festa, ouvimos comentários sobre as cores das mesmas, muitas mesas vermelhas.

Enquanto todos se acomodavam nos bancos da igreja, passamos a observar sobre a disposição das pessoas; observamos que o prefeito e sua esposa sentaram no lado esquerdo da nave central, no primeiro banco, um dos lugares privilegiados na Igreja. Também nos sentamos em um lugar estratégico que nos permitia observar as pessoas que lá estavam.

Pudemos perceber que no lado esquerdo da Igreja encontrava-se a vereadora Lourdinha, opositora do prefeito na Câmara de Vereadores, e possível candidata a vice-prefeita; no lado direito da Igreja podia ser visto o atual secretário de ação social; no mesmo banco estava sentado um dos aliados mais antigos do ex-prefeito Chico Ferreira, o mesmo já ocupou vários cargos na prefeitura quando o seu aliado político era chefe do executivo

municipal, conhecido por todos como Reno, senhor de idade e que goza de bastante prestígio político.



Imagem 06: Realização da Missa. Acervo Pessoal

A foto deixa transparecer que no interior da igreja, na hora da missa, as diferenças podem ser temporariamente deixadas de lado, ao observar a foto, podemos ver adversários políticos sentados lado a lado, sem nenhum constrangimento, algo que não acontece durante o leilão, onde os ânimos se acirram, observamos o ex- vereador e atual secretário de Ação Social Arcenor Gomes juntamente com sua esposa Lucivânia, sentados lado a lado de Reno, a hora da missa congrega e comporta todos até no mesmo banco, enquanto que o leilão separa e divide.

Concordamos com a assertiva de Carlos Rodrigues Brandão (1985), para quem,

a participação de sujeitos de classes sociais antagônicas nos mesmos rituais, ainda que com diferenças de graus de modalidade de controle, investimento e homenagens, é ideologicamente traduzida como a matriz das relações de uma festa de Igreja, também nisso, em oposição ao que ocorre na rotina, sobretudo quando os sujeitos são de classes tidas como estruturalmente antagônicas. (pág. 204)

Mas devemos discordar também quando necessário, pois observamos que na prática o discurso de igualdade não funciona. Não só as classes sociais

são divergentes em modo de participação na festa social, mas principalmente a classe política. Observamos que os políticos participam de um modo diferente dos demais, analisaremos esse fato no decorrer do texto. Observamos que a aparente igualdade entre os participantes fica restrita ao espaço da igreja, saindo de tal espaço, tudo se transforma. O espaço social ganha um novo significado e as representações sociais igualmente se redefinem, desta feita, baseadas numa forte estratificação e hierarquias sociais.

Outra presença política, por nós observada, foi a do Vereador Clecimildo que se encontrava bem próximo à porta principal da igreja, vindo sentar-se na nave principal em meio aos fiéis.



Imagem 07: Entrada da imagem do padroeiro na igreja matriz. Acervo do Pe. Roberto

Ao analisarmos a exposição pública da imagem, observamos que os devotos tentam, ao máximo, se aproximarem da imagem, tocando-a, beijando-a etc. tal atitude nos parece ser uma tentativa de publicamente expor uma devoção e parece que para o devoto, quanto mais próximo estiver do santo, maior a sua devoção.

Em analogia a esse fenômeno da devoção dos fiéis, esse ambiente do sagrado e de demonstração de fé parece ser uma excelente vitrine para o político ganhar a simpatia e a adesão do eleitor, ou seja, se ele se portar de igual maneira ao devoto, demonstrando igualmente tal fé, muito possivelmente isso trará para ele dividendos em época de campanha eleitoral. Em outras

palavras, se apresentar como bom cristão, católico e presente à Igreja podem ajudar a angariar votos, ganhando a simpatia dos eleitores.

Flávia Pires (2003) ao descrever a festa de São Sebastião na cidade de Catingueira-PB, nos mostra como se dá o hasteamento do mastro e da bandeira, enfatizando o “lugar dos homens poderosos”.

A colocação do mastro se realizou através de uma estrutura bem definida de poder. Primeiro só os homens é que pegam no mastro. Doutô Paulo é quem coloca e hasteia a bandeira, em sua volta só homens, um primeiro círculo, Vivino, Nanan, Doutô Celso, e outros homens de prestígio. (PIRES, 2003, p. 52)

Podemos observar o reforço da ideia de que quanto mais prestígio você tem, mais próximo de Deus deve ficar, quanto mais prestígio o momento solene, mas presença você deve fazer, basta observar a imagem acima e analisar a posição do então vereador candidato a reeleição Clecimildo. Diferente da festa em Catingueira, em Santa Cruz, a honra de hastear a bandeira é sempre da presidente do Apostolado da Oração, temos que lembrar que nem sempre foi assim, já houve um festeiro responsável por esse ato.

As estratégias para angariar votos se desenrolam durante as missas, de modo mais sutil, talvez, mas ganham força e notoriedade durante o leilão dos frangos e outras ofertas. Observemos como se prepara e se realiza a quermesse.

A festa em 2013 passa por um processo de disciplinarização; observamos a ocorrência no aumento de dias da festa, conseqüentemente isso exigiu um aumento de comidas e bebidas a serem comercializadas, até mesmo as fichas que são entregues para a aquisição de bebidas e comidas nas barracas e pavilhão da festa, que antes eram feitas de cartolina, passaram a serem impressas em gráficas, facilitando a venda e a contabilidade ao final de cada noitada de festa.

A festa enuncia-se como adesão da comunidade católica, tornando-a um momento pedagógico, onde os laços sociais de reciprocidade entre o Santo, Igreja e comunidade são recriados e reforçados a partir do momento em que o

fiel doa para o santo e recebe em troca a certeza da benção futura, um bom inverno para os agricultores, ou a prosperidade no comércio para os donos de supermercados e lojas. A Igreja aparece e reforça a ideia de intermediária entre o santo e os fiéis, ela cumpre o papel de garantir que as ofertas sejam usadas em prol do Santo e sua Igreja.

Durante o preparo dos frangos sentimos o comprometimento da comunidade para com a festa, todos os bens para serem leiloados são resultado de doações, não se compra nada, a comunidade se envolve, sente que existe na verdade um dever para com o santo, tendo em vista que o mesmo protege a cidade. Já afirmamos, mas voltamos a fortalecer a idéia de que a festa serve para unir a comunidade, é o momento dos laços sociais serem reforçados, e assim, a teia social conseguir manter-se firme, até a próxima festa de padroeiro.

Enquanto os homens e mulheres trabalham na parte da preparação da festa, durante o dia, a noite a quantidade de homens é bem reduzida, observamos apenas cinco trabalhando na venda e distribuição das bebidas, já as mulheres trabalham em maior número, outras se ajuntam nas barracas na noite das festas. Permanece a nítida divisão sexual e social do trabalho, às mulheres é designado o lugar do lar, evocando a figura da cozinha e das comidas que são vendidas e servidas pelas mesmas. Aos homens é delimitado o espaço da rua, representado na figura do bar, onde as bebidas são vendidas e distribuídas.

Exemplo parecido pode ser observado na etnografia de Carlos Alberto Steil, "O Sertão das Romarias", (1996), onde ao estudar as romarias ao santuário do Bom Jesus da Lapa na Bahia, o antropólogo demonstra o lugar do masculino e do feminino, onde aos homens é permitido se ausentar do rancho e passear pela cidade, ficando as mulheres restritas aos cultos e atos religiosos. Na mesma perspectiva, os leilões da festa do Sagrado Coração de Jesus, onde apenas homens fazem lances para aquisição de frangos assados, enquanto as mulheres aparecem apenas como coadjuvantes, hora sendo a elas oferecido um frango, hora elas mesmas arrematando bolos e tortas.



Figura 08: Organização das mesas e cadeiras para a festa. 2012. Acervo Pe. Roberto.

As relações expressas durante a festa demonstram claramente o papel da Igreja, ela é a ponte entre Deus e o homem. Primeiramente se estabelece a relação entre Deus e a Igreja, depois a relação homem e Igreja. Assim sempre será uma relação dualista, o que é pedido ao santo ou a Deus, passa pela Igreja. Há séculos que essa instituição controla e serve de uma espécie de mediadora entre o divino e o profano, assim podemos observar que:

Este princípio de reciprocidade está relacionado na literatura com o contrato diático que é usado para explicar o comportamento das pessoas em sociedades onde os laços realmente significativos são informais ou implícitos e não prescritos ou estabelecidos por leis. As relações diáticas ligam pares de contratantes e não grupos. Cada pessoa é o centro de uma rede privada de laços contratuais que se estabelecem entre pessoas do mesmo status social e entre homens e os seres sobrenaturais. (Foster, 1967 & Landé 1977, apud STEIL 1996, p. 101)

As motivações nas doações para a festa, bem como a participação na mesma, torna cada indivíduo o centro dessa complexa rede de intenções que existem dentro da festa do Sagrado Coração de Jesus. As motivações são individuais, por isso a Igreja serve de intermediária.

II.III. A PRESENÇA DOS POLÍTICOS LOCAIS NA FESTA

A definição de política é bastante ampla e de difícil consenso no campo das Ciências Sociais; possui diferentes concepções se tomadas por cada uma das três áreas das Ciências Sociais. Optamos, nesta dissertação, por mesclar os conceitos tradicionais como colocados por Weber (1974), com conceitos mais contemporâneos da antropologia.

A política para Bobbio (2000) é a atividade estritamente ligada ao poder, no caso, o poder de governar o Estado, que segundo Weber (1974, p. 43-44; 112) “por Estado deve-se entender um instituto político de atividade continuada, quando e na medida em que seu quadro administrativo mantenha com êxito a pretensão no monopólio legítimo da coação física para a manutenção da ordem vigente”, e acentua sua definição de Estado com a de política, que estão estritamente relacionadas, “entendemos unicamente por política a administração de um grupo político que hoje denominamos ‘Estado’, ou a influência exercida nessa administração”.

Contemporaneamente, Castro (2004, p.53) afirma que “a política compreende um conjunto de esforços empreendidos pelas pessoas que objetivam participar do poder ou influenciar a distribuição do poder”.

Do conceito de Castro, podemos focar principalmente nas pessoas que buscam a manutenção do poder, a título de exemplo podemos citar a pesquisa empreendida por Christine de Alencar Chaves (2003, p. 16), que analisou como é realizada a política na cidade de Buritis, no Estado de Minas Gerais. A mesma nos afirma que em Buritis o elemento primordial da política não são os partidos, mas sim os políticos. A autora discorre e explica o porquê desse entendimento, a mesma analisa que existe a personificação do Estado e seus benefícios na pessoa do político.

Assim, juntando a análise de Chaves e a compreensão de Castro, podemos enveredar pela política de Santa Cruz e afirmar que em Santa Cruz os personagens principais da disputa política são sempre os candidatos a prefeito, eles carregam uma áurea de “salvadores da pátria”, são adorados tal

qual o padroeiro da cidade. Pelo fato exposto é que intentamos essa pesquisa, pois como Chaves alerta:

Em Buritis aprendi que o elemento primordial da política manifesta-se não nos partidos, mas nos políticos, contradizendo o eixo definidor das análises e da teoria política modernas, mostrando ser necessária uma reorientação no modo de compreender a política no Brasil, sob pena de desconhecer a lógica efetivamente perante no processo político. (CHAVES, 2003, p. 16)

É sob o auspício de uma nova interpretação da política que intentamos nossa pesquisa. Buscando na Antropologia uma metodologia que nos ajude a compreender como a cultura local pode interferir na política, nos mostrando novos limites de compreensão e análise.

Historicamente em Santa Cruz a política sempre deu o que falar e muito mais o que discutir; o município sempre esteve dividido em diferentes blocos políticos, o de maior permanência no poder é o bloco do dentista conhecido por Dr. Chico Ferreira ou Francisco Ferreira Sobrinho, que governou Santa Cruz em dois momentos distintos, tendo sido também vice-prefeito. Dr. Chico Ferreira construiu sua reputação política utilizando-se da sua profissão de Dentista.

Chico Ferreira (PSDB)¹⁴ elegeu-se prefeito de Santa Cruz em 1992 tendo como vice-prefeito Chico de Arlindo, governando de 1993 a 1996. Como nessa época ainda não existia reeleição, o prefeito apoiou e elegeu o candidato Francisco Lopes da Silva (PMDB¹⁵) cujo vice é o atual prefeito Raimundo Antunes. Nas Eleições de 2000, chega ao poder municipal o candidato Diniz

¹⁴ O Partido Social Democrata Brasileiro- PSDB, surge (1988) com a reabertura política e redemocratização do Brasil, pós ditadura militar, 1964- 1985, o partido é resultado da divisão do PMDB. Tendo como principais lideranças: Fernando Henrique Cardoso, José Serra, Geraldo Alckmin, Aécio Neves, Yeda Crusius, Teotônio Vilela, entre outros. O partido defende como principal ideologia o neoliberalismo. Tem por número o 45.

¹⁵ O PMDB surge (1980) com a reabertura política e redemocratização do Brasil, pós ditadura militar, 1964- 1985, o partido é resultado da experiência do bipartidarismo durante os anos de ditadura. O MDB era o único partido autorizado a fazer oposição durante a ditadura militar, a existência de um partido de oposição dava um ar de democracia a ditadura. Principais lideranças: Itamar Franco, Ulysses Guimarães, Tancredo Neves, José Sarney, Michel Temer, Renan Calheiros entre outros. Tem por número o 15. Ideologicamente é neoliberal, defende a democracia e a livre iniciativa. É um partido essencialmente burguês.

Sobreira (do PFL, hoje DEM)¹⁶. O candidato foi apoiado por Rômulo que viria a ser vice de Chico Ferreira nas Eleições de 2004. Depois de vários arranjos e rearranjos políticos Dr. Chico Ferreira não se candidatou a prefeito em 2012, apoiou um neófito na política, o empresário local Girleno Pereira (PSB¹⁷), que teve o apoio do ex-prefeito Diniz rompendo com Dr. Raimundo, o qual apoiou em 2008, e aliando-se ao seu inimigo político Chico Ferreira. Tais arranjos e rearranjos só demonstram como a política é fluida, mudando dependendo de interesses pessoais, não estando ligada a uma única ideologia partidária.

Outro bloco político com força na cidade de Santa Cruz é atualmente liderado pelo atual prefeito, Dr. Raimundo Antunes (PT)¹⁸, que tem por profissão a docência e advocacia. A partir da citada vitória Dr. Raimundo ganha notoriedade na população de Santa Cruz. Descendente direto do fundador do município, Nestor Antunes, conseguiu o feito histórico de ser reeleito, até então desde que passou a existir a reeleição para cargos do executivo nenhum candidato conseguiu ser reeleito em Santa Cruz.

Dr. Raimundo conseguiu capitanear adversários políticos nas últimas eleições, a exemplo de Rômulo que fora vice de Chico Ferreira em duas ocasiões e apoiara Diniz em 2000, juntamente com o seu sobrinho Luciano Caetano (PR), que exerceu mandatos em 2000 e 2008 como vereador; também o vereador Milton Sarmiento que sempre fez parte do bloco de oposição a Dr. Raimundo, o mesmo saiu do PSDB e se filiou ao PT, sendo cassado posteriormente por infidelidade partidária.

¹⁶ O Partido da Frente Liberal (1985) surge da ruptura que ocorreu na ARENA, até então a ARENA era o partido ligado a ditadura, a Frente Liberal foi formada pela ala mais liberal que se negou a optar pelo PSD. Principais lideranças: Marco Maciel, Onyx Lorenzoni, Antônio Carlos Magalhães, César Maia e Gilberto Kassab, entre outros. O partido mudou de nome em 2007, atualmente Democratas- DEM, mas continua tendo por número o 25. A ideologia partidária é conservadora, mas suas práticas são neoliberais.

¹⁷ O Partido Socialista Brasileiro- PSB foi originalmente fundado em 1947, sendo refundado em 1985, representa uma alternativa entre os partidos socialistas radicais e a socialdemocracia. Principais lideranças: Miguel Arraes, Luiza Erundina, Rubem Braga, Beto Albuquerque e Eduardo Campos. Tem por número o 40.

¹⁸ O Partido dos Trabalhadores - PT foi fundado em 1980, nasce com uma ideologia identificada com partidos socialistas e socialdemocráticas, porém faz fortes críticas a ambos por não apresentarem alternativas políticas e sociais ao modo vigente. Considerado de esquerda, teve e tem como principais lideranças: Luís Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Tarso Genro, Aloizio Mercadante, Eduardo Suplicy, Marta Suplicy, José Dirceu entre outros. Tem por número o 13.

Nas últimas eleições a oposição liderada por Girleno apoiou e viu vencer três vereadores; reconduziu ao cargo o vereador Marquinhos, Francisco Jefferson (DEM) profissional da área da saúde que atua no município como fisioterapeuta e Filipe de Toinho (PSD) filho de empresário que apoiou a candidatura de Diniz em 2000 e a de Chico Ferreira em 2004.

Nessa conjuntura, houve um racha na família, pois o seu irmão Severino foi candidato a prefeito, mas seu irmão Antônio Gomes (Toinho da empresa) apoiou Chico Ferreira na tentativa de colocar sua esposa Socorro como candidata a vice, nas eleições de 2012 o racha continuou a existir, Severino apoiando Dr. Raimundo e Antônio, Girleno Pereira. Um fato nos chamou atenção: durante a coleta de dados, o único momento em que observamos todos os adversários dividindo o mesmo espaço em público foi nas festas de padroeiro, em especial a do Sagrado Coração de Jesus.

Ao descrever o perfil de cada um dos protagonistas da última eleição em Santa Cruz foi possível observarmos que todos os três possuem nível superior e exercem profissões liberais, fato que os possibilitam ter um contato maior com a população, principalmente Chico Ferreira e Raimundo Antunes. Girleno Pereira se notabilizou na cidade pelo fato de ser um empresário que gera empregos diretos e indiretos no município, pois possui uma construtora e maior parte dos seus funcionários são de Santa Cruz. Podemos observar, assim, o uso do poder econômico e ideológico na construção do poder político de ambos.¹⁹

¹⁹. O poder econômico, o poder ideológico e o poder político. O primeiro é o que se vale da posse de certos bens, necessários ou considerados como tais, numa situação de escassez, para induzir aqueles que não os possuem a manter um certo comportamento, consistente sobretudo na realização de um certo tipo de trabalho. [...] Em geral, todo aquele que possui abundância de bens é capaz de determinar o comportamento de quem se encontra em condições de penúria, mediante a promessa e concessão de vantagens. [...] O poder ideológico se baseia na influência que as idéias formuladas de um certo modo, expressas em certas circunstâncias, por uma pessoa investida de certa autoridade e difundidas mediante certos processos, exercem sobre a conduta dos consociados: deste tipo de condicionamento nasce a importância social que atinge, nos grupos organizados, aqueles que sabem, os sábios, sejam eles os sacerdotes das sociedades arcaicas, sejam os intelectuais ou cientistas das sociedades evoluídas, pois é por eles, pelos valores que difundem ou pelos conhecimentos que comunicam, que se consuma o processo de socialização necessário à coesão e integração do grupo. Finalmente, o poder político se baseia na posse dos instrumentos mediante os quais se exerce a força física (as armas de toda a espécie e potência): é o poder co-ator no sentido mais estrito da palavra. (BOBBIO, 1983, p. 555)

Na Antropologia a política ganha uma conotação bem específica; o político assume, principalmente em pequenas cidades como Santa Cruz, o papel de mediador entre o cidadão e o Estado, prestador de serviço. Daí porque se valoriza tanto o conhecimento, a amizade com um político local. Nessa linha de pensamento, Kuschnir (2007, p.164) assim argumenta:

A política é entendida, aqui, principalmente como um meio de acesso aos recursos públicos, no qual o político atua como mediador entre comunidades locais e diversos níveis de poder. Esse fluxo de trocas é regulado pelas obrigações de dar, receber e retribuir, o que o antropólogo Marcel Mauss ([1924] 1974) chamou de “lógica da dádiva”, e cujo princípio fundamental está no comprometimento social daqueles que trocam para além das coisas trocadas.

Na festa de padroeiro devemos entender os acontecimentos para além do que está sendo dito, feito e ou trocado, observamos o que está por trás da troca simbólica entre pares durante a festa devotada ao Sagrado Coração de Jesus, especialmente na noite em que ocorre o leilão de frangos assados, pois é exatamente nessa noite que se observa, de maneira mais contundente e, especialmente, o uso do poder econômico e a disputa simbólica entre os adversários políticos.

Como já foi informado anteriormente a festa religiosa dura nove noites passaremos a descrever e analisar o que ocorreu nas nove noites de novena em 2012 estabelecendo, à medida do possível, comparações com 2013.

A noite de abertura parece ser mais especial, pois figuras políticas só se fazem presentes nessa e na noite em que ocorre o leilão, por exemplo, o prefeito que se fez presente na noite de abertura com sua esposa, voltando à festa apenas durante o encerramento, alguns vereadores seguiram o mesmo caminho, com exceção da vereadora Lourdinha que participou praticamente de todas as noites.

Não fomos os únicos a observar a ausência dos políticos, então inquirimos aos nossos informantes: os políticos estão tanto nas festas, como nas novenas?

O nosso prefeito atual, ele não gosta de participar de nada da igreja, a não ser da festa do padroeiro, a não ser que ele seja padrinho de um casamento, a não ser que não seja uma missa solene, ele não é um praticante da igreja no domingo, ele não é. E eu não to mentindo, a população vê, e sente falta nisso, porque era pra ele ta mais presente, porque é uma das autoridades da cidade, a mulher dele é, a mãe dele sempre foi, só que não pode mais, por conta da idade, da saúde, mas a gente sente muita falta dele, por causa dessas coisas. (Entrevista com Princesa Isabel em 09/01/2013,)

Ao questionar um dos vereadores obtive a seguinte resposta:

Pesquisador: O senhor além de participar da festa **social**, o senhor vai pra festa religiosa: as procissões, missas, novenas que acontecem na festa do padroeiro?

Vereador: Vou! Sempre participo das missas que acontecem; as festas, eu vou, não todas, como já falei mas sempre que posso eu estou sempre presente nas missas! (Entrevista realizada com Congo em 16/01/2013)

Apesar do vereador ter afirmado em sua entrevista que participou das atividades da Igreja, o que pudemos perceber durante a realização do trabalho de campo foi a sua ausência, tanto no ano de 2012 como em 2013.



Imagem 09: Vista lateral esquerda da Igreja Matriz na noite de abertura da Festa. 2012. Acervo pessoal

Observamos em nossa pesquisa de campo que a presença dos políticos locais dá-se em outros momentos da festa. Particularmente na festa mais social, a festa de rua e no dia em que se realizam os leilões na chamada festa da barraca é que podemos encontrá-los, passeando entre as mesas, cumprimentando as pessoas, tentando enfim, garantir uma visibilidade perante a sociedade local.

Pudemos observar que, não existe uma separação nítida entre o sagrado e o profano, é uma festa só, que englobam os dois lados. Pudemos constatar que existe uma divisão clara de tarefas, existe uma ordem estabelecida, que é reforçada ano após ano. Observamos também que, a atenção dos festeiros é “disputada” pelos políticos, tendo como principais “adversários” o padroeiro e os outros políticos locais.

No próximo capítulo abordaremos de forma mais sistemática a ligação entre a festa e os seus usos políticos, tendo em vista que quanto mais perto das eleições, mais espetacularizada a festa tende a ficar.

III. FESTA, RECIPROCIDADE E ESPETÁCULO – OS USOS POLÍTICOS DA FESTA

É bastante antiga a relação entre Igreja e política na cidade de Santa Cruz. Basta observarmos a história da cidade; seu próprio surgimento deve-se a doação de uma quadra de terra a Igreja por benesse de um cidadão, com vasta propriedade, que posteriormente se tornaria prefeito.

Brandão (1985), ao estudar as festas de santo no Brasil, nos mostra que a relação entre os coronéis e padres eram constantes, onde o coronel estaria à disposição da Igreja, como uma força econômica e o padre com a força ideológica, tendo como função, muitas vezes, controlar a população;

O padre vigário era o aliado religioso do coronel- fazendeiro. Chegou em Itapira com ele e o ajudou a construir o mundo do seu domínio. A serviço de senhores rurais e com a participação subalterna de funcionários burgueses, de comerciantes, de profissionais autônomos, de pequenos fazendeiros e de trabalhadores agrários e urbanos ligados à paróquia, o padre constituiu uma igreja local romanizada e dominante [...] As trocas mútuas de serviços preferenciais entre o padre e os grandes fazendeiros eram públicas e diretas. O sacerdote que oferecia serviços religiosos às classes subalternas, estava politicamente a serviço da dominante [...] Mas dos coronéis-fazendeiros esperava-se doações em dinheiro, material ou trabalho de escravos e empregados, dignas de notícias com destaque no jornal da semana, de placas de bronze e, às vezes, de alguma comenda. De sua parte, a elite agrária esperava que o padre vigário fosse o agente sempre ordeiro de uma Igreja em festa, capaz de criar, com inesquecíveis rituais religiosos de rua (procissões, cortejos) ou de igreja (missas, novenas), momentos solenes e solenizadores da nova ordem. (BRANDÃO, 1985, p. 37)

A ligação da Igreja em Santa Cruz foi mais ampla, não esteve apenas ligada aos proprietários de terras, mas principalmente aqueles cidadãos que controlavam as profissões liberais, tais como, professor á época, médicos e advogados, profissões com grande prestígio social.

Profissionais com conhecimentos específicos e de grande importância social, utilizavam-se de seu prestígio para se associar a Igreja e assim distribuir

“favores”, em troca de um possível apoio eleitoral, podemos observar tal lógica em Santa Cruz. Se analisarmos os últimos 20 anos de história política de Santa Cruz, veremos que apenas dois prefeitos, o senhor Diniz Sobreira²⁰ e senhor Francisco Lopes não possuem formação em terceiro grau, os demais todos possuem nível superior completo, atuando em suas respectivas áreas, professor, dentistas ou advogados. Fica claro em nossa análise que o que vai importar propriamente é a capacidade que o político possui em converter poder econômico em prestígio social e político.

Essa relação entre Igreja e política para existir deve ser baseada em uma relação de mão dupla, o padre deve ter inclinações políticas, ou, favorecimentos nessa relação. Alguns de nossos informantes afirmaram que o pároco D'jacy Brasileiro era extremamente politizado, em todos os sentidos. Fazia política social;

Padre D'jacy já é um padre político por natureza. [...] não, não é político partidário, é político de perfil, o social dele, o perfil de atuação dele, ele é mais voltado pra as causas sociais, ele é mais voltado para as questões que afligem a população, ele não acha que a Igreja é apenas aquela instituição religiosa que ali deve ficar pregando a palavra de Deus, ele vai a luta. Ele luta por causas e ele tem, até por uma questão familiar, a família dele no Vale do Piancó é política é, não é que ele goste, mas ele se sente bem, fazendo isso, lutando pela população mais carente, pela população pobre, lutando por essas causas, aí entra a questão que ele não vê uma atuação da classe política, ele tenta e vai lá e tenta fazer a parte dele, não apenas como padre mas como cidadão também. (Entrevista realizada com Araruna em 12/01/2013)

O padre a que nos referimos, abraçou a causa da seca no Nordeste como bandeira de luta, ele é conhecido por sua famosa cruz de latas, que percorreu e percorre grande parte do sertão nordestino, tendo ido até Brasília como forma de protesto.

²⁰ O senhor Diniz ficou conhecido em toda a cidade por ocupar um cargo de gerência na agência local dos correios, era conhecido como Diniz dos Correios. Por mais que não tivesse uma profissão liberal, não deixava de ocupar uma função relativamente de prestígio social, pois os Correios fazia as vezes de banco e prestador de outros serviços, assim o então político ganhou notoriedade por viabilizar em determinados momentos serviços, ou seja, fazendo uso do jeitinho brasileiro.



Imagem 10: Pe. D'jacy Brasileiro e sua cruz de latas. Arquivo do Padre.

A cruz de latas surgiu um ano após a chegada do padre em Santa Cruz, no ano de 2002. O ano de 2003 foi o início de sua jornada em favor da construção da adutora na cidade tendo em vista problemas de abastecimento de água. Tornou-se crítico ferrenho do então prefeito Diniz Sobreira. Um ano depois, aparentemente favoreceu a candidatura do adversário político do então prefeito, ajudando na sua eleição.

Traçaremos um perfil mediante as informações colhidas nas entrevistas, assim fortaleceremos nossas afirmações a respeito da ligação direta, entre Igreja e Política em Santa Cruz, ligação que fica clara ao observarmos a festa do Sagrado Coração de Jesus, tendo em vista as mudanças realizadas pelo Pe. D'jacy em anos eleitorais, como possível estratégia de desarticular candidaturas e o uso político da festa;

Mas no começo, padre D'jacy, não sei se foi influenciado, mais ele entrou por uma questão política, talvez ele não viu, no começo, logo quando ele chegou, dizem que ele tomou partido, mas só que logo depois ele se frustrou, ele deve ter se arrependido por aquele posicionamento, houve ate um boicote por parte de determinados setores da Igreja e tudo, só que depois ele voltou ao normal e preferiu ficar neutro. (Entrevista realizada com Araruna em 12/01/2013).

O depoimento mostra que o Padre Pe. D'jacy saiu da política social, passando a interferir na política partidária local, votando abertamente em um determinado candidato, fazendo com que certas ações o favorecessem. Em alguns momentos de nossa entrevista, realizada com Araruna, fica claro qual candidato foi favorecido:

-Pesquisador: Isso na eleição de 2001?

-Informante: Isso na eleição de 2004, Chico Ferreira e Severino.

- Pesquisador: E na de 2008?

- Informante: Na de 2008, eu não senti aquelas mesma energia em relação ao resultado da eleição, porque assim, percebi em 2004 uma torcida do padre para determinado candidato, que em 2008, o resultado pra ele pessoalmente, você não percebia por parte dele uma torcida por determinado candidato ou coligação.

- Pesquisador: Talvez já por causa das decepções antigas?

- Informante: Das decepções anteriores, ele preferiu ficar mais passivo em relação a isso. (Entrevista realizada com Araruna,12/01/2013)

Mesmo o informante afirmando que em 2008 não existiu uma torcida por parte do Pároco, acreditamos que talvez o informante afirme a inexistência de torcida em 2008 pelo fato de que o candidato eleito foi o que ele próprio apoiara. Aparentemente mesmo não votando mais em Santa Cruz, o padre torcia pela vitória do candidato do PT, pois o mesmo é filiado e militante do Partido dos Trabalhadores, o mesmo partido do então candidato eleito a prefeito Raimundo Antunes.

É sabido que o padre transferiu seu domicilio eleitoral para a capital do Estado, para alguns informantes tal fato aconteceu pelas desavenças ocorridas entre o padre e o candidato não eleito a prefeitura municipal, Chico Ferreira, e dos comentários e discussões ocasionadas depois da eleição, já que o padre foi acusado de usar sua residência oficial como local de compra de votos.

Tais denúncias fizeram com que ocorresse, por algum tempo, o esvaziamento de fiéis nas celebrações religiosas na Igreja, pois o padre foi acusado de compra de votos também pelo candidato a prefeito, Chico Ferreira, que saiu derrotado. A acusação era de que o padre D'Jacy usava o púlpito da igreja para proferir seus sermões, que muitas das vezes era compreendido de modo errôneo:

- Pesquisador: O sermão do padre D'jacy era mais voltado para o social, é isso?

-Informante: Era, mais um sermão de engajamento político, social de cunho mais socialista, revolucionário, e padre Beto não, já segue essa linha mais doutrinária da Igreja. O sermão dele, geralmente é de acordo com a leitura da bíblia. E padre D'jacy era um sermão em que as pessoas criticavam da forma como ele celebrava a missa, mas o sermão dele era um sermão que as pessoas gostavam de ouvir, ficavam atentas em relação a isso. (Entrevista realizada com Santa Helena em 08/01/ 2013).

Obviamente não resta nenhuma dúvida que a formação política do padre D'jacy certamente foi levada para a sua prática como sacerdote, e a grande questão que se coloca é onde começa a Igreja e termina a política e onde termina a política e começa a Igreja; sabemos que nem sempre tal separação é possível, muito pelo contrário, na prática cotidiana esses dois campos, longe de serem separados, acabam por conectar-se totalmente.

Ele é uma pessoa que ele falava muito o que ele pensava, ele é uma pessoa muito aberta, entendeu, ele muitas vezes, eu acho, que ele foi mal interpretado. Nas expressões dele, nos pensamentos dele. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/ 2013)

Por ele ter ido embora sem se tornar candidato, chegamos à conclusão que o mesmo não tinha intenções em se lançar a nenhum cargo do executivo, nem do legislativo, essa hipótese foi levantada à época, mas o mesmo fez questão de dirimir. Assim muitos dos nossos informantes chegaram a mesma conclusão;

Muita gente dizia que ele queria ser político aqui em Santa Cruz, eu particularmente não. E se ele queria, ele soube esconder isso. É tanto que ele foi embora daqui e nunca conseguiu, porque se ele tivesse se candidatado ele com certeza teria ganhado. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/ 2013)

Ao que tudo indica, segundo alguns de nossos informantes, tais discursos e tais práticas acabaram afastando os fieis, até mesmo aquelas que costumavam ajudar na organização e realização da festa do padroeiro;

-Informante: É porque muita gente se afastou, muita gente perdeu o estímulo, e pra trazer essas pessoas de volta foi difícil, nem todos vieram, algumas vieram.

- Pesquisador: E por quê? O que foi que aconteceu que as pessoas se desestimularam a participar das festas de padre D'jacy?

- Informante: Eu não sei te dizer, o que foi que houve entre padre D'jacy e a comunidade, que tornou no que tornou. Eu ate comento que padre D'jacy, foi muito cruel o que fizeram com ele.

- Jomário: Em que sentido?

- Informante: Assim, já na fase final dele, ele ficou muito só, abandonaram ele completamente, assim, como se abandona um bicho. Foi muito triste para ele, a saída dele daqui. Muito. Foi assim em termos de humanidade, foi desumano o que fizeram com ele. Ate na reunião que fizeram com ele, ele mesmo perguntou. Tinha 10 pessoas contadas nos dedos na reunião, ele disse o que aconteceu, com aquele povo que veio me acompanhando, que me recepcionou, que me acompanhou a vida toda e hoje eu estou só. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013)

O afastamento de parte considerável da população católica foi visível e sentida até mesmo pelo padre, talvez a resposta dada pelo informante ajude a compreender esse processo de afastamento da população, “era, mais um sermão de engajamento político, social de cunho mais socialista, revolucionário” (Araruna).

Observamos as atividades do citado padre eram direcionadas mais para o social e o político, enquanto que o chamado “lado espiritual” deixava a desejar; assim, parte dos fiéis se sentiram abandonados. O abandono era

sentido mais fortemente quando tratamos da festa do Sagrado Coração de Jesus, que segundo os nossos informantes é a mais importante festa em Santa Cruz para a comunidade católica:

-Pesquisador: O que você acha do modo como padre D'jacy fazia a festa?

-Informante: Na parte social ele sempre gostou muito de trabalhar, mas a parte religiosa, ele sempre deixou um pouco a desejar, ele sempre buscava lutar por coisas mais sociais, era o que se dava pra perceber. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013)

A parte social é de extrema importância, mas somente quando a parte espiritual não é deixada de lado, foi isso que nos disse boa parte de nossos informantes, ademais, tal atividade social sempre esteve ligada a questão política partidária; mesmo o padre D'Jacy não tendo nenhuma relação direta com partidos do município, os cidadãos observavam essa proximidade do discurso e da prática do padre a questões políticas. Vejamos os dois depoimentos abaixo transcritos:

- Pesquisador: Mas você não vê nenhum motivo especial ou algo que pudesse realmente, que fosse realmente ser necessário ele (o padre D'jacy) ser tratado assim?

- Informante: Não, talvez o trabalho dele, não sei. Talvez a metodologia dele, o enfrentamento dele das coisas, ele se envolveu também muito atividades extras.

- Pesquisador: Quais seriam essas coisas extras?

- Informante: Essa parte social dele que eu não acho errado de forma alguma, só que ele deveria ter sabido administrar, não ter abandonado a parte da paróquia e ter focado somente no social. Eu acho que o ponto foi esse, ele focou muito no social e deixou a parte da paróquia abandonada.

- Pesquisador: Ai isso fez talvez com que as pessoas se afastassem?

- Informante: Foi. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013)

É assim, por causa que o Padre Beto, ele é exclusivamente só

pra mística, pra evangelização. Ele é fácil de entender o que ele fale. Já o Padre D'jacy ele fugiu um pouco, do sermão, se ele tivesse um assunto em pauta, alguma coisa que ele tivesse achando que merecia levar... Eu não acho isso errado não, entendeu? Eu não acho. Porque o pároco tem que estar em comum e passando o que está se passando para os seus fiéis. Agora a maneira de entender, entendeu? (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/2013)

Alguns informantes nos relatou que durante os sermões de Pe. D'jacy sempre existiu espaço para discutir os problemas sociais locais e regionais, a seca e a fome sempre foram as principais; enquanto o lado espiritual era negligenciado.

Fato curioso é que em 2008 começaram as mudanças nas festas, especialmente a da paróquia, pois nesse ano eleitoral tivemos o embate político entre o "PT do padre", e o PSDB, adversário histórico do partido tido como de esquerda. Na eleição anterior, presenciamos a disputa entre o PSDB de Chico Ferreira e então PFL de Severino, e do então prefeito Diniz:

-Informante: Eu não me lembro, deixe-me ver. A participação do pessoal diminui pouco depois da política, das eleições de, em que ano foi?

- Pesquisador: desde 2004 ele começou a se envolver em política?

- Informante: Ele participou né?

- Pesquisador: Como assim? Participou de que?

- Informante: Sim, havia comentários de que ele apoiava candidato A.

- Pesquisador: Quem era o candidato A?

- Informante: O candidato A, foi o candidato que foi eleito. Francisco Ferreira Sobrinho. (Entrevista realizada com Pilar em 12/01/2013)

A festa de fato começou a sofrer mudanças a partir de 2008 com padre D'jacy, não nos interessa muito nesse momento os por quês de tais mudanças, relatamos de modo a tornar mais claro a existência da vinculo entre Igreja e

política, ora mais forte, ora mais fraca dependendo do pároco. Em 2012 a festa volta a se transformar, pároco novo, novo velho modelo de festa.

Ao dizer novo velho modelo de festa queremos dizer que o padre retomou e reintroduziu na festa velhas práticas, tais como o leilão e a venda de bebidas alcoólicas. Com a volta da bebida e do leilão, podemos observar com maior força as trocas simbólicas existentes nos momentos de atividade no pavilhão entre os chamados “iguais”, tema que começaremos a abordar nas páginas que se seguem.

III.I AS TROCAS SIMBÓLICAS

Encontramos nas festas dedicadas aos santos padroeiros uma troca simbólica; para os fieis católicos se troca a oração por bênçãos e favores com o santo. Além disso, existe a troca material, realizada no momento social da festa do pavilhão: o dinheiro em troca por divertimento, lazer e consumo de diversificados produtos. Em nosso estudo, queremos chamar a atenção para outro tipo de troca: a troca simbólica por pertencimento, adesão e poder que se materializam durante a festa do Sagrado Coração de Jesus.

Os leilões que se realizam no interior do pavilhão ou barraca são repletos destas trocas. Há uma verdadeira disputa entre grupos políticos que se enfrentam para ver quem demonstra publicamente possuir maior poder. Maior generosidade para com o santo, para com a população, para com os seus prepostos etc.

Da mesma maneira que no ritual do *potlatch* em várias sociedades primitivas, principalmente australianas, segundo Mauss (1974) queima-se publicamente bens para ostentar poder e, conseqüentemente, reproduzi-lo; no leilão o que vemos é também uma espécie de ostentação de poder, comprovada pelo valor do lance atribuído no leilão de um frango e a quantidade de frangos que o festeiro consegue arrematar, que por sua vez, ao ser

arrematado e presenteado provoca enorme sensação de prestígio a quem recebe tamanha honraria.

Convém acrescentar que como no sistema de reciprocidade em dar, receber e retribuir, o que muitas vezes o político espera é que o seu gesto de arrematar a maior parte dos frangos que for possível não seja retribuído imediatamente; tal retribuição pode e deve ser retribuída a *posteriori*, em forma de voto, com esse ato, a adesão do eleitor, completa-se o ciclo da reciprocidade.

As relações de reciprocidade existentes na festa do Sagrado Coração de Jesus bem como as relações de reciprocidade não passam de uma estratégia política para garantir a reprodução de poder. Pierre Bourdieu nos ensina que existe um campo próprio para os embates políticos, a identificação desse campo se dá pelas condições sociais encontradas de forma multidimensional, não podendo ser compreendido como algo fixo no espaço e no tempo. O campo simbólico para Bourdieu extrapola os conceitos da geografia tradicional. “O campo, neste sentido, constitui-se enquanto espaço transponível (podem passar de um lugar a outro), onde os indivíduos desenvolvem suas práticas sociais dentro da estrutura”. (Beserra, 2012, p. 91)

A festa do Sagrado Coração de Jesus se realiza em um espaço geograficamente delimitado, mas é sabido que as ações e fatos ocorridos na festa extrapolem esse espaço. Fatos e casos são relatados e repercutidos sobre a festa na cidade. Observamos que existe um campo simbólico, esse abrange toda a cidade, esse espaço simbólico é bem definido por Pierre Bourdieu (2010).

Pode-se descrever o campo social como um espaço multidimensional de posições tal que qualquer posição actual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem aos valores das diferentes variáveis pertinentes os agentes distribuem-se assim nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem e, na segunda dimensão, segundo a composição do seu capital – quer dizer, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas posses. (BOURDIEU, 2010, p. 135).

O campo faz parte da estrutura ao mesmo tempo em que é estruturante. Nossas ações fazem parte do sistema simbólico. “Estes são instrumentos de conhecimento e comunicação e atuam enquanto instrumentos de imposição, dominação ou legitimação quando estruturados e estruturantes” (Beserra, 2012, p. 92). A festa estudada compõe um sistema simbólico, pois como será demonstrado nas páginas que se seguem, a festa se consagra enquanto elemento simbólico e ritual, comunicando e servindo de meio para a reprodução do capital social e político.

As trocas e as relações de reciprocidade ficaram claras para nós, por exemplo, a partir do seguinte depoimento:

Com certeza, já que ele dizia, você tem que ir, você não pode deixar de ir, é isso o que eu lhe digo, os políticos não deixam de comprar e dar, e as pessoas não deixam de pedir, dar, comprar um refrigerante e dar, uma cerveja, então é ali onde eles acham que tem uma concentração, de alguma forma ele pode conquistar um voto, dois, quer dizer de qualquer forma pra eles é muito bom. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013)

A participação de determinados políticos na festa não se dá de modo aleatório e desprovido de interesses, eles podem até alegar que participam apenas com o intuito de ajudar a Igreja e o santo, mas quando analisamos o discurso juntamente com a ação, fica claro que não é bem assim que acontece;

Eu disse aqui no decorrer da entrevista que um político, ele tem que tirar a figura e ir como cidadão comum, também é muito importante, porque isso, isso mostra que também a classe política, ela tá muito empenhada também nas questões religiosas, nas ações sociais da nossa terra, é uma obrigação nossa participar! Eu acho que também é muito importante pra classe política! (Entrevista realizada com Congo, em 16/01/2013)

A nosso ver torna-se contraditória a fala do vereador; se o político deve vestir a roupa de cidadão e ir a festa como um outro cidadão qualquer porque ele resalta a importância da participação da classe política na festa, ele vai

além, não só afirma que o político deva ir e ajudar como também combinar a participação com seus correligionários;

Olha, sempre que vamos às festas nós combinamos é [...] eu estive com o Prefeito na festa, em todas as festas que nós fomos, fomos juntos e determinados vereadores também, todos participam, acho que é um passo importante. Eu acho que, a cidade, ela tem que se integrar. As querelas políticas, ela têm que ficar de fora e [...] principalmente nas festas religiosas! Acho que todos os políticos, eles têm que participar, porque pra dá sua contribuição na sociedade. (Entrevista realizada com Congo, em 16/01/2013)

A festa é o momento, por excelência, de encontro da classe política, talvez para a troca e retribuição de dádivas outrora ofertadas por correligionários, ou distribuição de dádivas entre os eleitores. Não constatamos com nenhum informante político, a existência de convite para adversário político para comparecerem a festa juntos. Entre os adversários existe a disputa, não existe dádiva.

Ainda o mesmo informante vereador nos dá pistas de como as dádivas podem ser ofertadas ou retribuídas;

É um momento muito importante, né, porque aglutina muito à população. Chega, se aproxima muito da população. Lógico que você vá às festas, vai nas mesas, vai cumprimentar, fazer novas amizades, isso é muito importante pra o político! . (Entrevista realizada com Congo, em 16/01/2013)

A circulação do político na festa demonstra a existência da delimitação de um espaço, onde o mesmo possa observar, analisar e por em prática a distribuição de dádivas.

Os eleitores que gentilmente nos concederam entrevistas compreendem a estratégia dos políticos; eles não só compreendem como identificam tais práticas. Vejamos o discurso abaixo:

-Pesquisador: E como é que se dá a participação deles da festa?

-Informante: Vão cumprimentar quem está na mesa vizinha, quem esta em mesas distantes também, eles circulam na festa.

- Pesquisador: Para que eles circulam?

- Informante: Cumprimentos, para dizer que é simpático, que são boas pessoas, que merece, quem sabe, o seu voto numa próxima oportunidade, eu sou atencioso.

-Pesquisador: Ai você acha que isso de fato pode influenciar ate mesmo em conquistar um voto? Essa questão da participação.

- Informante: Vamos olhar para uma pessoa que seja religioso, que seja católico praticante daqueles fortes, e você é um dos candidatos, você participa das celebrações, das reuniões e de todos os eventos e ainda por cima sai cumprimentando, dando atenção e tudo mais, o seu opositor não, ele vai raras vezes, não é tão participativo e nem tão social, eu vou olhar pra quem na hora do meu voto? É aquele que corresponde a algumas crenças minhas. (Entrevista realizada com Pilar em 12/01/2013)

Podemos afirmar que a necessidade de identificação e proximidade com o eleitor é necessário, pois não se vota apenas por consciência e ideologia política, a motivação do voto vai além da simples afinidade ideológica, passa por motivações pessoais, econômicas, até mesmo emocionais.

Weber nos ensina a compreender de forma subjetiva a ação dos indivíduos;

Uma apreensão interpretativa do sentido ou da conexão do sentido: a) efetivamente visado no caso individual (na consideração histórica), ou b) visado em média e aproximadamente (na consideração sociológica em massa), ou c) o sentido ou a conexão de sentido a ser construído cientificamente (como "ideal típico") para o tipo puro (tipo ideal) de um fenômeno frequente. (WEBER, 1994, p.06).

Só tentando compreender as motivações é que conseguiremos entender as ações realizadas durante a festa do Sagrado Coração de Jesus. Weber nos faz compreender com sua Sociologia Compreensiva que existe muito entre o dito e o realizado. As ações e motivações podem ser infinitas, mas para conseguirmos compreende-las é necessário a análise sistemática dos dados, observando especialmente o momento histórico e o lugar de onde os dados

provêm, deve-se analisar a situação social dos informantes na tentativa de compreender suas ações que sempre serão dotadas de sentidos. Por isso nossas análises das falas buscam identificar de que lado o informante relata os fatos, se é situação ou oposição a atual gestão. Só analisando as posições sociais dos participantes da festa de padroeiro para compreender todo o processo de aproximação e construção das imagens políticas em um espaço sagrado. Tentaremos construir parâmetros e interpretações respaldados nas falas e informações coletadas durante nossa pesquisa.

Os primeiros contatos servem para estabelecer o contato direto e identificar os mais propensos a receberem com bom grado a oferta. Esse primeiro contato pode ajudar a tomar a decisão em quem votar;

- Informante: Girleno. Porque antes mesmo de saber que ele era o candidato, quando ainda vinha os rumores, houve uma oportunidade em que nos encontramos, ele simplesmente cumprimentou os demais e veio para me cumprimentar, ele pegou na pontinha dos meus dedos, como se estivesse suja ou algo assim.

- Pesquisador: como se estivesse com nojo?

- Informante: como se fosse nojo, e ele não olhou nos meus olhos, ele não olhou pra minha pessoa, ele só passou pra dizer que passou, eu disse, um candidato desse não recebe o meu voto. (Entrevista realizada com Pilar em 12/01/2013)

A festa serve, entre outras coisas, de espaço para a construção do capital político. Fica claro que em momentos festivos tal como a do Sagrado Coração de Jesus, situações como essa são postas, e servem para favorecer ou desfavorecer determinado candidato, por isso eles circulam e reconhecem o campo em que estão. Imagine caso ele envie um pratinho de salgados ou de frango para um adversário político declarado e não para alguém que esteja indeciso, o mal estar pode ser criado, podendo gerar uma situação de briga e de exposição pública desnecessária, pois tal oferta poderia ser entendida como um afronta.

A troca de agradados, favorecimentos, ou dádivas existe abertamente durante a festa do Sagrado Coração de Jesus e é mais notória durante a realização do leilão, onde os correligionários trocam frangos assados.

A existência da troca de dádivas podendo ser iniciada durante a festa, prolongando-se posteriormente a festividade, até mesmo para eleições posteriores, depende apenas de como o laço social é criado e fortalecido festa após festa, eleição após eleição.

-Informante: No corpo a corpo, com o pessoal, pagam bebidas, não deixam os outros pagar, quer dizer aqueles que eles acham que são menos desfavorecidos, compram, por exemplo, 10 fichas, e mandam fulano ir deixar e diz olha que fulano mandou deixar pra você. (Entrevista realizada com Pilar em 12/01/2013)

-Pesquisador: isso seria mais comum durante o período eleitoral, ou fora seria a mesma coisa?

-Informante: não, fora já diminui um pouco, mas não deixa de fazer né, aqueles que tem a pretensão, de ser outra vez político, almejam outra vez o cargo para vereador eles continuam a fazer a média deles. (Entrevista realizada com Desterro em 15/01/2013)

As informações coletadas só reforçam a ideia de que a dádiva tem como papel a produção e reprodução dos vínculos sociais a partir da tripla obrigação de Dar, Receber e Retribuir.

É fato que no ano de 2012, época de eleição municipal, os políticos estavam presentes em maior número, para não dizer que todos participaram, só percebi a ausência de um candidato, Zé Auri, todos os demais estavam presentes no pavilhão neste ano. Assim, buscamos compreender a importância da festa para os políticos locais. O primeiro político a ser entrevistado foi o prefeito, que ao ser indagado sobre o significado da festa do Sagrado Coração de Jesus, assim formulou:

Eu acho que é um momento social de toda comunidade, né? Um momento de participação, de reencontro, eu entendo que para o político a presença dele é importante porque ele tem a possibilidade de ver toda a comunidade presente em um só

local. Seria interessante para o político a presença dele porque ele mantém um contato com grande parte da população, que talvez ele não tivesse tido antes como chegar a pessoa, mais como um momento social, da sociedade em si. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

Claramente a festa é o momento da troca, de ver e de ser visto. É o momento do espetáculo. Momento em que podemos perceber de forma micro a sociedade; é por excelência o lugar dos confrontos entre grupos políticos. Nestes termos nos ensina Lima (2002, p. 71):

A festa enfim não pode mais ser apenas analisada como um ritual para ser vivido ou sentido, ela é instituída para ser também, e sobretudo, vista. Vista pelas lentes da indústria do turismo, da mídia, dos grupos políticos locais e nacionais, dos detentores do poder econômico, dos grupos religiosos, da criação cultural, do festeiro, partícipe da festa, etc., pois ela nada mais é que produto de uma multiplicidade discursiva e prática, ela é prática, ela é feita de fragmentos que se unem como dispersão, como conexão de práticas e discursos produzindo efeitos: efeitos de verdade, de poder, de saber, de sonho, de paixão, de riso, de devir.

A festa não é mais feita para comemorar simplesmente o santo, mas sim toda uma classe política local. A festa serve de palco para políticos experientes, assim como para os novos, serve de espaço para a reprodução de velhas práticas de trocas, tanto entre os próprios políticos quanto entre eleitor e político. Percebemos também que existe uma busca do cidadão ao político, ele se questiona se o prefeito se faz presente, se os vereadores também estão, questionam o porquê de determinados políticos não terem comparecido à festa;

-Pesquisador: Você acha que a população vai sentir falta se o candidato/ político não tiver presente na festa?

-Informante: As pessoas sentem falta, por uma questão de autoridade, perguntam se o prefeito foi? Ou se numa cidade maior o deputado foi? O senador foi? É como se a participação dele desse uma conotação diferente pra festa, visibilidade. Então as pessoas esperam por parte da autoridade política

participem do evento. (Entrevista realizada com Araruna em 12/01/2013)

A presença do político pode ser a forma de se estabelecer parâmetros sobre a importância da festa, se a mesma tem importância. A população já está tão acostumada com a presença dos políticos em festa de padroeiro que sentem a falta dos mesmos e até chegam a comentar durante e depois da festa. Se sentem a falta é porque algo eles devem fazer ou proporcionar a certa parcela dos participantes. Para os correligionários devem proporcionar o prazer da companhia e a participação no leilão, garantindo assim frango e cerveja durante toda a noite. Já para os adversários a sua ausência representa a falta de compromisso com a Igreja, com o santo e com a comunidade, motivo de ataque pessoal, já para aqueles que vão sem dinheiro deve representar a cerveja e os salgadinhos que poderão ou deixarão de comer durante a festa;

Informante: Pronto, na festa do ano passado, eu não sei se foi a presença do doutor Raimundo ou se foi a do Girlenio que não havia chegado, já se dava algumas horas da festa, [...] não lembro dos dois. E o pessoal já tava começando a dizer, (foi Dr. Raimundo) já estavam sentindo a falta, porque eu lembro que eu vi Girlenio. E o pessoal: "o que é que aconteceu? O Dr. não vem?" Quer dizer já começavam a estranhar né, mas depois ele apareceu. (risos).

- Pesquisador: Quer dizer que isso já foi sentido na festa do ano passado (2012), que você presenciou esses comentários?

-Informante: Isso.

- Pesquisador: Você lembra quem foi que comentou? Era mais ou menos por volta de que horas? A missa acabou às 21 horas.

-Informante: Vamos à festa. Umas 23 horas e ele ainda não havia chegado, os comentários, mais aí ele apareceu.

- Pesquisador: E se referiam a outro candidato também?

-Informante: Girlenio já está aí, Girlenio já está aí né, cadê o doutor? (Entrevista realizada com Pilar 12/01/2013)

A falta de um dos candidatos a prefeito à festa do Sagrado Coração de Jesus, deixa o espaço aberto para o seu adversário. Em Santa Cruz nas

últimas eleições só tivemos dois candidatos ao executivo municipal, se o candidato à reeleição faltasse à festa, seria como passar atestado de “frouxo”, tendo em vista que o seu adversário era considerado o homem mais rico da cidade com patrimônio avaliado em mais de um milhão de reais, pessoas já comentavam durante a festa a ausência de Raimundo Antunes. “Lembrando que ele não está lá, o que está acontecendo que ele não está aqui, é como se fosse uma necessidade, ele precisa estar aqui, principalmente neste momento. Eu sou seu eleitor, você precisa estar ali para convencer o meu amigo, que esta em duvida de que você é merecedor” (Pilar). “Como convencer o indeciso a votar em você se você foge de uma festa por ter medo de seu oponente?” “Isso só demonstra que não posso confiar em um homem que foge de uma disputa por um frango”. Disseram alguns informantes.



Imagem 11: Ao centro da foto vemos o candidato a prefeito pela oposição.

Como colocado acima, a festa é o momento impar, é o momento em que a comunidade se reúne, é uma vitrine. Há muito tempo que o frango deixou de ser o centro das atenções, ele é apenas o disfarce para os políticos tomarem para si as atenções do público presente, não é a toa que os participantes da festa sentem a falta dos políticos:

Algumas pessoas vão, de certa forma, cobrar, né? Aconteceu, até porque é uma cidade pequena, quando acontece algum evento, alguma festa, assim, a gente sempre percebe a presença de todo mundo. Se deixam de participar, as pessoas vão acabar, de certa forma, notando, até questionando o porquê da não participação. (Entrevista realizada com Ibiara, em 10/01/2013)

Algumas, acho que um número pequeno... Não, vou até retificar minha resposta. Sente, no outro dia a sociedade vai dizer 'olha fulano de tal não tava', 'político tal não tava na festa', 'cadê que foi lá pra contribuir com a paróquia?', 'bem que poderia tá lá pra ajudar, pra tá contribuindo com a paróquia'. (Entrevista realizada com Ibiara, em 10/01/2013)

A presença ou ausência do político é sentida não só durante a festa, mas repercute depois de sua realização, já que afirmamos que as ações desenvolvidas na festa engloba toda a teia social, extrapola o espaço delimitado do pavilhão, são ações que estruturam outras ações.

Os próprios políticos reconhecem a necessidade de participarem da festa de padroeiro.

-Pesquisador: O senhor acha que se o político aqui não for a festa a população vai achar ruim, vai sentir falta, vai comentar?

-Informante: Se ele não for por motivo justo, ou se ele não for pelo fato de não ir mesmo creio que passe despercebido, agora se ele não for por um motivo político. Ai o povo sente.

- Pesquisador: O senhor já viu isso acontecer?

-Informante: Em 1992, 2009, 2010 o grupo oposicionista não ia as festas sociais não, eu não sei o motivo, eu não sei se era desencanto, mas não iam não, começaram a ir depois de 2010, só que era sentida essa falta, a população falava.

-Informante: Mas porque será que a população falava? Só pelo fato deles não irem?

-Informante: Falava porque tava havendo uma divisão né, de qualquer forma a festa social da igreja é de todos né, não é de nenhuma facção política, havia pessoas que comentavam a ausência né, assim também se a gente, os aliados da gente

não fossem as festas com certeza alguém ia sentir a falta e iam dizer que estava havendo alguma divergência política. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

Os políticos compreendem tão bem o papel da festa do Sagrado Coração de Jesus que não só observam a falta de um partidário mas principalmente de um opositor e usam ao seu favor tal ausência. Reforçamos mais uma vez a ideia de que a festa assume o papel de um palco, de construtor e reproduzidor de imagens públicas, é o momento impar para “aparecer”, ter visibilidade.

Ter visibilidade surge como sinônimo de se apresentar ao público, de ser visto e notado, a palavra aparecer surgiu em quase todas as respostas dadas por nossos informantes ao serem questionados sobre o que significaria a festa para os políticos:

Informante: Pra comunidade política, eles pensam: nós temos a oportunidade e não podemos deixar passar, é onde a sociedade vai estar presente, então nós podemos nos apresentar.

Pesquisador: E esse termo, apresentar?

Informante: estar presente, participar da festa, mostrar que também estamos lá, também participamos, assim como eles, temos alguma coisa em comum. (Entrevista realizada com Pilar, em 12/01/2013)

Creemos que um dos principais informantes é o leiloeiro da festa, pois ele transita em todos os lados do pavilhão, ele é um elemento que não pode se fixar, e permanece do início ao fim do leilão, assim ele nos informa e reforça a perspectiva da festa/leilão como o momento para o político “aparecer”.

-Informante: Sim. É interesse deles aparecer, serem divulgados.

-Pesquisador: Todo mundo fala essa questão de aparecer, agora eu não entendo direito o aparecer.

-Informante: Pra ser divulgado, porque tipo, como algumas pessoas fazem, fala o meu nome ai.

- Pesquisador: Eles pedem mesmo pra falar?
- Informante: Fala no meu nome ai, manda um alô pra mim, pro cara saber que ele ta ali tem pessoas que sim, fala o meu nome ai. Pra o cara saber que ele ta ali.
- Pesquisador: Pede pra anunciar a chegada do candidato?.
- Informante: Às vezes pede, mas eu nunca fiz isso. Porque geralmente dentro da política acontece muito confronto, tem desavenças políticas né? Se anunciar um tem que anunciar outro, todos que chegam, né, pra não dar aquele. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

As disputas por espaço e mídia tornam-se tão claras que colhemos relatos a respeito da existência de torcida no decorrer do leilão. Fizemos a compilação de algumas respostas com o intuito de evidenciar melhor o que afirmamos anteriormente. Se a festa se consubstancia como um palco para aparecer, significa que existe uma plateia.

Durante o leilão você já percebeu algum tipo de torcida organizada?

- Informante: Em outros momentos já.
- Pesquisador: Quais foram esses momentos?
- Informante: Em outros anos sim que tinha eleição e que tinha. (Entrevista realizada com Santana de Mangueira, em 14/01/2013)

- Informante: Não sei se isso poderia se chamar de organizada né, mas que seria tipo uma torcida seria né. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

- Informante: Sim, no intimo as pessoas por mais que não estejam na mesa do candidato, mas elas votam em determinado candidato e torcem por esse candidato, elas querem que o seu candidato se sobressaia, muitas pessoas pensam que já parte pra agressão verbal, corporal, não, até mesmo o debate de ideias, a questão das pessoas olharem o suporte financeiro. (Entrevista realizada com Araruna em 12/01/2013)

- Pesquisador: Você acha que se poderia formar uma torcida organizada durante a festa?

- Informante: Formavam

- Pesquisador: Teve alguma que você que ficou totalmente explícita?

- Informante: Sim, sim. Uma roda de gente que batia, eu não me lembro bem os grupos, mas foi na de Dr. Francisco e Dr. Raimundo, quando um arrematava uma galinha batiam palma, era aquela alegria, aquela festa, quando Dr. Francisco arrematava outra era aquela algazarra novamente. Não só nessa, como também para deputado, quando vinha um deputado de fora. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013)

- Pesquisador: Durante o leilão tem torcida organizada?

- Informante: Dos grupos?

- Pesquisador: Sim

- Informante: Tem

- Pesquisador: E como é que esses grupos se manifestam?

- Informante: Torcida organizada como assim?

- Pesquisador: Ta aqui nossa mesa e tem gente vai, borá mais

- Informante: Tem, ora se não tem, não deixe fulano arrematar de jeito nenhum. Eu já escutei gente dizer, vai custar caro para nós, mas não deixa. (Entrevista realizada com Princesa Isabel, em 09/01/2003)

A partir dos depoimentos acima descritos fica claro a existência de torcidas durante os lances no leilão é clara. Os espaços para as manifestações a favor de candidato A ou B ficam restritas a comício durante o período eleitoral, ou em festas particulares em residências de eleitores, assim, ganha-se um espaço a mais durante os leilões, é um modo de se lançar nas disputas não apenas pelo frango, testando desde já seu cociente eleitoral. Constrói o capital político.

A festa acaba servindo a diversos propósitos: temos o interesse do padre, do político e do festeiro, mas todos os três podem estar relacionados. O padre pode ter o propósito econômico, ao mesmo tempo em que pode querer

estreitar as relações políticas com o prefeito ou outro político influente. O político pode querer a ajuda política do padre nas próximas eleições e estreitar laços. Por fim, o eleitor, ávido por diversão, espera participar com toda intensidade de momento tão festivo.

III. II - O SIGNIFICADO DA POLÍTICA

O homem é um ser político por excelência; suas ações são orientadas para fins determinados, tal é a política na modernidade, uma atividade humana que “visa o locus onde seu poder existe de maneira mais densa: o Estado” (SILVA, 2008, p. 79). O Estado por sua vez, deve ser “o promotor” do bem comum, quem detém o seu uso possui a capacidade de dominação em várias esferas do social. Compreendemos aqui que política, poder e dominação são sinônimos, quem tem poder pode dominar, seja pela força física ou com a dominação política.

Weber (1982) nos apresenta três formas de dominação. A primeira é a dominação legal, com quadro administrativo burocrático onde se obedece de modo racional a uma regra, observando níveis de hierarquia, sendo que aquele que está no mais alto posto deve obedecer às regras estabelecidas, tem como exemplo de autoridade institucional o presidente eleito. O segundo tipo é a tradicional, não existem regras escritas, a dominação se dá pela tradição e confiança no senhor, o exemplo mais claro que podemos dar é a dominação do pai perante os filhos. A terceira forma de dominação se dá por via do carisma, por qualidades extra-cotidianas, mágicas, qualidades sobrenaturais que estão em constante prova, podendo ou não se rotinizarem.

Teoricamente, a administração é racional e legal, mas observamos que na prática a administração do público não segue a lógica da dominação legal, ou seja, não se busca a racionalização burocrática, onde se pensa a profissionalização da administração pública, liberando o Estado do trato clientelista, ou melhor dizendo, paternalista no modelo clássico weberiano, “a distinção especificamente política a que podem reportar-se as ações e os

motivos políticos é a discriminação entre amigo e inimigo” (SCHMITT, 1992, p.51). Assim se pensa a política, uma forma e veículo de realização dos interesses pessoais ou de uns poucos com interesses comuns.

Em um caso a economia modela a política, conformando a esfera pública nos moldes do mercado; no outro, inversamente, a economia é modelada pela política, ou seja, a política é subvertida em instrumentos de apropriação privada. Num caso as relações individualizadas conformam a política sob o ordenamento do interesse; noutra a política particulariza e individualiza; transmutando a lógica econômica no âmbito do “favor”. (CHAVES, 2003, p. 41)

O público ao qual a autora se refere é a máquina estatal, a mesma que deve garantir uma vida com dignidade a toda a sociedade. Não existe claramente a separação entre público e privado, uma forma clara e simbólica de se perceber esse fato é o modo que tratamos nossos políticos, usa-se o pronome de tratamento Doutor, uma distinção social, como se o político fosse o chefe, patrão, ele aparenta ser mais importante que todos nós. Esquecemos que o político que ocupa um cargo público não passa de um funcionário público temporário, ele foi eleito para nos servir por meio do cargo público que ocupa. Infelizmente tornando a nossa criação -o político eleito- maior que o criador, nós, que de fato somos os patrões.

Karl Marx (ano) discutiu a respeito do fetichismo da mercadoria, mostrou de que forma a mercadoria ganha forma e vida, passa a valer mais do que realmente vale, ganha vida, e seu criador não percebe esse fenômeno, passando a ser consumida pelo mesmo sem que ele tenha a compreensão que foi ele quem fabricou, e que aquilo não vale o preço que ele pagou. O mesmo ocorre na política, ao elegermos um candidato e alçarmos a um cargo público, ele acaba sendo visto como superior, mesmo tendo saído do nosso meio, ele deixa de ser visto por nós como um igual, ele se distingue da população.

O conceito de política não pode ser dissociado do conceito de dominação e Estado. A atividade política busca dominar, seja o aparato burocrático, ou os espaços simbólicos que lhe possam render dividendos

eleitorais, tudo gira em torno do domínio e do controle do poder econômico, social e eleitoral;

O vínculo pessoal, ao mesmo tempo em que estabelece na relação política a dependência, consolidando-a, é instrumento de incorporação – tutelada – social e econômica, sob o signo da dependência, o vínculo pessoal é o meio de incorporação daqueles que são marginalizados ou excluídos das condições mínimas de sobrevivência. Mas a política como vínculo pessoal é veículo de apropriação apresentam um escopo bem mais abrangente: ela estabelece um estatuto diversificado de cidadania – sob a moldura do mesmo tipo de relação – entre aquele que pede tijolos e o que, por exemplo, primo do prefeito, recebe da prefeitura de Buritis o contrato privilegiado de jardinagem dos poucos canteiros públicos da cidade. Exercida como vínculo pessoal, a política torna-se veículo e instrumento de solidificação de privilégios, sustenta e mantém a desigualdade, por ser diferenciada a incorporação política – além de social e econômica – a que dá lugar. (CHAVES, 2003, p. 52)

O conflito no campo político deve se dar por meio de ideias, ou esta deveria ser a forma, mas sabemos que não é bem isso o que ocorre na prática política do cotidiano; é claro que as ideologias partidárias não são as norteadoras das batalhas eleitorais, nossa política é patrimonialista e personalista. Ela é encarnada em ícones que personificam o bom ou o mau, o bom político em contraposição ao bom administrador.

Observamos essa lógica na fala dos nossos informantes, quando questionados sobre a administração da cidade, eles se remeteram ao atual prefeito, Dr. Raimundo, e não a gestão em si da coisa pública, tampouco, não citaram o partido ou os vereadores que compunham a Câmara Municipal:

A creche que vai ser inaugurada, pra meu filho e vários outros é belíssima. Hoje a gente tem aqui um odontólogo pra cuidar dos nossos dentes, para obturar os nossos dentes, para cuidar da gengivite dos nossos dentes, para colocar prótese na nossa boca, né, tudo isso de graça, que é de graça. Nós temos direito, temos, mas, foi preciso conseguir isso. Eles não vem pra cá não, o político tem que correr atrás, ir buscar, entendeu, veio esse SAMU que foi uma conquista já, veio vindo e ele teve a sorte de no mandato dele, na gestão passada dele se

concretizar e tá aí no município [...]. Ele conseguiu agora também mais casas populares, tem essa retroescavadeira. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/2013)

Observamos que a nossa informante acaba enaltecendo a atual gestão talvez pelo fato de ser beneficiada diretamente, pois ocupa um cargo de monitora do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil- PET. Não colhemos informações negativas, por exemplo, a creche que ela cita há mais de três anos esta em construção, não cita também que a época da entrevista, há quatro meses que o SAMU deixou de fazer atendimentos. Cada um fala de um lugar social específico, não seria diferente agora, já que a mesma compõe a atual administração, assim tende a reforçar as boas características do seu chefe político.

A compreensão do que é um bom administrador ou bom político passa pelo viés personalista em Santa Cruz. Os laços de amizade e parentesco tendem ao reforço ou a uma ruptura total mediante a escolha que se faça ao escolher candidato A ou B. Observamos que ser bom administrador também não é garantia de se obter votos e/ou influência, cabendo na escolha do candidato ser considerado outros pesos e medidas. “Bom, até o ano passado ela foi (bem administrada), não votei com ele, por questões familiares, mas o ano passado foi, agora esse ano, eu não sei, ta apenas com 15 dias que o ano começou”. (Entrevista realizada com Desterro, em 15/01/2013).

A gente tem que ficar calado, porque se a oposição vai falar alguma coisa com a secretaria, ela vem com sete pedras na mão, e quem é pobre você sabe, tem que ficar calado, se você não tiver dinheiro para pagar os exames, que nem eu, que já faz 4 meses que to com exames para fazer. Vi gente que colocou por ultimo do que eu, e já fez, então eu acho uma tristeza. O outro teve as falhas teve? Teve muitas falhas, Dr. Francisco faltou também, pode muita gente dizer essas coisas que eu disse que não foi atendido, mas pra nós graças a Deus... . (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2013)

A entrevistada faz clara alusão à secretária de saúde do município, que por coincidência é a esposa do prefeito, fato comum em cidades do interior,

reservar-se o direito de empregar familiares em cargos de confiança, mesmo que seja proibida no Brasil a prática do nepotismo. Convêm acrescentar que no ano de 2013 mais um parente do prefeito assumiu cargo de confiança, agora o seu sobrinho é secretário de finanças do município;

Eu acho o seguinte, para nós, eu não sei se é como amigo²¹ particular como é pra gente, eu achava, que assim, chamavam que era prefeito cara dura, que não era bom administrador, mas na época dele, eu senti a cidade ter mais brilho, com as festas juninas, com as festas de final de ano²², eu sentia isso. Não é porque eu votei nele, é porque eu sentia mais alegria na cidade. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2003).

O sucesso administrativo não é o único motivo para votar em um candidato, existem diversas motivações, a família, a ajuda recebida em um momento difícil ou até mesmo o ato de se realizar festas na cidade, pode contribuir na escolha de um candidato.

A informante deixa claro que faz parte da oposição e por isso tende a não criticar a administração temendo sofrer retaliação, caso reclame. Reafirma que a sua condição social não permite questionar e reclamar, pois em algum momento necessitará e quer ser atendida. Sua posição política “agrava” ainda mais sua condição tendo em vista que quem votou no prefeito eleito tem prerrogativas na administração. Ao se referir ao ex-prefeito, lembra que muitos o considera como "cara dura", mas para ela e sua família nunca faltou nada, já que os mesmo mantinham um laço de amizade que perdura até hoje, e que o

²¹. A informante se refere ao atual ex- prefeito, Francisco Ferreira sobrinho, conhecido por todos como Dr. Chico Ferreira.

²². O prefeito era “cara” fechada para os outros, os adversários, para os “íntimos” seus eleitores, era festeiro e gostava de parar e conversar, seus mandatos enquanto prefeito sempre foram conhecidos devido a importância que se dava as festas, em Santa Cruz se tem durante o São João ao menos três noites de arraial, em 29 dezembro de 2005 prefeito Francisco Ferreira instituiu a festa em comemoração a emancipação política do município, criando um dia festivo com desfiles das escolas municipais contando a história da cidade, e da polícia militar da Paraíba, exibe a frota municipal e os automóveis recém comprados, fechando a noite com grande festa em praça pública, esse roteiro se repete até dezembro de 2007, não se realizando em seu último ano de gestão pelo fato de ter sido derrotado nas eleições municipais de 2008, o atual prefeito ainda seguiu realizando a festa por apenas mais 2 anos.

mesmo continua ajudando-os mesmo não sendo mais prefeito. Assim ela reforça a nítida noção de patrimonialismo, onde o bem público é usado como algo privado, tendo por finalidade ajudar aos seus.

A ajuda da prefeitura ou do prefeito sempre é requisitada, tendo em vista que o bem público pode ser direcionado para o uso religioso, não que deva acontecer, pois o nosso Estado é laico. Mas em cidades do porte de Santa Cruz, onde a população é pequena e existe pouco recurso, a prefeitura e o prefeito podem e são sempre bons patrocinadores;

Informante: aconteceu o que? Aconteceu, um exemplo, o prefeito prometeu de dá uma banda para tocar na festa, mas ele não assumiu o compromisso. O prefeito prometeu uma banda para o jantar natalino, porque o que a gente teve de lucro, tivemos que pagar a banda, porque ele não teve o compromisso, a gente trabalhou para o povo de graça, quer dizer trabalhamos para Deus, mas a paróquia não teve lucro de nada. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2003)

Ocorre que do muito que é prometido só muito pouco chega a cidade; em Santa Cruz temos claramente a distinção entre dois políticos, um conhecido por sua presença constante nas missas, e o seu gosto por festas de São João e de padroeiro, sempre solícito na ajuda, e o outro faltoso as missas e “displicente” quanto a generosidade para com o santo e sua festa;

-Informante: Dizer que ajuda né, mas fazer como faz, como já fizeram ultimamente nas (festas) passadas, dizer que dá uma coisa e quando chegar na hora não, você dizer que dá uma coisa é uma coisa, agora você dá é outra. Eu chegar pra você e dizer, Jomário você pode ajudar na banda do padroeiro, e quando chegar no dia, como aconteceu nessa última agora, o pessoal que veio cantar chegou e disse: Padre, cadê o dinheiro da banda? E o padre: “quem deu o dinheiro foi o prefeito.” E a banda: “não, eu não quero saber de prefeito não, quem contratou foi o senhor.” E sobrou para o padre. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2003)

Quando não se encontra apoio financeiro com o prefeito, busca-se o adversário político, é um modo de afrontar e estimular a ajuda, esse caso

geralmente ocorre porque o custo da banda ou conjunto musical é geralmente o custo mais caro de toda a festa, sendo necessário um bom patrocínio.

No sentido exposto acima, observamos relatos de Marcos Lanna (1995) sobre a festa de Santo Antônio.

Em 1991, L.L. disse que só pagaria o conjunto para a festa de Santo Antônio se a comissão organizadora o permitisse colocar faixas no palco com a publicidade da sua gestão na prefeitura, o que não foi aceito. Depois de muita discussão, pela primeira vez um prefeito do município não pagou o conjunto. A reação dos organizadores, da facção oposta ao prefeito, foi imediatamente “comprar a briga”. Essa briga tomou a forma tradicional de rivalidade por meio das dádivas: “se L. L. não vai trazer o conjunto, nós traremos dois”. A comissão organizadora acabou cumprindo essa promessa e trouxe os dois conjuntos. (LANNA, 1995, p.187)

A grande parcela da população não possui a informação de que a prefeitura não pode alocar recursos para festividades desse tipo, não diretamente com dinheiro. Existem festas religiosas que são custeadas com dinheiro público, mas são festas consideradas como patrimônio histórico, tal como a do Círio de Nazaré em Belém do Pará. Mas ao questionarmos o prefeito sobre a sua colaboração para a festa do Sagrado Coração de Jesus, obtivemos a seguinte respostas.

- Pesquisador: E quem patrocina a festa?
- Informante: É feita através de doações, a própria população ajuda, ai tem aquela forma de se pedir as galinhas para a festa, e geralmente se pede né, se fala com políticos, pra questão de som, de conjunto que se apresenta.
- Pesquisador: No ultimo ano como foi que o senhor como prefeito ajudou a festa?
- Informante: Foi com o som e a banda.
- Pesquisador: Só do padroeiro ou todas as festas?
- Informante: Todas. Mas eu ajudo como cidadão.
- Pesquisador: Como cidadão, sem envolvimento com a prefeitura?

- Informante: Até porque não pode. Ajudo como cidadão, eu já fazia isso em 2007, 2008. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

Ele tem a compreensão de que a comunidade é o principal colaborador da festa, seja para planejar e executar, como também para comprar o que os próprios doaram. O prefeito deixa claro que sua participação se dá como um cidadão comum, e que faria sem propósito além da ajuda. Observemos em quais anos ele ajudou com a banda, 2007 e 2008, um ano antes da eleição municipal, e no ano da própria eleição, anos em que houve de fato um afastamento entre Pe. Djacy e o então prefeito Chico Ferreira. Colhemos depoimentos que relatam sendo o ano de 2008 como o ano das primeiras mudanças significativas na festa de padroeiro.

Como afirmado acima, se um candidato abre um espaço o seu adversário trata de ocupar rapidamente, e assim é o que podemos constatar com a fala do prefeito, ele começou a ajudar com a banda e o som nos anos em que a festa mudou e o rompimento entre padre e prefeito foi abertamente divulgado e conhecido entre a comunidade católica de Santa Cruz.

Talvez o prefeito não tenha se preocupado muito em ajudar com a banda no ano de 2012, pelo fato de seu possível adversário nas eleições ser de família evangélica, não tendo fortes ligações com a comunidade católica local, não tenha visto assim, uma possível perda de terreno nesse jogo que acontece com e durante a festa do Sagrado Coração de Jesus.

III.III - A POLÍTICA COMO UM “BALCÃO DE NEGÓCIOS”

Podemos afirmar que na cidade de Santa Cruz a política virou uma espécie de “balcão de negócios”, existe toda uma teoria que norteia as práticas, fica clara a distinção do público e do privado, na política visa-se a quantia de votos necessária para se eleger e reeleger, e para se conseguir o necessário arregimenta todo o aparato estatal garantindo, assim, o

personalismo do privado em detrimento do público, ou seja, se faz uso do que é público seguindo a lógica do privado.

O político tende a personificar a gestão pública como não sendo uma obrigação, já que fora eleito para isso, mas como um favor que deve ser retribuído, não foi o Estado que concedeu o aumento de salário anual, foi o presidente A, não foi o município que cedeu a ambulância em um momento difícil, mas sim o prefeito B.

A população não compreende como sendo de fato uma obrigação e dever do Estado de proporcionar melhorias na saúde e na educação, é como se fosse um favor, os outros que vieram antes não fizeram, mas o atual prefeito esta fazendo, e assim temos que ser gratos eternamente a ele.

É assim surge a figura do político profissional:

O bom político, hoje, é o político profissional que, a gente de um Estado dimensionado superlativamente acima da sociedade, confere-lhe concretudes através de sua pessoa. O bom político/boa pessoa é um distribuidor dos recursos públicos, para a apropriação privada determinada por critérios particularistas, legitimados por uma lógica afetiva geralmente associada à noção de pertencimento a uma identidade social partilhada. (CHAVES, 2003, p. 25).

A política personalista está presente em todas as áreas da sociedade, na economia, na religião, bem como se materializa em várias atividades do social. A festa seria um desses ambientes no qual a política se infiltra. A política e o político agenciam uma série de redes de acesso como um meio de garantir a perpetuação do poder.

Chaves (2003) nos mostra que esse tipo de política existe desde a primeira república e vem se aperfeiçoando com o passar dos anos, adquirindo com Getúlio o seu caráter atual, o de “pai”, o Estado e o político são vistos de modo paternalista apoiados em um Estado patrimonial;

Vargas, por sinal, fiel a sua origem oligárquica, não apenas manteve intocado o mundo rural como trasladou o seu modelo para o cerne do Estado nacional, a ponto de corporificar na sua própria figura de “pai dos pobres” a imagem personalista do Estado, ou do “governo” para uma grande parcela da população. É Vargas, mais uma vez, quem sintetiza uma característica permanente da política brasileira, a modernização econômica com véis essencialmente conservador do ponto de vista político. (CHAVES, 2003, p. 77)

Não bastasse personificar a política e transformar o Estado em um distribuidor de favores, a administração pública também serve para conceder empregos aos familiares, tornando muitas vezes o fornecimento de serviços de péssima qualidade;

Assim, eu não tenho nada contra ninguém, contra ninguém mesmo, nunca tive nenhum atrito com ninguém, apenas acho assim, equipes que trabalham com o prefeito é muitas vezes quem acaba com a pessoa do prefeito, porque o prefeito em si não pode estar em todos os lugares, em todas as secretarias, então o prefeito monta suas equipes, e elas acabam estragando com a imagem deles. A esposa do prefeito atual, ela como secretaria, ela não tem nenhum futuro, então, é aí onde eu lhe digo, eu não tenho nada contra ninguém, nem mesmo contra ela, mas as vezes que ela me atendeu, ela atendeu por obrigação, porque eu conheço ela desde pequena, então assim, como secretaria, ela poderia ser mais aberta, poderia ser uma pessoa melhor. (Entrevista realizada com Desterro em 15/01/2013)

Se analisarmos a fala “eu conheço ela desde pequena” e também “me atendeu por obrigação”, notaremos um certo rancor, pois pelo fato de existir algo em comum entre ambas, o atendimento deveria ser diferenciado, coisa que pelo informado não aconteceu. Talvez nesse atendimento, a secretária tenha cumprido com a sua obrigação de impessoalidade nos atendimentos, tornando tal contato muito restrito a sua finalidade momentânea, não sendo resgatado nenhum laço social pré-existente. A impessoalidade é o que torna o serviço público funcional, tratar todos por igual, sempre com isonomia, mas é parte da cultura brasileira as pessoas buscarem uma relação de pessoalização e não de impessoalidade, como deve ser o procedimento correto.

No entanto não é com a cultura da impessoalidade que alguns políticos de Santa Cruz trabalham:

Bom, seria é [...] interessante se pudesse falar em relação à questão da política como um ato administrativo, em que as pessoas pudessem ter a consciência livre de, realmente, de ocupar um cargo político pensando no bem da cidade, fazer o melhor, mas [...] Infelizmente, a gente não pode generalizar e dizer que são todos assim. Se de um grupo, a gente pode tirar alguns que pensa só em si, tem o interesse próprio, mas, na grande maioria, a gente tem as pessoas que [...] alguns demonstram que podem fazer alguma coisa pela cidade, mas a grande maioria não! [...] Tem a questão e câmara, na câmara de vereadores, mesmo, tem sempre o jogo de quem quer assumir a presidência, tem o favoritismo de conseguir emprego pra alguém da família [...] E sempre têm aqueles que, realmente, acho pode defender um projeto, fazer alguma coisa, mas é na minoria. Infelizmente, não só a situação de Santa Cruz, mas a gente acaba vendo isso como um quadro do País. (Entrevista realizada com Ibiara, em 10/01/2013)

Ao prefeito ainda é creditado alguma confiança, mas aos vereadores, a desconfiança reina, eles não são vistos como capacitados para gerir a coisa pública. A visão que a população tem é a de que eles existem apenas para conseguirem exames e transportarem algum doente para o hospital fora da cidade, ou para realizar algum exame. Como dito, eles utilizam do cargo para intermediarem ações do Estado, podem ser chamados de atravessadores;

Acredito que os políticos da cidade, os vereadores não faz nada pra ninguém, a não ser interesse próprio deles, o prefeito nos três primeiros anos foi ruim pra ele, mas já no final ele deu uma melhorada, resgatou muita coisa que tava perdida, já no começo agora também desse segundo mandato, eu acredito que vai melhorar. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

A política como a capacidade de administrar os bens públicos é sobreposta pela capacidade de favorecimento individual;

Eu sempre presenciei os três vereadores, Lurdinha, a casa dela sempre foi cheia, sempre que você precisar, eu tiro por

mim, ela hoje não é mais, encerrou a carreira dela depois de cinco eleições. Eu vejo Zé Aurir, uma pessoa que trabalha sempre, Braisinho que trabalha os quatro anos, a gente vê os carros trabalhando 24h, levando o povo pra seja onde for, coisas que o prefeito não faz, eles fazem, arrumam consulta, eles fazem tudo, e os outros não estão nem ai, quando ganham somem e pronto. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2003)

Zé Auri eu acho um vereador que serve muito à população. Porque ele serve na campanha e fora da campanha, ele trabalha, ele trabalha direto. Com o carrinho dele, se você chegar pra ele “Zé Auri eu estou precisando de um exame em tal canto, você pode me ajudar?”. Se ele não puder lhe dar o exame, pelo menos ele leva. E não é só na campanha eleitoral, é fora dela também, entendeu. Os vereadores podiam fazer muito mais, no lugar de estarem só sentados ali, sim, eu vou falar pouco porque eu não acompanho as reuniões dos vereadores, mas eles deveriam assim, procurar um meio para que a população e a Câmara, a população tivesse acesso ao que acontecia na Câmara, comunicar à mídia, falarem, o que é feito e o que não é feito. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/2013)

Parafraseando Chaves (2003), em “Política se faz com festa”, em pesquisa realizada na cidade de Buritis, Minas Gerais, a autora relata que se deparou com uma situação que de fato não esperava, era a importância das festas na política local, “político bom é aquele que faz festas”. A situação era a seguinte: “Em Buritis compreende que as festas eram mais importantes que comícios, partidos e plataformas porque representava o espaço político privilegiado de manifestações do sentido do que seria um “bom político””. (CHAVES, 2003, p. 20).

A festa nos mostra a perspectiva moderna do que é a política que é pautada no jogo de interesses onde se exclui a separação entre o público e o privado, o fazer político é totalmente personalista, você não vota no PT ou PSB, você vota em Dr. Raimundo Antunes ou em Girleno Pereira, no caso específico de Santa Cruz, não existe a figura do bom gestor existe a figura do “bom político” .

Nesta perspectiva a concepção moderna da política – entendida como mercado político – bem como a que se encontra em foco, expressa na festa, aproximam-se na medida em que representam uma ausência da dimensão pública. Em um caso o modelo de sociedade é contratualista e abstrato; noutro a referência social é concreta, com inspiração comunitária, tendo a família como modelo. Na festa a apresentação da política como relação imediata e concreta suprime à política a dimensão pública que a concepção moderna exclui ao reduzir a política ao jogo de interesses. (CHAVES, 2003, p. 69)

Na festa do Sagrado Coração de Jesus existe a apropriação por parte dos políticos, mas os políticos em si não a organizam, muito menos estipulam o que e como deve ser a festa. Institucionalmente a Igreja é a responsável. Na organização da festa, a política entra como convidada e pela porta dos fundos, tendo em vista que as doações dadas por políticos não serão divulgadas ou agradecidas durante a festa, na verdade hoje, não cita-se nomes como forma de agradecimento, o Padre agradece de um modo genérico a toda a comunidade. Quando nomes são citados é por parte do leiloeiro que tende a dizer a quem pertenceu o bode, ou o gado doado que esta sendo leiloado, mas não de modo a agradecer, mas sim para avaliar a qualidade e a origem do bem que será arrematado.

Mesmo que possa existir um controle maior por parte da Igreja, a participação e apropriação dos políticos na Festa do Sagrado Coração de Jesus, se dá de modo especial durante a realização do leilão. No nosso próximo capítulo, apresentamos a etnografia da festa, especialmente a do leilão, mostrando como a apropriação ocorre, e quais outras estratégias passam a existir no decorrer da festa.

IV. A DISPUTA POR FRANGOS E PODER



Imagem 12: O frango é embrulhado em papel alumínio e decorado com tomate e azeitonas. (Arquivo pessoal, junho de 2012).

IV.I - CHEGA O GRANDE DIA: A REALIZAÇÃO DO LEILÃO.

Os preparativos para a festa de barraca ou quermesse começam logo cedo pois devem ser preparados os frangos e levados ao forno para serem assados, os mesmos são limpos pelas mulheres do Apostolado da Oração. No ano de 2012 foram doados 150 frangos para a festa; destes, 100 foram assados para o leilão e os demais reservados para a venda em porções.

Tradicionalmente eram leiloadas na festa galinhas caipiras, mas com o passar do tempo foram sendo substituídas por frangos conhecidos como de granja. Observamos que esse fato se deu pelas condições de urbanização, as famílias migraram da zona rural para a cidade, as famílias também deixaram de criar as galinhas por vários motivos, as secas constantes, o preço do milho, a demora para as mesmas crescerem, sendo mais prático comprar o frango de granja, ocorre que assim não se doa mais galinhas caipiras para o santo, outro fato que influencia é a facilidade em se preparar os frangos de granja para serem assados, antes as galinhas doadas vinham vivas sendo necessário um local para guardá-las e alimentá-las até o dia do abate, sendo necessário

abatê-las, depenar, retirar as vísceras, sendo que os frangos de granja já são comprados sem penas e limpos.

Em 2012 o preparo dos frangos aconteceu na casa paroquial, ajudamos a preparar o tempero, uma mistura de alho, cebola, tempero de garrafa, colorau, sal e óleo, tudo batido no liquidificador, em seguida, esse preparo é colocado nos frangos, deixando-os descansar por algumas horas e depois retirados e levado ao forno. Todos os frangos foram assados na padaria de Chico, que sempre contribui disponibilizando os fornos de sua padaria para serem utilizados pela Igreja em período de festa. Todos os frangos foram transportados de carro até a padaria.



Imagem13: Preparação dos frangos. 2012: Arquivo Pessoal.

As senhoras do Apostolado da Oração são as responsáveis pelo preparo dos frangos, elas estão inseridas em todo o processo de organização e execução da festa.

Em frente à Igreja existe uma praça e nesta há um cercado usado como local de distribuição dos frangos, salgadinhos e outros tipos de comida, os membros do apostolado da oração mais uma vez entram em cena, são as responsáveis pela venda do frango em porções, os conhecidos “pratinhos” com 5 ou 7 pedaços de frango assados tal qual o que é leiloado.



Imagem 14: Venda de bolos, salgados e frangos. 2012. Acervo Pe. Roberto.

Durante a tarde alguns homens preparam as mesas e as colocam em seus lugares para a noite festiva. Tal atividade é vista como um “trabalho pesado” ficando assim sob a responsabilidade do homem, enquanto as mulheres ficam exclusivamente na cozinha, percebemos certa divisão de gêneros na execução das atividades referentes à festa.

Enquanto os homens e mulheres trabalham na parte da preparação da festa durante o dia, à noite a quantidade de homens é bem reduzida, observei apenas cinco trabalhando na venda e distribuição das bebidas, já as mulheres trabalham em maior número, outras se ajuntam nas barracas nas noites de festa.



Figura 15: Visão panorâmica. 2012. Acervo Pe. Roberto.

O auge da festa do Sagrado Coração de Jesus é a realização do leilão; todos acorrem para comerem, beberem e dançarem em praça pública. É o momento extraordinário da sociedade católica local e produz comentários e lembranças que perduram.

O leilão é o momento "do durante" na festa, conforme já referido, existem os momentos do antes, durante e do depois. O leilão é o momento ritual que congrega e reúne todos os outros momentos da festa.

É o dia de celebrar tudo que foi doado e preparado para a grande festividade, dia de se vestir com a "roupa de festa", aquela que só se usa nos domingos ou em ocasiões cerimoniais, é o momento de pôr o que se tem de melhor: perfume, sapato, maquiagem e roupa.

A "festa de barraca" é o momento ritual da política, o momento do "bom político" expressar seu amor e devoção ao santo, é o lugar para o político distribuir sorrisos largos, abraços apertados e uma rápida conversa com os conhecidos e a população em geral, é, também, o lugar por excelência dos cidadãos rever amigos queridos que há tempos não se via. No espaço da festa onde ocorre o leilão é o momento da sociabilidade, melhor dizendo, das sociabilidades, o sentido do festejar é plural nessa noite.

IV.II. O RITO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O rito tem por características: lógica própria, conteúdo comunicativo e consegue manter e reproduzir determinada ordem social. Percebemos tais características na festa estudada, especialmente na realização do leilão.

A festa do Sagrado Coração de Jesus comunica a devoção de um povo a um santo padroeiro, reproduz por fim, a lógica de que quem tem dinheiro come e bebe, quem não tem, apenas observa torcendo para ser contemplado com uma cerveja ou pratinho de frango.



Imagem 16: Público ocupa o espaço da festa do Sagrado Coração de Jesus. (Junho de 2013. Arquivo Pessoal)

A ordem social estabelecida é reproduzida, ano após ano, tendo sido modificado por curto espaço de tempo, voltando com maior força cinco anos depois. O ocorrido só demonstra a força de uma ordem estabelecida, pois é “comum” que em uma festa de padroeiro existam leilões, e que em leilões apenas quem pode pagar possa consumir. Se analisarmos as falas dos depoentes, observaremos discrepâncias quanto à existência dos leilões, uns afirmam que a existência do leilão se deve apenas pelo fato de conseguir arrecadar um volume maior de dinheiro, “Devem. Por um motivo só: para arrecadar dinheiro pra paróquia, só por isso”. (Santa Helena, em 08/01/2013).

Alguns políticos que entrevistamos acreditam que o leilão poderia ter um limite no valor dos lances, ou até mesmo sua realização deveria ser proibida durante ano eleitoral, já que existe o acirramento das disputas:

Não devia existir leilão em ano eleitoral; assim porque causa esse acirramento, essa disputa, eu creio até que corre risco né? Para a integridade de todo mundo que ta na festa, de qualquer forma tem muita coisa em jogo na eleição, não é só o voto em si, tem gente que ta apostando, tem gente que ta gastando, tem gente que na esperança de um cargo, tem gente que ta na perspectiva de perder o cargo, então é uma situação

muito acirrada. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

Devem, devem existir! Eu acho que estipular o preço! Chegar e estipular o preço de uma galinha, só pode ir até aqui! Que é pra dá oportunidade a todo mundo, né? Muitas vezes tem uma mesinha pra arrematar uma galinha e não pode [...] Porque os grandes não deixam! Eu acho que isso tem que ser revisto, eu acho importante, ali em São Pedro, por exemplo, eles estipulam um pratinho de galinha. E sempre as festas de São Pedro são assim! Pronto, é [...] os leilões, elas, elas não passado não exista, estipulava um preço: 30 reais, 40, pra dá oportunidade pra todos comerem. Eu acho que o certo seria isso! Porque leilão não é todo mundo, né, que pode ir pra um leilão, pra disputar e pra disputa alguém, você arrematar uma galinha chegar até 250 reais? Isso é uma coisa absurda! E quem tá lá, atrás de comer um pedacinho de galinha pode comer. (Entrevista realizada com Congo em 16/01/2013)

Por fim temos aqueles que acreditam que o leilão anima e une as pessoas durante a festa, devendo assim existir:

Os leilões são bons pra festa, anima a festa é, é a única coisa que realmente dá dinheiro numa festa, é o leilão, sem um leilão a festa fracassa muito, então é muito importante o leilão, bem organizado, bem feito. (Entrevista realizada com Desterro em 15/01/2013)

-Pesquisador: O que você acha dos leilões?

-Informante: Pra gerar renda é a melhor forma, pra gerar para as paróquias.

-Pesquisador: Então tem que existir?

-Informante: Tem que existir, eu acredito que tem que existir. Aproximam mais.

-Pesquisador: Como se da essa aproximação?

-Informante: Através da divulgação do padroeiro, da festa, do leilão, tem sempre um seresteiro tocando, sempre junta, o pessoal tá mais próximo. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

Já é tradição isso aí né? O leilão. Porque justamente já é uma forma de arrecadar mais do que vale né a disputa. Então se tirar o leilão que é a festa principal então vai se resumir a que? A uma barraquinha vendendo pratinho com pedacinhos de frango? Que povo não cria mais galinha. (Entrevista realizada com Pilar 12/01/2013)

Como afirma Chaves (2003, p. 26) “as festas são uma importante tradição, repleta de significados para a população que as vivifica. Carregadas de significados, com enraizamento social profundo e um histórico vínculo político”. O motivo para discordarem da existência do leilão varia conforme as diversas concepções, passando pela crença na existência da tradição e dos costumes, passando por interesses apenas festivos com o intuito de ajudar a paróquia, e por fim, para os políticos, a possibilidade de conseguir visibilidade política, especialmente em ano eleitoral. “As festas proporcionam uma leitura das mudanças operadas nas relações e valores políticos”, podemos observar na festa do Sagrado Coração de Jesus, em suas mudanças os valores políticos.

As diversidades de características citadas se relacionam formando o todo simbólico. “Os ritos são densos em símbolos, que são as vias privilegiadas da comunicação ritual. Eles comunicam por uma lógica diferenciada da lógica da razão discursiva. Constituem, portanto, uma realidade que se sustenta numa comunicação eficaz irracional” (SILVA, 2008, p. 76). E ainda:

O rito é, sobretudo, relação, uma vez que é um ato exclusivamente humano. Relação dos sujeitos com uma realidade social que se constrói ou que se busca garantir a sua manutenção. Não é possível pensá-lo sem as mediações do societário e do cultural. Nele produzimos sentidos para a história. Ele situa os sujeitos numa realidade que os ultrapassa, ao mesmo tempo em que os situa num universo de referência maior. Rito é essencialmente valor e emoção. Produção de valor e emoção. (SILVA, 2008, p. 76)

O leilão é um rito performático onde as ações estão voltadas para o reordenamento do tecido simbólico, e como Lévi- Strauss (1975, pág. 229)

afirma, “trata-se de suscitar uma experiência e, na medida em que essa experiência se organiza, mecanismos situados fora ao controle do sujeito se ajustam espontaneamente para chegar a um funcionamento ordenado”.

Movidos pelo interesse de compreender as transformações investimos nessa pesquisa. Observamos mudanças substanciais na maneira de organização e ritualização da festa anual do Sagrado Coração de Jesus.

As mudanças podem ocorrer de modo a se adaptarem quase que automaticamente, ou serem pensadas de modo que chegue a mudar na estrutura da festa, observamos que a festa quando era comandada pelo pároco D'jacy este proibiu a comercialização de bebidas alcoólicas na festa de barraca, bem como a realização dos leilões, que na verdade, as duas coisas, ritualisticamente, incitavam a presença dos festeiros.

A festa enquanto ritual é de extrema importância para a comunidade católica local, pois a mesma tende a reforçar nos mais velhos, e criar nos mais jovens o *ethos* católico, é um reforço didático. cremos que ensina mais do que qualquer aula de catecismo, pois aprender na prática é mais fácil do que simplesmente ler a teoria, assim:

Os rituais são fundamentais não só porque situam seus participantes num universo simbólico que configura a sua realidade, mas sobretudo por causa da sua força *performativa*, o que os torna essenciais para a construção das identidades dos próprios grupos. (STEILL, 1996, p. 115)

Observamos essa construção e reforço do *ethos*, principalmente na festa de 2013, onde uma das noites foi intitulada “noite dos filhos ausentes”. Foram convidados os cidadãos que não moram mais na cidade para se fazerem presentes na celebração eucarística, e para também contribuírem com doações para o santo, essa noite tem por finalidade reposicionar tais filhos ausentes dentro do tecido social, estimulando o fortalecimento do *ethos* católico e santacruzense.

Outro momento de grande importância durante a festa foi a escolha do rei e rainha da festa, de início qualquer criança poderia participar, os mesmos deveriam desfilar vestidos a caráter em uma das noites, tal evento teve como finalidade, mais uma vez, angariar recursos financeiros. Observamos que os políticos locais acabaram apadrinhando as crianças candidatas, mais uma estratégia de ter o nome divulgado.

Por tais motivos é que a celebração eucarística enquanto ritual pode ser pensada também como um momento de liminaridade; observamos a noite em homenagem aos filhos ausentes, aqueles que estariam fora da estrutura societária, a missa serve como um espaço e momento onde o indivíduo é recolocado dentro da estrutura societária.

Os momentos mais solenes, como a procissão e a celebração da missa, são os momentos em que a autoridade do padre é mais visível, isso em se tratando do controle que o mesmo exerce, já no momento da festa social, mesmo ele tendo planejado e executado a mesma, as ações sociais que se desenrolam durante a festa não podem ser controladas, assim, as regras postas geralmente são quebradas;

Os rituais são importantes ainda, porque as pessoas sabem que podem agir sobre o mundo, criando e alterando os rituais, enquanto instrumentos de sua ação. Isto, no entanto, não significa negar que os rituais também possuem um *bias* conservador, na medida em que servem para dar um sentido de continuidade dentro de um período de tempo de longa duração. (STEIL, 1996, p.115)

Dentro da perspectiva de Steil, notamos que a Festa como um todo é um grande ritual, e em determinados momentos se divide em momentos mais solenizadores e disciplinadores, tendo como finalidade a continuidade da tradição religiosa e a reprodução do *ethos* católico, assim cremos ser o papel das missas e procissões. Em outros momentos, como a festa social e o leilão, observamos uma maior abertura e aceitação nas mudanças nos modos de se confeccionar a festa, podendo ser mudada ano após ano. Aqui nos propomos

analisar apenas o ano de 2012, sem esquecer dá necessidade de relatar acontecimentos da festa de 2013, mas posso afirmar que a festa social mudou radicalmente nos últimos quatro anos, e de fato, as mudanças acarretaram transformações na estrutura do modo de ser católico.

Uma situação que nos chamou a atenção e que até em certa medida foi responsável e motivou a presente pesquisa, foi observarmos mudanças substanciais na maneira de organização e ritualização da festa anual do Sagrado Coração de Jesus. Observamos que a festa quando era comandada pelo pároco D'jacy, este proibiu a comercialização de bebidas alcoólicas na festa de barraca, bem como a realização dos leilões, que na verdade, as duas coisas, ritualisticamente, motivavam a presença dos festeiros.

Com o objetivo de buscar entender o que os cidadãos santacruzenses pensavam de tal proibição, começamos a indagá-los sobre este fato e quais as suas consequências para o sucesso ou fracasso da festa. Neste sentido, coletamos os seguintes depoimentos:

Padre D'jacy criou uma polêmica naquela questão da venda de bebidas alcoólicas. Teve determinadas festas ai que ele proibiu, porque ele acreditava que o que ele pregava na missa, quando saiam na calçada da igreja estavam vendendo um tipo de droga, ai mais só que, segundo o que eu soube, não faço parte da tesouraria da Igreja, mas os rendimentos diminuíram, por conta dessa questão de não venda da bebida alcoólica. O padre, esse novo padre, é um recém- chegado, tem um ano e meio, ele já mudou esse estilo, ele já acredita mais nessa questão de festa social como as pessoas estão habituadas, né? Com a venda de bebidas alcoólicas, eu acho que o pensamento do padre, do padre D'jaci para o padre atual muda muito. (Entrevista realizada com Araruna, em 12/01/2013)

No começo, até que tinha, tinha o leilão, tinha as barraquinhas, era tudo bem organizadinho, mais depois foi se dispersando, as pessoas foram deixando e acabou a barraquinha, acabou o leilão, acabou tudo. Ficou só aquela coisa, ficou nos pratos de salgados, vendia salgadinho em pratinho, acabou-se o leilão, não tinha bebida alcoólica, e você sabe que quando não tem cerveja o pessoal não vai, só no refrigerante, vai quem não bebe, né? Quem bebe é difícil ir. (Entrevista realizada com Desterro em 15/01/2013)

Bom ele, resolveu que bebida alcoólica não entraria. Eu achei que foi essa mudança, e também não tinha aquele fundo musical. (Entrevista realizada com Pilar 12/01/2013)

O fim da venda da bebida alcoólica, da música e dos leilões, segundo os informantes, repercutiu muito mal na cidade, a população se dispersou, se afastou, a festa experimentou forte decadência. A festa passa por transformações a partir da mudança de padres. O novo pároco não só permitiu a venda de bebidas alcoólicas como também retomou a prática dos leilões, além de aumentar as noites de festa na barraca, de uma para sete noites, são todas animadas com músicas, comidas e bebidas.



Imagem 17: Observamos na imagem, a volta da venda e consumo da bebida alcoólica, no ano de 2012. (Arquivo Pessoal).

IV.III. OS SIGNIFICADOS SIMBÓLICOS DO LEILÃO

Dar, receber e retribuir, esta é a lógica da dádiva, segundo Mauss (1974). A tese principal do Ensaio é de que a dádiva produz alianças, sejam elas matrimoniais, religiosas, econômicas ou políticas, nesse último caso, estão inseridas as trocas entre chefes ou diferentes camadas sociais; é seguindo

essa lógica da troca que observamos os lances feitos durante o leilão, e a distribuição de bens simbólicos durante toda a Festa do Sagrado Coração de Jesus. A distribuição de tais bens gera entre os líderes políticos um reforço em torno dos laços políticos já existentes, podendo também criar novos laços entre população e políticos.

Creemos que a festa do Sagrado Coração de Jesus e o leilão seguem a mesma lógica, existindo assim a distribuição de dádivas durante a festa de barraca.

O dom da dádiva permeia toda a festa, começa com as doações recolhidas meses antes. Ninguém se furta a contribuir quando algo lhe é pedido para o santo padroeiro. A missão de pedir em “nome do santo” cabe ao apostolado da oração, grupo de senhoras, com uma média de idade acima dos 50 anos, elas são as grandes encarregadas de pedir a oferta principal, os frangos. No ano de 2012 tais senhoras conseguiram a doação de 150 frangos em média, as mesmas também são as responsáveis pelo preparo e pela venda destes e de outras comidas durante a noite da festa. “Podemos isolar o aspecto econômico de uma troca, mas ela implica sempre também um aspecto religioso (que se evidencia nos sacrifícios, nas dádivas de palavras das rezas etc” (Lanna, 2000, p. 06). De imediato, o Apostolado é que faz a ligação entre, Igreja, Santo e devotos.

Cabe a esse grupo de oração nesse primeiro momento da festa, fazer a ponte de ligação entre a Igreja e os fiéis e garantir que as doações sejam de fato revertidas em favor do Santo, para que o favor prestado seja retribuído posteriormente. Elas se encarregam de recolher os bens que ganharam forma simbólica e se tornarão o fio condutor da dádiva.

Para Mauss, a dádiva funcionaria como um construtor de contratos não apenas entre indivíduos, pois a noção de contrato seria universal: “os contratos fazem-se sob a forma de presentes” (idem p. 41). A dádiva também serviria de reforço a realidades pré-existentes. Observamos que os presentes que mais são trocados durante o leilão são os frangos assados, e durante a festa em si, podemos observar a circulação dos candidatos, instituindo assim laços que podem ser reforçados durante a mesma festa, para isso basta o envio de

comida e bebida, ou até mesmo um aceno com a cabeça, um abraço ou um aperto de mão.

Percebemos mais claramente a relação entre dar, receber e retribuir durante o leilão que se realiza na festa de padroeiro, sempre estimulado por uma disputa entre correligionários políticos, tentando-se assim, ganhar visibilidade e prestígio do eleitor e do cacique eleitoral.

A disputa ocorre de modo velado, é uma disputa que visa beneficiar a si e a outros. Pois como nos ensina Lanna (2000), o prestígio vem com a compra do frango, e com o acúmulo dessas compras. Não será apenas com um frango comprado, arrematado para outro que ele ganhara notoriedade, principalmente com a proibição de lances exorbitantes. Se antes o prestígio existia em arrematar frangos com valores astronômicos, hoje, podemos afirmar que o prestígio vem com a quantidade de frangos arrematados por preços razoáveis que giram em torno de 50 reais.

Como já informamos antes, reafirmamos que o político não arremata em seu nome, seu nome acaba sendo citado, mas o arremate é para um grupo, esta sempre vinculada a “mesa”.

Existe em Santa Cruz o grupo político da situação e oposição, tais grupos recebem os nomes de seus caciques políticos que geralmente são os candidatos a prefeito, esses candidatos capitaneiam o prestígio que passa a existir pela quantidade de lances feitos durante a festa, e sua habilidade em redistribuir a carne arrematada nos lances, pois a dádiva se faz visível nesse momento, o comprar e o redistribuir. Se ele, o candidato, conseguir administrar os lances, não esquecendo nenhum correligionário ele não só estará distribuindo e agradando.

Como ser retribuído se você arrematou algo para a “mesa? Simples, a mesa é composta por correligionários políticos, esses políticos arremataram um frango em seguida também em nome da mesa, assim a oferta das dádivas sempre existirá, já que geralmente se tem mais de um correligionário junto a si, é um ciclo constante, assim o nome que sempre será divulgado será o do “chefe” da mesa, aquele que geralmente é o candidato a prefeito. A dádiva

consiste em receber de volta aquilo que foi dado, assim o mesmo terá seu nome divulgado mais uma vez ao receber o frango como oferta, mostrando que ele arremata pra sua mesa, beneficiando a todos que estão sentados, não esquecendo do santo que será supostamente o principal beneficiado com a quantidade dos lances.



Imagem 19: Mesa composta por candidata à vereadora e sua família, ao centro podemos ver o seu esposo, a o lado esquerdo do mesmo, os seus filhos, juntamente com convidados. (Junho de 2012. Arquivo Pessoal).

Comprovamos a existência dessas mesas com a fala de um político, o mesmo por vezes cai em contradição, momentos afirma que a política deve ficar fora da festa, mas nos afirma que ele se comunica e combina com os outros políticos a ida a festa, e usa como justificativa a necessidade de sentirem os anseios da população, a festa seria um momento propício para esse contato direto com a comunidade;

Olha, sempre que vamos às festas, nós combinamos é [...] eu estive com o Prefeito na festa, em todas as festas que nós fomos, fomos juntos e determinados vereadores também. Todos participam, acho que é um passo importante. Eu acho que é [...] é, a cidade, ela tem que se integrar. As querelas políticas, ela têm que ficar de fora e [...] principalmente nas festas religiosas! Acho que todos os políticos, eles têm participar, porque pra dá sua contribuição na sociedade. [...] Olhe, eu acho que o político, ele é muito visado. Todos nós sabemos, não só aqui, é em todo território nacional e é [...] o político, ele participa, ele, ele [...] eu acho que o político tem que tá sempre em interação com o povo, com as festas, para que nós possamos é, sentir, também, os anseios da população.

Eu acho que é uma, uma missão nossa, nosso ofício é esse! Até porque somos pessoas públicas, e as pessoas públicas, eu acho que elas têm que participar é [...] das festas que, que o município tem é [...] nos seus anos, nas, nas suas ideias, nos seus [...] nós temos que participar bastante! É um momento muito importante, né, porque aglutina muito à população. Chega, se aproxima muito da população. Lógico que você vá às festas, vai nas mesas, vai cumprimentar, fazer novas amizades, isso é muito importante pra o político! (Entrevista realizada com Congo em 16/01/2013)

Nossas observações e dados reforçam o que foi proposto por Lanna, demonstrando a importância da configuração das mesas durante a festa de padroeiro.

Já se notou que nos leilões nordestinos “cada mesa tem um membro da elite local como seu chefe”, que convida parentes e amigos “para unir-se a ele em sua mesa. A mesa na qual se senta é uma séria escolha no estabelecimento da hierarquia”. Há basicamente três maneiras adequadas de se proceder num leilão: ser um chefe da mesa que oferece comida para seus convidados, ser um convidado numa mesa que é como ser um hóspede, ou ser excluído, perambulando entre as mesas ou simplesmente ficando em casa. (LANNA, 2000, p. 178)

Podemos perceber a existência de uma geografia específica dentro do espaço da festa; é como existisse festas dentro da mesma festa. Cada mesa comemoraria seu chefe, teria-lhe como a personificação do santo, onde se faz a oferta e espera a retribuição, seja em forma de frango como de costume, ou como apoio político. O chefe da mesa não só oferece comida e bebida aos seus “convidados”, mas oferece a sua ajuda ao santo, que deve ser retribuída com prestígio e bênçãos.

A simbologia que envolve a realização do leilão é algo muito interessante; ali não estão sendo leiloados apenas os frangos, estes ganham uma forma simbólica de grande prestígio, porque comprar algo que não vale mais do que quinze reais por cento e cinquenta, o que está em jogo é o prestígio de quem faz o lance, existe a possibilidade de ser visto e notado

comprando uma “penosa”²³ por cem reais, do que simplesmente comprar os pratinhos por cinco reais, a disputa pelo frango caracteriza-se, segundo Lanna (1995), como um “comer competitivo”.

Talvez em anos anteriores se desse mais importância ao valor pago pelos frangos, coletamos falas que demonstram hoje, uma certa resistência por parte dos informantes não políticos a lances feitos com altos valores. Os mesmos acreditam que esses lances não fazem bem a festa, acredito que tal mentalidade passou a existir com o hiato de quase quatro anos sem a existência do leilão.

Com a volta do leilão acreditamos que o que passou a vigorar foi a quantidade de lances que são feitos durante a festa, observamos tal acontecimento analisando a situação da festa, pois o valor dos lances não podia exceder um limite pré-definido, não nos foi dito um valor exato, apenas que o padre antes da festa chamou a atenção do leiloeiro quanto a possibilidade de existir disputas políticas, já que estávamos em ano eleitoral, dando maior controle sobre a festa ao leiloeiro. Mesmo com o controle do valor dos lances, observamos que a predominância durante o leilão foi da classe mais abastada economicamente.

Esse comer competitivo ao qual Lanna se refere é a ação do arremate durante o leilão. Segundo o autor, a ação de comer só é possível graças aos leilões, leilões esses que apenas a classe mais abastada economicamente pode participar, pois a competição geralmente se dá entre os políticos locais, e ou entre os comerciantes.

A disputa entre iguais durante o leilão é tradição, mas não implica que a distribuição de dádivas esteja restrita apenas ao leilão, é nesse momento que observamos publicamente, todos podem ver e ouvir os lances, mas existem momentos anteriores e posteriores ao leilão onde a dádiva também pode ser observada.

²³ Termo local utilizado para se referir ao frango assado que é leiloadado durante a festa de padroeiro.

Em Santa Cruz existe na festa duas formas de se comercializar o frango: em pratinhos, que são pequenas porções de frango vendidos na barraca pelo apostolado da oração, não são considerados frangos propriamente ditos, mesmo sendo o mesmo tipo de carne, são considerados aperitivos. O significado dos pratinhos vendidos e dos arrematados é diferente, pois quem come os pratinhos é a parcela da população que não pode participar dos lances, e se participa é apenas uma única vez durante toda a noite. Os frangos melhores são reservados para os lances no leilão, estes sim são considerados “frangos de verdade”.

A venda de frango em porções é um tipo de dádiva distribuída pelos políticos aos possíveis eleitores, já que os candidatos não podem arrematar frangos para todos aqueles que ele quer conquistar. Juntamente com o frango vendido em porções é distribuído à cerveja ou o refrigerante, podemos compreender essa ação como distribuição de dádivas de menor prestígio, mas não deixa de se configurar como dádivas, pois outros candidatos também ofertarão o mesmo, possivelmente as mesmas pessoas que estejam indecisas quanto ao voto. Enquadra-se assim, como um distribuir competitivo.

Segundo Santos (2001, p. 05), “a dádiva, em nossa sociedade patrimonialista e patriarcal, se constitui como troca de símbolos: amizade, carinho, reconhecimento e fidelidade por fatores profissionais e pessoais”. Percebemos durante a realização da festa e depois, a retribuição das dádivas distribuídas durante o leilão.

A lógica instituída é que o vínculo social é preponderante ao valor material que será empregado na compra dos frangos pelo político, ficando claro que o que está em jogo é o prestígio político, já que seria de bom grado ajudar a Igreja e ao santo por meio de doações antes da festa, como também participar do leilão.

Os leilões seriam ainda momentos especiais para os políticos pelo fato de que em Santa Cruz não existem muitos espaços com uma considerável aglomeração de pessoas que sirva para se ter um contato direto com a população, como é o caso da festa, esse fato foi relatado por nossos

informantes ao questionarmos o que significaria a festa do Sagrado Coração de Jesus para os políticos;

É o momento que eles vão pra ajudar a paróquia e se ajudar. Eles ajudam a paróquia rematando coisas do leilão, tudo que está leiloado, eles ajudam nessa parte, arrematando. E eles se ajudam sendo vistos “eu tô aqui, eu tô aqui”, ‘ó, o político tal estava lá’, rematou tanto, ajudou a paróquia, arrematou tantas galinhas, conversei com ele. Ele abraçou todo mundo, passou falando com todo mundo, isso é um ponto positivo para o político, não é pra paróquia é pro político. E o ponto positivo pra paróquia é isso quando ele vai lá, quando ele gasta, enfia muito bem a mão no bolso, vai bem fundo no bolso dele e deixa pra paróquia. Primeiro ele vai pensar nele e depois ele vai pensar na festa. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/2013)

Uma de nossas informantes relata que existem três tipos diferentes de participantes, e a cada um a festa significa algo diferente:

Nós temos três tipos, nós temos aqueles que frequentam a igreja, que são católicos praticantes, nós temos as representações políticas, e nós temos as pessoas que vão porque é mais uma festa, é uma oportunidade de rever e encontrar, não é?! São esses três elementos, então tem significações diferentes para cada um desses três. Pra quem tá lá que participa, ele participa a semana inteira, semana de festividades, vai à missa, vai à procissão, e vai à festa também para a culminância, dessa semana é uma celebração, é uma festa, é uma festividade da igreja, pra comunidade política nós temos a oportunidade e não podemos deixar passar!! é onde a sociedade vai estar presente, então nós podemos nos apresentar. (Entrevista realizada com Pilar, em 12/01/2013)

A informante não é política profissional, mas se coloca e tenta pensar como uma, informa que para os políticos a festa é o momento das oportunidades, cada participante possui uma lógica diferente, a dos políticos seria definida por fins eleitorais, trabalhando para a construção do capital social e político.

Eu acho que é um momento social de toda comunidade, né? Um momento de participação de reencontro, eu entendo que para o político a presença dele é importante porque ele tem a possibilidade de ver toda a comunidade presente em um só local. Seria interessante para o político a presença dele porque ele mantém um contato com grande parte da população, que talvez ele não tivesse tido antes como chegar a pessoa né?!. (Entrevista realizada com Santa Cruz, em 09/01/2013)

A festa é pensada como o momento das oportunidades, é o espaço midiático por excelência, o depoimento, acima descrito, defende que o político dirige-se à festa com o intuito de estreitar os laços sociais com a população e os seus iguais, em momento algum foi levado em consideração a relação religiosa da festa, ou seja, não foi dito por nosso entrevistado que uma das razões possíveis seria agradecer a Deus ou ao Santo, o social, munido por interesses de disputas por espaços de poder, vem em primeiro lugar.

-Pesquisador: E o que representa a festa para os políticos de Santa Cruz?

-Informante: Agora isso aí você vai perguntar a um político (risos). Muitos deles têm aquele momento pra se aproveitar politicamente. Vai depender da concepção que ele tem sobre aquela festa.

- Pesquisador: Então não tem uma concepção sobre a classe política?

- Informante: Não, porque você sabe que existe o profissional bom e o ruim. O que se aproveitaria de um momento como esse, eu acredito que para ele seria um oportunismo, para o político ruim e para o bom seria o momento em que ele tem de se encontrar com seu povo, de mostrar que também é devoto do sagrado coração. (Entrevista realizada com Santana de Mangueira, em 14/01/2013)

É como eu falei no começo: representa lucros de aparecer e crescer, lucro político, porque eles sempre querem aparecer no meio das multidões. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

O mesmo para as pessoas e também [...] é [...] um momento em que eles vão estar, digamos assim, mais visível, mais entre as pessoas, assim como os demais participantes da festa vão estar lá se divertindo, vão estar é [...] reencontrando as pessoas, e, no caso, em anos de campanha, eleitores [...] E em anos não de campanhas, encontrando os cidadãos, mesmo, e também vão estar ali é [...], de certa forma, se expondo, né, se fazendo visível. (Entrevista realizada com Ibiara, em 10/01/2013)

A festa passa a representar muito mais uma vitrine para o político, para ser visto e testar a sua audiência, assim, o lado religioso fica um tanto deslocado, apesar de ser exaustivamente utilizado como pretexto. “Para os políticos a festa representa mais uma festa e também o sentido de demarcar território, e de demonstrar força, seja arrematando galinha, comprando o maior número de uísques e cervejas.” (Araruna em 12/01/2013)



Imagem 19: Observamos da esquerda para a direita: Severino Gomes, ex- candidato a prefeito e atual secretário de agricultura de Santa Cruz, Vereador Aldjones Abrantes, em seguida o filho do atual secretário da agricultura, Hélio Gomes, nome cotado ao cargo de vice- prefeito nas eleições de 2016, e por fim, o atual prefeito Raimundo Antunes, na época, candidato a reeleição. (Arquivo pessoal, junho de 2012)

É o momento de exibição pública cujo fim é a demonstração de que possui poder econômico, e que por isso, pode ajudar seus eleitores, caso necessitem e o procurem; é o momento ideal para ser visto e notado, para circular aparentemente como um cidadão comum, destituído de qualquer “interesse”:

Ai meu Deus! É o momento de se apresentar, é só isso para alguns. Infelizmente o nosso prefeito não é católico praticante, porque parece que quando os pais são, as mães são, os filhos não querem ser. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2003)

Estar presente, participar da festa, mostrar que também estamos lá, também participamos, assim como eles, temos alguma coisa em comum, e pra o terceiro grupo, é eu vou observar a festa, não to fazendo nada, vou encontrar o pessoal que eu não vejo há algum tempo né, vou comer e beber também, é isso, creio eu. (Entrevista realizada com Pilar 12/01/2013)

A hipótese de que o leilão é um momento oportuno para a construção política de qualquer candidato se confirma com as falas a seguir:

Para os políticos representa a sua ascensão perante o público, perante o povo, de participar e dizer eu estou aqui, porque assim, como meu sobrinho foi candidato, o pai dele o obrigava a ir, dizia: vá, você tem que ir, porque lá é onde ta o povo, você tem que ir. (Entrevista realizada com Desterro em 15/01/2013)

Obviamente não quereremos aqui afirmar que um determinado candidato só será eleito por ter participado do leilão, mas o fato de ter comparecido, ter sido visto, cumprimentado a população e participar do leilão, arrematando frangos, sem dúvida ajuda na construção de seu capital político.

Dividendos eleitorais, a questão de, por exemplo, se aquela festa pode de certa forma ter bons resultados para aquele candidato, porque dependendo do desempenho daquela festa pode arranhar a imagem do candidato, e o trampolim eu acho que Girleno poderia entrar nesse caso já que ele era um novo nome, era uma forma dele, a questão do trampolim da consolidação do nome dele, é como se a chapa se apresentasse na sociedade ali. (Araruna em 12/01/2013)

A população possui o conhecimento do uso político da festa, eles não se deixam enganar quanto a existência dessas ações, isso não quer dizer que os mesmos não acabem por ser influenciados.

IV. IV. O LEILÃO NO ANO DE 2012

O leilão em 2012 de imediato não nos reforçou a ideia de disputas, mesmo estando a poucos dias das convenções municipais e do lançamento oficial dos candidatos, em especial o da oposição. O leilão ocorreu de forma calma, colhemos relatos que afirmam não ter havido disputas durante o mesmo.

foi um ano eleitoral, mas as pessoas não colocaram as eleições na festa, pelo menos eu não percebi isso, foi uma festa calma, tranqüila, as pessoas foram pra se divertir, pra conversar, pra comer sua galinhas, pra beber sua cerveja. (Entrevista realizada com Araruna, em 12/01/2013)

Mesmo sem apresentar fortes rivalidades políticas durante a realização do leilão, acreditamos que o leilão e a festa como um todo no ano de 2012 serviu ao propósito político de um modo mais discreto, pois uma das características da cultura, e especialmente das festas de padroeiro, é a capacidade de mudar e se reinventar ano após ano, e do mesmo modo podemos afirmar que os políticos descobriram uma forma a mais de se moverem durante a festa, buscando sempre a sua instituição política. Assim a festa serviu ao propósito político.

Com a volta dos leilões observou-se que as disputas não aconteciam, as disputas de outrora já não existiam. Sabemos que os lances depois da volta do leilão, ou seja, em 2012, não poderiam ser altos, mas essa informação estava restrita ao padre, leiloeiro e poucos festeiros, o público não estava informado sobre “esse acordo”, não existindo motivo aparente para os lances serem modestos e comedidos principalmente em um ano eleitoral.

Estávamos em um ano eleitoral, disputavam as eleições um candidato reconhecidamente rico e um candidato a reeleição detentor da máquina pública, e mesmo assim, não observamos disputas, mesmo sabendo que o leiloeiro tenha estimulado, lembro-me bem que ele cumpriu seu papel de provocador, não é a toa que uma entrevistada relatou que o mesmo tentou “puxar” mais para “o lado do prefeito”.

Passemos então a descrição de algumas falas e fatos que nos ajudaram a compreender melhor os motivos que levaram a realização de um “leilão morno”, não foi fraco porque houve bons lances, mas sem disputa entre correligionários, e muito menos entre adversários, mesmo que isso quase nunca aconteça na festa do Sagrado Coração de Jesus:

-Informante: Foi um ano eleitoral mas as pessoas não colocaram as eleições na festa, pelo menos eu não percebi isso, foi uma festa calma, tranquila, as pessoas foram pra se divertir, pra conversar, pra comer sua galinhas, pra beber sua cerveja,

-Pesquisador: Mas existia a expectativa?

-Informante: Existia é claro, ate porque foi no mês da convenção, então a maioria das pessoas já sabiam quem seriam os candidatos a prefeito, ano eleitoral e tudo, mas só que, quem pensou que fosse ocorrer se frustrou um pouco.

-Pesquisador: E você, se frustrou um pouco?

-Informante: Não me frustrei, mas eu esperava que fosse acontecer esse embate político, eu vou arrematar essa galinha pra tal candidato, pra Raimundo, pra Girleno, não houve isso.

-Pesquisador: E por que você acha que isso não aconteceu?

-Informante: Eu não sei. Que eu me lembre os dois candidatos foram a festa, e os seus correligionários também, mas, é porque, é como se, foi em que a festa?

- Pesquisador: Duas semanas antes de junho.

- Informante: Então foi o que, duas semanas antes da convenção, é como se as pessoas, não é que já soubessem qual seria o resultado definitivo, mas a eleição do ano passada foi muito calma, é como se já estivesse estampado na cara quem já ganhou. E isso de certa forma é como se fosse chover no molhado, por parte da oposição.

- Pesquisador: Então a oposição evitou um embate até mesmo com medo de perder o embate na festa, presumindo que perderia.

- Informante: Ou que isso poderia prejudicar, atrapalhar a candidatura do candidato, mas assim, não houve na festa aquela coisa, e isso você nunca vê por parte dos candidatos em si, mas pelo menos por parte dos correligionários, dos que já estão mais quentes, elétricos, altos pela bebida, não houve isso, nem por parte da oposição, nem por parte da situação. (Entrevista realizada com Araruna em 12/01/2013)

Podemos observar que o nosso informante afirma que existe a expectativa de existir a disputa durante o leilão, isso nós trazemos de outras festas anteriores à proibição do leilão. Ele ainda nos leva a crer que já existia o clima de já ganhou por parte do então prefeito candidato a reeleição, seria um clima que existia não só entre os correligionários do prefeito, mas principalmente por parte da oposição, como o opositor era um neófito na política, pode ter ocorrido que o medo em participar do leilão pudesse acarretar problemas políticos. Nosso informante fala de um lugar próprio, ele faz parte da situação, sua mãe ocupa cargo na atual gestão, assim podemos afirmar que o mesmo fala de tal modo estimulado por uma crença da vitória presumida, confiança em se manter no cargo ocupado. O fato é que realmente o candidato foi reeleito.

- Pesquisador: A festa daqui do sagrado coração, o que foi que você achou da festa?

- Informante: Achei ótima a festa, gente boa de fazer, de trabalhar.

- Pesquisador: Foi tranquilo.?

- Informante: O pessoal tudo tranquilo, nenhuma disputa.

Pesquisador: Não teve nenhuma discussão?

Informante: Não não, nenhuma disputa de preço.

- Pesquisador: O padre conversou com você antes? Estabeleceu algum limite de preço pra as galinhas, como foi assim o esquema?

- Informante: Sempre conversar, se tiver algum confronto, a gente vira, dá até as costas pra o outro, só pra não ouvir. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

IV. V O LEILOEIRO E A SUA FUNÇÃO DE ANIMADOR



Imagem 21: O leiloeiro inicia o leilão. (Arquivo Pessoal, junho de 2012).

É sempre um homem auxiliado por uma mulher²⁴ que leiloa os frangos e demais prêmios. Para ser leiloeiro deve-se conhecer bem a cidade e a população, ou melhor, conhecer os políticos, comerciantes e outras pessoas de poder aquisitivo, pois são esses que de fato fazem o leilão “render”²⁵ e ser movimentado.

O leiloeiro é uma espécie de “mestre de cerimônia”, um animador que faz a mediação entre os festeiros em nome do padre e do Santo. Nos anos de 2012 e 2013 foi o mesmo leiloeiro que ficou responsável pelo leilão. Deter-nos-emos na dissertação a etnografar o leilão realizado no ano de 2012, por ter sido este um ano de disputa eleitoral, quando tivemos eleições majoritárias.

²⁴. Essa mulher faz a vez de caixa, recolhe o valor do frango ou de qualquer outro bem leilado, e anota tudo em um caderninho para posterior prestação de contas.

²⁵. Palavra nativa que quer dizer obter grande quantia em dinheiro.

O nosso leiloeiro é um homem jovem de 35 anos, de estatura alta, pele morena, tem por profissão agricultor, sempre residiu em um sítio da cidade, vindo morar na sede aproximadamente há dois anos, se denomina católico praticante. Amigo do atual pároco. Politicamente falando, foi o responsável pela locução durante os comícios do prefeito que concorreu à reeleição.

O leiloeiro é peça móvel do cenário que compõem o leilão. Tudo parece estar disposto de um modo que ele possa se locomover bem entre as mesas e os festeiros, mas o seu papel não é só de vender pelo preço mais caro o frango assado, ele também é um animador de plateia e sua principal função é de incitar lances, cada vez maiores, provocando principalmente os políticos e correligionários que lá estão.

Alguns fatos curiosos ocorreram na Festa do Sagrado Coração de Jesus no ano de 2012, como por exemplo: a proibição de se exaltar alguma presença política durante a realização dos lances; foi proibido extrapolar valores, os lances não poderiam ser exorbitantes. Mas com todas as proibições, fatos de favorecimento ocorreram, alguns informantes relataram a preferência do leiloeiro por parte do grupo político do prefeito:

- Informante: assim, o povo reclamando porque ele ainda quis vir mais para o lado de cá, ou seja da mesa do prefeito, só que a o padre chamou logo a atenção dele, “no momento que começar essas coisas, você puxar pra um lado só, pra um lado só, a gente para o leilão, você tem que andar em todas as mesas, oferecer e chamar o nome das pessoas, porque o povo vê aquilo, o povo percebe”.

-Pesquisador: Então vocês notaram que ele tava puxando, mesmo que já tivesse sido avisado, puxando só pra o lado do prefeito?

- Informante: Ficando só de um lado só, e a gente chamou logo atenção, eu digo assim o grupo que estava do lado do padre, e depois o padre chamou a atenção dele, e o padre disse: “você vá para o outro lado também, porque o povo já começa a perceber isso.” Ai ele foi. (Entrevista realizada com Princesa Isabel em 09/01/2013)

Como relatado anteriormente, em anos anteriores o leilão deixou de

existir, uma das motivações para o fim dos leilões seria essa prática, a busca de auto-promoção durante os leilões, principalmente quando o leiloeiro era ligado a algum grupo político, como nos foi relatado pela informante acima, e pelo próprio leiloeiro.

As festas, de um modo geral, são feitas para serem vistas e apreciadas. Acreditamos que as festas de padroeiro se assemelham à festa do período junino que segundo Lima (2002, p. 20):

Atualmente a festa junina no espaço urbano é algo diferente, ela se redefine, extrapola o localismo e utiliza os elementos da tradição junina, para ser reinventada, apropriada e conservada como um espetáculo de cenários, cores, luzes e sons; como uma festa comercializada, que significa *marketing* turístico, social, cultural e político. (LIMA, 2002, p. 20)

Percebemos na festa de padroeiro todo esse cenário de cores, luzes e sons; temos banda musical, decoração no local da festa, e um apresentador, o leiloeiro, assim sendo, grande parte do que ocorre na festa é sempre incentivado e conduzido por ele.

Interessante observar que ao ser permitido ao leiloeiro transitar entre todas as mesas, ele assume uma posição ambígua e liminar, ele é intersticial; ele não está aqui, nem lá, e, ao mesmo tempo, está em todos os lugares. Não é qualquer pessoa que pode ser leiloeiro, alguns pré-requisitos precisam ser observados. Por exemplo, o leiloeiro tem de ser uma pessoa conhecida na cidade e bem relacionada com todos, ele não pode demonstrar preferência por ninguém, sob pena de ser interpretado como uma pessoa parcial em seu comportamento durante o leilão.

Ele não pode, tampouco, assumir posições políticas, a imparcialidade política é condição da garantia de uma rivalidade controlada entre os grupos rivais, por ocasião de uma disputa por frangos. Obviamente, o leiloeiro pode até assumir preferências políticas, durante a campanha eleitoral; a população em geral, presente a barraca para o leilão, pode até eventualmente saber de

tais adesões, no entanto, elas não podem ser exacerbadas quando está ocorrendo o leilão durante a festa.

É impossível assumir uma posição neutra durante a festa, isso serve para os festeiros, no entanto, não se deve aplicar ao leiloeiro; ou você está sentado na mesa do político A ou do político B, aquele que é visto passando de mesa em mesa não é bem quisto, exatamente por sua adesão ou filiação partidária, mas leiloeiro é essa figura que tem que transitar em todo o espaço, indistintamente. Lanna (1995) nos chama a atenção para as categorias de pessoas presentes na festa de São Bento e seu distrito São Pedro de Caiçara-RN:

- a) Patrões que gastam muito, chefes de mesa que agem como anfitriões, mesmo quando são de outras cidades;
- b) Pequenos patrões que gastam pouco, mas também são anfitriões, ou chefes de mesa;
- c) Convidados para as mesas, muitos dos quais são realmente hóspedes, parentes e amigos que moram em outras cidades;
- d) Moradores locais que participam simplesmente assistindo ou dançando forró, já que a música ao vivo é uma condição estritamente necessária do leilão;
- e) Aqueles que ficam em casa. (LANNA, 1995, p.179)

Dessas cinco categorias encontramos três nos leilões da Festa do Sagrado Coração de Jesus em 2012: os que ficam em casa; os que vão dançar e ficam assistindo aos leilões e os chefes de mesas, esses representados em sua grande maioria por políticos locais, comerciantes e ou por famílias tradicionais que recebem familiares durante os festejos. No ano de 2013 podemos acrescentar mais uma categoria, os convidados para as mesas, hóspedes, parentes e amigos que moram em outras cidades, em 2013 houve uma noite especial para os filhos ausentes da cidade, trazendo-os de volta e sendo homenageados durante a celebração da missa, e posteriormente na festa social.

Lanna (1995), ao realizar pesquisa em São Bento-RN, demonstra que a figura de maior destaque nos leilões são os patrões, que também exercem a

função de políticos locais. Essa forte estratificação e hierarquia social que separa aquele que detém o poder político, aquele que possui o poder econômico da população em geral, que por sua vez também se estratifica em distintas classes sociais, serve para orientar claramente o caminho que o leiloeiro perfaz durante a festa; ele circula, na verdade, entre os que podem entrar na disputa de lances por um frango.

O leiloeiro não pode deixar de fazer agradecimento público, em nome do padre, para os que fizeram as maiores contribuições, especialmente garrotes e bodes, mas ele deve também, e ao mesmo tempo, induzir os mais ricos a fazerem seus lances. O leiloeiro tem por regra assumir uma posição jocosa, provocando com brincadeiras maliciosas aqueles que, apesar de estarem ocupando uma mesa, isto é, agindo como patrões, acabam não gastando muito. O leiloeiro instiga ainda rivalidades locais, com frases como: “Onde está Mundinho? Vai deixar este frango ser comido por L.L.?”. (LANNA, 1995, p. 179)

Em Santa Cruz o leiloeiro é sempre o primeiro a tomar a palavra, convidando “todos”²⁶ a participarem do leilão e brincando com os festeiros presentes, pouco tempo depois de iniciado o leilão ele faculta a palavra ao padre, o mesmo agradece com poucas palavras, em especial à sua família que veio de longe para prestigiar a festa.

Em 2012 a festa teve início por volta das 22 horas, todos aguardavam o momento mais esperado da noite: o leilão. O primeiro lance foi arrematado no valor de cinquenta reais, e o leiloeiro assim finalizou os lances: - “de Lucélio para o vice-prefeito Ednaldo comer dou-lhe uma, dou- lhe duas, e dou-lhe três, vendida a primeira penosa da noite”. Assim começa a noite de festa, o primeiro lance foi feito por um eleitor para seu candidato/político, é uma forma de cair nas graças do político, e ao mesmo tempo fazer a propaganda do mesmo. Você se torna bem visto por poder pagar um frango para um político, e sabe que com certeza será retribuído ainda naquela noite por outro frango, mas essa

²⁶ Ele cita nomes, pergunta se trouxe muito dinheiro, sempre nomes conhecidos, principalmente os donos de supermercado e políticos.

relação não deve parar por aí, espera-se do eleitor o seu voto, e do candidato, favores, caso seja eleito.

Chamou-nos atenção nesse primeiro lance, por ter sido um eleitor a leiloar um frango para um político. Tal iniciativa reside em uma excelente estratégia de ambos, certamente o eleitor é um admirador e espécie de assessor do político, pois do contrário, não teria sentido tal congratulação. O acordo tácito entre os dois é exatamente a inversão do ato, ao invés do político, é o eleitor que toma “a iniciativa” de presentear aquele e isso obviamente se traduz em prestígio para o próprio político que põe “em teste”, a sua popularidade.

Também percebemos que os candidatos geralmente não fazem lances para si, seria considerada uma deselegância você arrematar um frango e não oferecer para um correligionário político, é aí que está inserida a dádiva, o que você ganharia comprando um frango para si apenas? Onde entraria nessa ação unilateral o sistema simbólico de trocas? Por isso, o leilão só adquire sentido se ele se organiza num constante e contínuo dar, receber, retribuir. Este é o sistema ritual do leilão na festa do Sagrado Coração de Jesus, em Santa Cruz.

Continuando com a nossa descrição etnográfica observamos que o segundo frango da noite foi arrematada por uma mesa que não era composta de políticos, nem comerciantes abastados da cidade, mas por um cidadão conhecido da cidade e que o fez, muito mais munido pela esperança de receber “graças do santo” do que por disputar espaços de poder na cidade. O leiloeiro, por ordem do arrematador, fez as honras e ofereceu o frango ao cidadão; o valor arrematado foi de quarenta e cinco reais, e em seguida ele agradeceu a presença de todos enfatizou que o Sagrado Coração de Jesus abençoará a todos que estão participando do leilão e fez uma rápida pausa e a banda começa a tocar músicas.

O lance seguinte foi feito de “Germano para Marquinhos comer”, no valor de trinta reais. Marquinhos à época era candidato a vereador e foi eleito, nas eleições do mesmo ano, 2012. O lance foi coberto no valor de cinquenta reais pela família Pordeus, família que domina econômica e politicamente o distrito

de São Pedro, é anunciado como grupo Pordeus, e faz a propaganda da madeira e cerâmica da família que leva o mesmo nome. Mais uma pausa é feita e a música volta a animar a festa.

E na terceira galinha da noite observamos a dádiva acontecendo, vimos que no primeiro lance da noite a galinha foi oferecida por Lucélio ao vice-prefeito da cidade e candidato a reeleição, esse agora oferece o frango por trinta reais a Lucélio, e o valor sobe para quarenta reais quando ocorre um lance de trinta e cinco, pelo mesmo frango, e o vice-prefeito leva a disputa e retribui o gesto.

O vice-prefeito representa politicamente o distrito de Casinha do Homem, mas mesmo assim se faz presente à festa do Sagrado Coração de Jesus, dificilmente um cidadão comum se desloca de sua comunidade para participar de outra festa de padroeiro, esse fato ocorre com os moradores dos sítios e dos distritos, apenas aqueles que possuem carro e representatividade econômica e política se fazem presentes na festa em devoção ao padroeiro da cidade, é como se cada distrito enviasse seus representantes, especialmente em ano eleitoral, esse fato se confirma com a constatação de que o vice-prefeito não foi visto nas sete noites festivas de 2013.

Observamos a tentativa bem sucedida de retribuição do candidato a vereador Marquinhos para Germano, enquanto isso a população observa e toma cerveja, come salgadinhos, bolo, creme de galinha, juntamente com o frango vendido em pratinhos.



Imagem 22: Vereador Marquinhos e candidato a reeleição ao centro da foto, acompanhado de sua esposa e do candidato a prefeito pela oposição. (Arquivo pessoal, junho de 2012)

Logo em seguida, observamos o vereador e candidato à reeleição, Luciano Caetano oferecer trinta reais no frango, sendo que o lance é coberto por quarenta reais de um cidadão que é comerciante no ramo de alimentos, e oferece para outro comerciante, o candidato coloca cinquenta e volta a disputa, sendo novamente desafiado com o valor de cinquenta e cinco reais pelo então concorrente, sendo assim derrotado²⁷ e não comendo o frango. Ser derrotado numa disputa de leilão é em certo sentido, motivo de vergonha, a disputa é acirrada, ninguém quer sair perdendo em seu lance, pois o prestígio reside exatamente em ganhar a disputa.

²⁷ Vale salientar que, o candidato não foi reeleito para o cargo de vereador.



Imagem 23: Observamos o Vereador e candidato a reeleição Luciano ao lado esquerdo.
(Arquivo pessoal, junho de 2012)

A vitória durante o leilão é algo sentido por quem se faz presente e observa a festa, existe vibração durante os lances, já relatamos que existe uma espécie de torcida, que por muitas vezes chega a ser comparada a uma torcida organizada de futebol, mas o mais importante é compreender que os cidadãos entendem e interpretam o fato de ser derrotado durante um lance;

Se o seu candidato participasse de um leilão e ganhasse a disputa, o que você pensaria? Politicamente sim, eu ia achar bom. Que ganhar é bom, perder é ruim. (Entrevista realizada com Santa Helena, em 08/01/2013)

-Pesquisador: e se ele perdesse essa disputa o que você pensaria?

-Informante: no meu pensamento seria melhor pra ele, por que se ele perdesse tem duas formas, no pensamento de muita gente que vota no político acha ele fraco, mas pra ele é bom porque não vai ganhar um inimigo se o político for inteligente. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

O próximo frango foi leiloado para o grupo político representado por Eneias, por cinquenta reais, ou seja, para o vice-prefeito e todos aqueles que o acompanham. Não foi o próprio vice-prefeito Ednaldo que fez o lance, mas sim o seu “grupo”, simbolicamente ele não deve comprar para si, esse frango é um bem que deve ser dividido para todos, de preferência dado a alguém em outra mesa. Assim, quando um político arremata sem intenções de doar o frango, geralmente oferece à sua mesa ou a seu grupo, já vimos anteriormente isso ocorrer quando o frango foi arrematado pelo grupo Pordeus. Logo em seguida mais um intervalo, e mais música.

No leilão há toda uma etiqueta a ser preservada, a galinha deve ser arrematada e oferecida ao outro, não se deve arrematar a galinha para o próprio consumo, mas sim, para que alguém “coma da galinha”. Cria-se, através da comida que circula uma teia de reciprocidade que deixa-nos antever, em escala reduzida, toda aquela sociedade. (PIRES, 2003, p. 59)

Posteriormente ao lance do grupo Eneias tivemos o lance feito por um adversário político, Antonio Gomes, que colocou trinta reais para seu cunhado Luis comer, e assim observamos o início da rotatividade dos lances entre adversários políticos.

Vale ressaltar que por ser um ano eleitoral o padre proibiu que o leiloeiro levasse a frente os lances altos em demasia, o preço combinado foi no máximo sessenta reais, por isso ao atingir o valor de cinquenta reais o leiloeiro tendia a encerrar o lance.

-Pesquisador: a festa daqui do sagrado coração, o que foi que você achou da festa?

-Informante: achei ótima a festa, gente boa de fazer, de trabalhar.

-Pesquisador: foi tranquilo?

-Informante:O pessoal tudo tranquilo, nenhuma disputa .

-Pesquisador : Não teve nenhuma discussão?

Informante: Não, não, nenhuma disputa de preso.

-Pesquisador: o padre conversou com você antes? Estabeleceu algum limite de preço pra as galinhas, como foi assim o esquema?

-Informante: Sempre conversa, se tiver algum confronto, a gente vira, da ate as costas pra o outro, só pra não ouvir. (Entrevista realizada com Seridó, em 14/01/2013)

Lanna (1995) nos chama a atenção para esse fenômeno de competição entre lados opostos da política local como forma de demonstrar que as festas de padroeiro “exprime as divisões sociais daquele local que a celebra” (LANNA, 1995, p. 196).

Já chamamos atenção para o papel do leiloeiro, resta agora trabalhar um pouco com o significado simbólico desempenhado pelo frango. Num primeiro momento, podemos afirmar que o frango é objeto do desejo dos que dão lances, muitas vezes extrapolando e supervalorizando o valor real, como já descrito acima, esse frango é um símbolo que permite testar audiência e popularidade do político, permite ostentar poder econômico junto a comunidade em geral e pode também, ser até servir como uma ação de escárnio a uma população carente de todos os serviços para acesso a uma vida com o mínimo de dignidade.

A grande maioria dos que assistem aos leilões da festa do Sagrado Coração de Jesus funcionam como plateia a assistirem a exibição dos detentores do poder político e econômico. “Desta forma, se não importa o quanto a galinha seja ruim gustativamente, da mesma forma, não importa o quanto ela seja boa gustativamente. A galinha é boa para se pensar, seja na sua variação gorda e gostosa, seja na sua variação magra e ruim”. (PIRES, 2003, p. 69)

Esse símbolo importantíssimo que é o frango vai gerando valor e agregando mais e mais a cada lance feito, quanto mais alto o valor, mais importância se dá a quem o comprou, como já dito, geralmente quem o compra é um político, ou alguém de *status* social e econômico elevado.

O prestígio deriva-se da acumulação, da capacidade de pagar os preços mais altos e, em última análise, em comer a carne, o frango ou a perna do garrote. Essa fase não exclui a dádiva,

pois a carne arrematada é consumida pela mesa, isto é, por um grupo restrito formado pelo chefe da mesa, que é o patrão ou político mais rico, influente “forte”, ou disposto a gastar daquele grupo, e seus convidado. (LANNA, 1995, p 178)

O frango é uma espécie de moeda de troca simbólica; se no *potlatch* tínhamos os cobertores jogados em uma grande fogueira para serem destruídos, no *Kula*, colares e pulseiras para serem permutados, em Santa Cruz, na festa de padroeiro, temos o frango inteiro e assado servido com farofa. Quanto mais frango uma mesa ou seu chefe consegue arrematar e distribuir entre os seus, mais prestigiado e reconhecido ele será durante e depois da festa.

IV.VI CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho dissertativo objetivou analisar a festa do Sagrado Coração de Jesus, padroeiro da cidade de Santa Cruz, e a sua apropriação pela política local. Como visto durante o texto, foi uma pesquisa que nos afetou enquanto nativo e pesquisador, não apenas pela dificuldade de tentar compreender e observar de formas diversificadas o fenômeno do leilão, mas principalmente pela desconstrução da imagem de um festeiro desavisado das intenções dos políticos locais.

Nosso processo de escrita e análise foi permeado por uma constante desconstrução de categorias teóricas e pensamentos do senso comum. É muito interessante chegar à conclusão de uma pesquisa e analisar como você, suas ideias, sua hipótese e até mesmo o modo da escrita mudaram. O ato de pesquisar e escrever faz parte do processo contínuo de desconstrução.

A primeira mudança teórica foi conseguir compreender que o sagrado e profano não são passíveis de separação, é um sistema binário, um não existe sem o outro. Foi interessante observar que existe um profano, mesmo na parte mais religiosa da festa, como a procissão mostrou, desde a sua saída e chegada à Igreja, existiam pessoas com intenções diferentes, que não estariam ali para rezar apenas, mas para serem vistas. Conseguimos observar também que, mesmo durante uma festa regada a comida e a bebida, existem outros motivos como o de “ajudar a Igreja”, podemos dizer que essa intenção vem daqueles que pouco tem pra dar, mas não se furtam em contribuir com a compra de um salgadinho ou de outra comida ou bebida. Nem tudo são trevas, nem tudo é luz. Como dito e reafirmado inúmeras vezes, os motivos para se participar de uma festa como essa são múltiplos.

Fomos pegos de surpresa ao nos deparar com algumas categorias nativas, especialmente quando dito e afirmado muitas vezes que o político quer “aparecer”. O político ao querer aparecer, possibilita a visualização de toda uma rede de acontecimentos desencadeados com apenas um ato, o da compra de um frango assado, ou melhor, ganha uma dimensão diferenciada todo o

processo de preparação da festa. Não é mais apenas o ato de festejar um santo padroeiro, vai muito além disso. Observamos que os propósitos de se participar de uma festa de barraca são diversos, é tudo muito plural, talvez por isso corrêsemos o risco de não atingirmos o nosso objetivo inicial completamente. A festa encanta, nos permite diversificar o olhar, as interpretações, de fato, ela nos apaixona.

Outra grata surpresa foi compreender que a festa do Sagrado Coração de Jesus muda, mantém-se em constante transformação, assim, conseguimos perceber que o que importa hoje durante o leilão, não é precisamente o valor que você paga pelo frango, já que existe um limite máximo nos valores, deixou de disputar com grandes valores, e passou a disputar pela quantidade. Quanto mais frango, mais pessoas comem, mais dádiva você distribui, sendo retribuída igualmente, a circulação desse bem passou a ser maior, aumentando a possibilidade de agradar a um número maior de possíveis eleitores.

Outro ponto importante é que podemos afirmar que a Igreja católica, na figura do seu padre local, influenciou as estratégias políticas que ocorriam durante a festa de padroeiro, cremos que tal fato se deu pelas mudanças radicais proporcionadas pelo então padre D'jacy, reforçamos a ideia, levando em consideração a delimitação dos valores possíveis durante os leilões no ano de 2012. Tais mudanças servem de controle por parte da Igreja, que pretende continuar tentando romanizar o nosso catolicismo popular.

Outro fator que surgiu durante as leituras e análise das entrevistas, juntamente com a leitura do diário de campo foi que detectamos o surgimento do político profissional, aquele que utiliza o Estado como forma de promoção pessoal, fazendo com que seu poder aumente, sendo possível a sua estadia em cargo público. Esse balcão de negócios é visível entre, Igreja e Prefeitura, e entre prefeito/vereadores e eleitores, ora em escala reduzida, ora em escala ampliada.

Podemos fazer considerações mais pontuais, tais como a certeza de que a festa do Sagrado Coração de Jesus, ganha mais notoriedade durante o ano eleitoral, sendo esquecida por grande parte dos políticos e futuros candidatos

em anos em que não ocorrem eleições. Demonstram assim que existe um interesse especial pela festa.

Outro aspecto que merece destaque é que, conceitos de festa não são passíveis de serem empregados em toda e qualquer festividade, requer uma análise profunda, sempre em constante ligação com o campo escolhido. Não devemos engavetar um objeto em uma teoria, mas adaptar a teoria ao objeto.

Para fecharmos esse ciclo, seremos pontuais ao extremo:

Nossa hipótese de trabalho foi a de que a festa do padroeiro da cidade de Santa Cruz e as atividades concernentes à festa Católica servem de canal de fortalecimento e perpetuação do poder local por parte dos políticos e seus prepostos.

Podemos afirmar que sim, ano após ano a festa é apropriada, mudanças ocorrem no modo de se festejar, os políticos se reinventam no modo de apropriação. Talvez não tenhamos conseguido durante todo o texto mostrar todos os passos e modos possíveis, mas seria uma tarefa quase impossível visando o tempo e o esforço empreendido durante o processo de pesquisa, análise e escrita, mas podemos ter essa certeza, a festa é apropriada pelos políticos locais, nela eles buscam fortalecer seu capital político e social.

Ao confirmarmos a nossa hipótese, asseveramos que etnografamos a Festa do Sagrado Coração de Jesus, especialmente os leilões nos pavilhões da festa nos anos de 2012 e 2013. Coletamos dados por meio de relatos orais e documentos diversos, podendo assim constatar as mudanças ocorridas na festa ao longo de sua existência; e o mais interessante ao nosso ver, conseguimos investigar as formas e as estratégias que os políticos utilizam para circularem durante a festa e construírem seu capital político, conseqüentemente, sua permanência no poder local.

Para concluirmos, não queremos aqui propor verdades universais, pois elas não existem, e afirmamos que ficamos com incerteza quanto as nossas verdades construídas, por isso o trabalho não se dá por acabado e finalizado, muito ficou por ser explicado e debatido, pois a festa é um fenômeno que

sempre nos escapa a análise e novamente, certamente mudará, e outras análises podem e devem ser feitas.

Encerramos mais um ciclo na certeza de que a festa do Sagrado Coração de Jesus passará doravante a ser vista e vivida por nós com outras lentes, com outras percepções e significados, sem deixar de ser um importante fato social para todos aqueles, que todos os anos, organizam e se preparam para viver a sua festa maior.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita. Festas Católicas Brasileiras e os Milagres do Povo. Civitas-Revista de Ciências Sociais, Junho, ano 001, volume 3. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. Brasil.

BOBBIO. Norberto. O Futuro da Democracia. Editora Paz e Terra. 2000.

BOBBIO. Norberto. Nicola Matteucci, E Gianfranco Pasquino. Dicionário de Política. Editora da Universidade de Brasília. 1983.

BOURDIEU, Pierre. O poder Simbólico. 4ª edição, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2001.

- _____. Ofício de Sociólogo: metodologia da pesquisa na sociologia/ Pierre Bourdieu, Jean-Claude Chamboredon, Jean-Claude Passeron; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. (1930).

- _____. O poder simbólico/ Pierre Bourdieu; tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) – 13ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A Cultura na Rua. Editora Papirus, 1989.

_____. Memória do sagrado: estudos de religião e ritual. São Paulo, Editora Paulinas, 1985.

BRASILEIRO. Cyntia Carolina Besera. Motivação do voto e comportamento eleitoral em Campina Grande- Eleições 2010. Dissertação de Mestrado 2012. Universidade Federal de Campina Grande.

CAILLOIS. Roger. L`homme et le sacré. Paris, Gallimard. 1989. Tradução Léa Freitas Perez.

CANCLINI. Néstor García. As culturas populares no capitalismo. Editora brasiliense. 1983.

_____ O consumo serve pra pensar. In: Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora: UFRJ, p. 75 a 94. 1999.

CASTRO. Celso Antonio de. Leonor Peçanha Falcão. Ciência Política? Uma introdução. São Paulo, Editora Atlas, 2004.

CHAVES. Christine de Alencar. Festas da Política: Uma etnografia da modernidade no sertão [Burity- MG]. 2003. Relume Dumará.

DEL PRIORE. Mary. Festas e Utopias no Brasil Colonial. Editora brasiliense. 2000.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, Malandros e Heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

DURKHEIM. Emile. As formas elementares da vida religiosa. 1985.

ESCALATE. Eduardo A.. A festa de Santa Cruz da aldeia de Carapicuíba no estado de São Paulo. Premio Silvio Romero 1974. Secretaria da Cultura do estado de São Paulo. FUNARTE/MEC/Instituto nacional do folclore.

GEERTZ, Clifford. Do Ponto de Vista dos Nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: O Saber Local: Novos Ensaio em Antropologia Interpretativa. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

KUSCHINIR. Karina. Antropologia e Política. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 22 nº. 64. 2007.

LANNA, Marcos. Festa e Política, In: Vivência, Revista do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFRN. V 13. n.1 Jan/jun. 1999.

_____ A Dívida Divina: troca e patronagem no Nordeste brasileiro, Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade. A Fábrica dos Sonhos: a invenção da festa junina no espaço urbano. Editora Idéia, 2002.

_____ Sentidos da Festa e do Festejar, Campina Grande, Revista Ariús-CH-UFCG.

MINAYO, M. C. S. (Org). DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES, R. "Pesquisa Social: teoria, método e criatividade". Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. Págs 09-27.

MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia, São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. Festa, religião e cidade: corpo e alma do Brasil. Porto Alegre, Medianiz, 2011.

_____ Dionísio nos trópicos: Festa religiosa e barroquização do mundo – por uma antropologia das efervescências coletivas, edição online, 2002.

OZOUF, Mona. A festa sob a revolução francesa. Jaques Le Goff e Pierre Nora. História: novos objetos. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1976.

PIRES, Flávia Ferreira. Os filhos- ausentes e as penosas de São Sebastiãozinho. Etnografia da Festa da Catingueira/ PB. Dissertação de Mestrado. Museu Nacional/ UFRJ 2003.

QUEIROZ. Maria Isaura Pereira. O Catolicismo Rústico no Brasil. 1994.

SANCHES. Pierre. Arraial: festa de um povo. As romarias portuguesas. Lisboa, publicação dom Quixote. 1983.

SANTOS. Evson Malaquias de Moraes. A alegria de ser sensual, autoritário e hierarquizado. O imaginário da cultura doméstico-clientelista na escola pública estadual de Recife. XXV ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS 16 A 20 DE OUTUBRO DE 2001 CAXAMBU – MG.

STEIL. Carlos Alberto. O Sertão das Romarias: Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa- Bahia. 1996. Editora Vozes.

VELHO, G. "Observando o Familiar". In: Individualismo e Cultura. Notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea. 2ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, p 121-132. 1987 (1978).

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O Trabalho do Antropólogo. 1998. Editora UNESP.

WEBER, M. Os tipos de dominação. In: Economia e Sociedade. Brasília: Editora UnB. Vol.1, Págs. 139-198. (1994).

_____. Sobre o conceito de Sociologia e o "Sentido da Conduta Social".

148 In: Conceitos básicos de Sociologia. São Paulo: Editora Moraes. Págs 9-39. 1987.

- _____. Sociologia da dominação. In: Economia e sociedade: Fundamentos da Sociologia Compreensiva [1922]. Brasília: Editora UnB. Vol. 2. Págs. 187-233. (1999).

- _____. A política como vocação. In: Ensaio de Sociologia. 5ª ed. Rio de Janeiro: LTC, Editora S.A. Discurso pronunciado na universidade de Munique, 1918. 2002.

Mídias Eletrônicas

FERRARI, Márcio. Pierre Bourdieu - O investigador da desigualdade. Editora Abril.

IBGE. < <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> acessado em 8 de dezembro de 2010.